

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

# REMINISCÊNCIAS...





"Permanecia eu em sala de aula, com um tinteiro sobre a carteira — coisa não permitida pela direção do estabelecimento, pelas justas razões que compreenderão, mais adiante — tentando encher minha caneta, quando o "seu" Nelson Cardoso, vice-diretor, sorrateiramente, se aproxima pé ante pé e me colhe com a inseparável regua-de-bolos, acertando-me o braço com que firmava o tinteiro

Aí, aconteceu o mais grave.

Além do banho de tinta que me proporcionou, manchou terrivelmente as costas do uniforme cáqui do colega Reginaldo, que se encontrava no assento dianteiro, e, até mesmo, para cúmulo do azar, a camisa e o próprio rosto d'ele, Nelson, ficando como um mascarado, longe do Carnaval, tal a rapidez e desajeitamento com que se houve.

Eu mesmo, depois, nem sabia como ir para casa naquele estado!

Entretanto, hoje, para meus filhos, tal relato constitui a maior delícia de nossas horas íntimas, principalmente quando o tempo me permite permenorizar o evento, indo até ao desfêcho chamado que foi o meu pai não só para tomar conhecimento da suspensão que me fôra imposta, senão ainda para indenizar a camisa do vice-diretor, que havia ficado inutilizada...

Meu pai, após ouvir calmamente a comunicação, em casa, me chamou. E advertiu-me quanto às desobediências: estava eu a crescer.

Quatro dias depois, porém, concluída a suspensão, determinou que eu mesmo fôsse o portador do enorme embrulho: cinco metros de pano para a camisa de "seu" Nelson!

Que era realmente assim: uma bondade e graça caricatural, de recordação sempre agradável e pitoresca.

— Deus o tenha em bom lugar!"

Aníbal Meireles

As Luz Borbo:

meu amigo, porque quer...

Que está deixando de ser  
Para que sinta onde se plasmon  
a minha formação  
do confrade!

Deleufochard  
Em 20.7.04



DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

(Fundador da Arcádia Iguaçuana de Letras)

# REMINISCÊNCIAS...

(DO GINÁSIO ARTE E INSTRUÇÃO)

1.º VOLUME



1964



Obras de Deoclécio Dias Machado Filho:

- 1 — A SOMBRA DOS LARANJAIS — 1953 — 1 milheiro — Esgotado. (Crônica de sua mocidade em Nova Iguaçu).
- 2 — SOB O CEU DE MINHA TERRA — 1956 — (Contos) — Esgotado.
- 3 — TRADIÇÃO DE UM NOME — 1956 — 1 milheiro — Esgotado. (Seus esforços pró-construção da sede do E. C. Iguaçu).
- 4 — IGUAÇU, TERRA DE GENTE ILUSTRE — 1957 — 1 milheiro — Esgotado. (Estudo sobre os grandes homens do passado iguaçuano).
- 5 — "O IGUAÇUANO" — 1961 — (Peça teatral sobre a vida e obra de Rangel Pestana), já exibida na Arcádia Iguaçuana de Letras e elogiada pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio e Câmara de Vereadores, de Nova Iguaçu. Em 3 atos.
- 6 — "NO SOCIETY IGUAÇUANO" — 1963 — Representativa daquela sociedade fluminense, rica de tradições.
- 7 — VERAS DALMA — 1964 — 1 milheiro — Crônicas, discursos e ensaios que retratam seu ânimo e zelo pela Arcádia Iguaçuana de Letras, de que foi um dos fundadores e membro mais atuante.
- 8 — REMINISCÊNCIAS... — 1964 — 1 milheiro — Memórias de seu tempo de estudante, como bacharelando que foi da turma de 1934, do "Arte e Instrução".

*A meus colegas de turma de 1934,*

*Aida Moutinho dos Reis  
Almir Gonçalves Capela  
André de Sousa Villon  
Anibal da Silva Meireles  
Antônio Marques  
Ararê Ubirajara Fernandes  
Ari Chateaubriand Alvares (falecido)  
Arlindo Moreno  
Arquimedes Jannuzzi  
Artur Martins Viana  
Ascânio Dodds Guerra  
Austregésilo Barreto (falecido)*

*Benedito Dias Monteiro*

*Carlos Soares do Couto  
Celina Marques  
Celso de Oliveira*

*Darci Nunes da Silva  
Déa de Sousa Nogueira*



*Edmundo de Oliveira Sales*  
*Elga de Araujo Coriolano*

*Fernando Nunes Brigagão*

*Geraldo Crispim Sodré de Macedo (falecido)*  
*Geraldo de Aquino Chaves*  
*Geraldo de Moraes*

*Humberto Prado Filho*  
*Hélio Garcia (falecido)*

*Ilka Moutinho dos Reis*

*Jacob Antunes Brum (falecido)*  
*Joel de Sousa Meireles*  
*Jorge Monassa*  
*José Antônio Cesário de Melo*  
*José Calístenes Pereira Carauta*  
*José Brandão Ferreira de Azevedo (falecido)*  
*Josefina Monassa*  
*Júlio da Cunha Soares*  
*Juraci Pinto da Silva*

*Leopoldo de Oliveira Masson*  
*Luiz Claudino de Assunção (falecido)*  
*Luiz de Castro Campos*  
*Luiz Silveira*

*Marcelo Borges*  
*Manoel José Ferreira Filho (falecido)*  
*Manoel de Freitas Ribeiro (falecido)*  
*Manoel Pinheiro Guimarães*  
*Marco Aurélio de Castro*  
*Maria Helena Knaack de Sousa*  
*Maria José Vasconcelos Monteiro*  
*Maria de Lurdes Cunha*  
*Maria Lídia Soares*  
*Mário de Assis Nogueira*  
*Mário Pinheiro Guimarães*  
*Maximiano Reznik*  
*Milton Lopes da Costa*  
*Miguel de Franco*  
*Moacir Gomes Correia*  
*Moacir Roque Pinheiro*  
*Murilo de Castro*

*Natércia Alves Torres*  
*Newton Tupinambá*  
*Nilo Guimarães de Sousa*  
*Nize da Silva Barbosa*

*Oneide Lemos de Castro*  
*Otávio Jannuzzi*

*Reginaldo Roosevelt Bastos*  
*Renato Chaves Borges*  
*Roberto Ferreira*



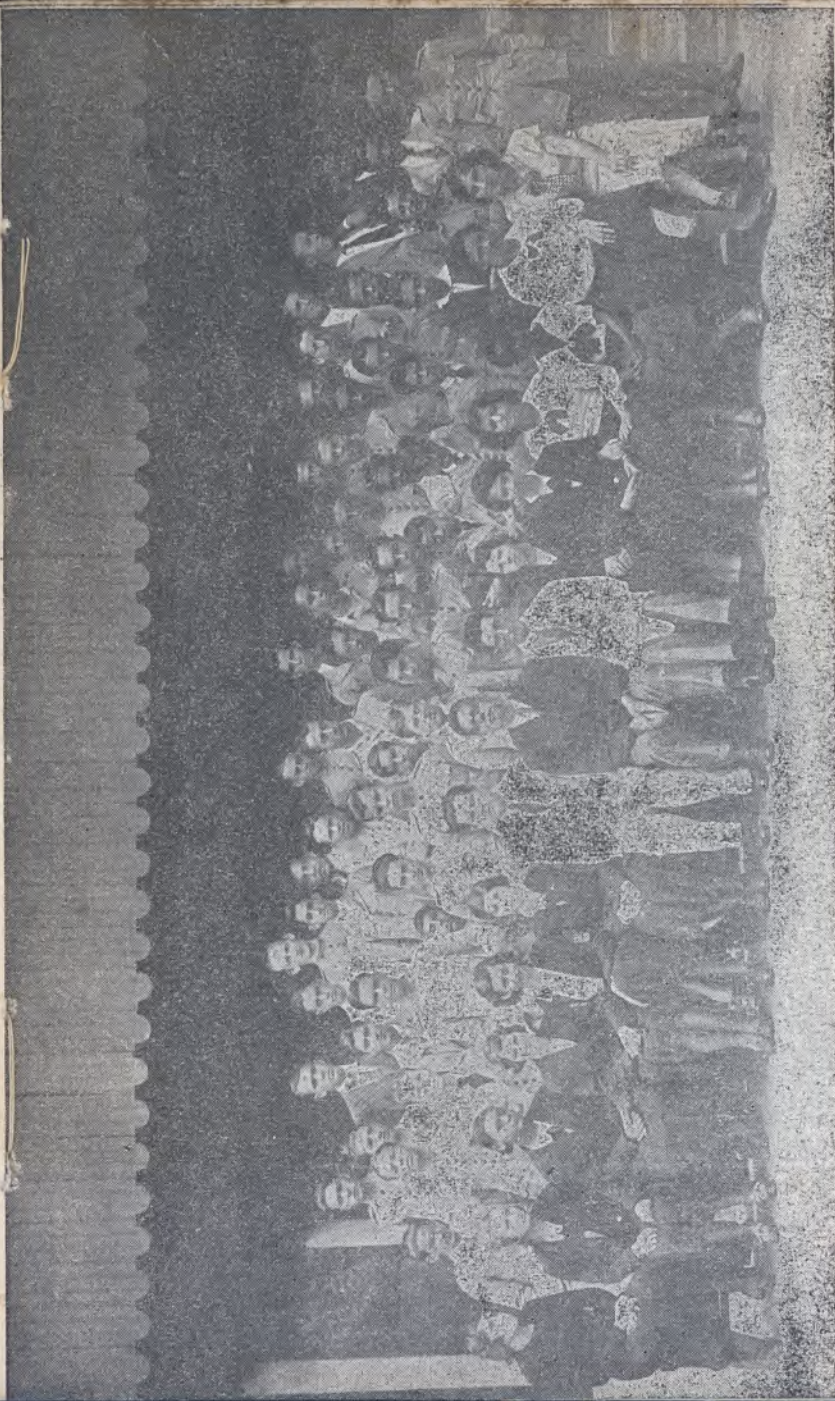
Roberto Stein  
Rubens Lopes da Costa

Silvio Osório de Castro

Túlio Pradal

Valter Bernardes Gil (falecido)  
Valter da Silva,

*pelo muito que ainda lhes devo  
em admiração e amizade, ao  
integrarem a inesquecível plêia-  
de a que me orgulho de haver  
pertencido.*



*Éis a famosa Turma de 1934, capaz de fornecer assunto para uma eternidade, tais e tantos foram os valores que reuniu.*



*Ao dr. Ernani Figueiredo Cardoso,*

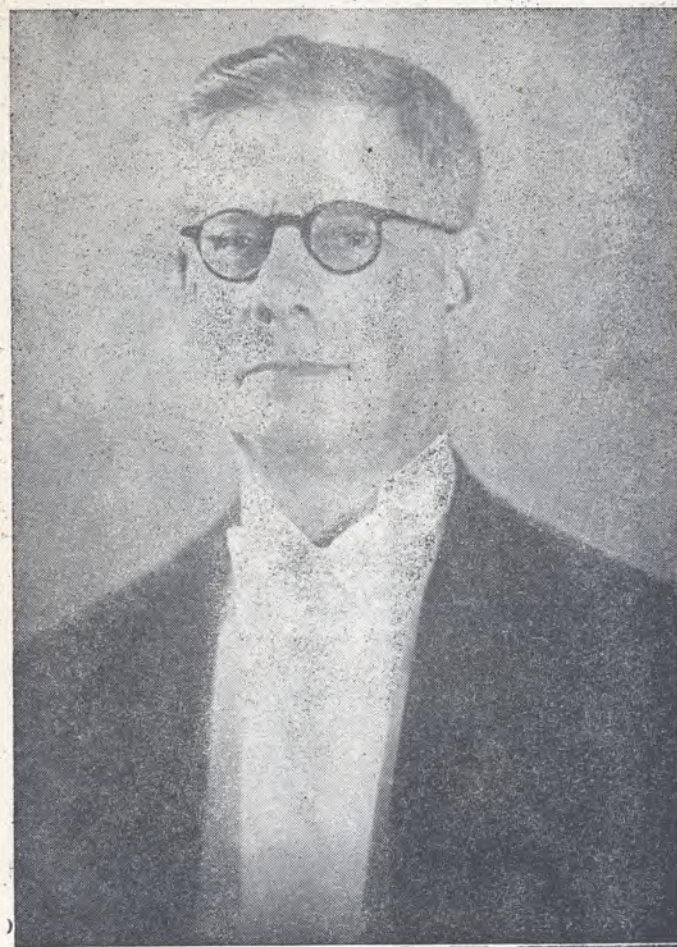
*que chegou a viver 62 anos, quase que exclusivamente dedicados ao magistério.*

*Nascido a 1.º de janeiro de 1888, em Santa Cruz, hoje Estado da Guanabara, nesta mesma cidade de onde lhe enviaram grande número de alunos, para que transmitisse os fulgores de seu conhecimento, — fez o curso primário, tendo por professores o sr. Afro das Chagas e D. Eudóxia, auxiliar de ensino.*

*Mais tarde, presta exames para o tradicional Colégio Pedro II, onde veio a concluir o ginásial, da mesma maneira como o fizeram muitos de seus alunos, após o término do primário, quando seu estabelecimento não era ainda oficializado.*

*Nesta fase, segundo o depoimento do professor Olavo Aníbal Nascentes, quase todos os alunos do "Arte e Instrução" eram bem classificados no exame de admissão, numa proporção superior a 80%, relativamente aos alunos de outros colégios, visto como seu genitor, a grande figura do professor Antenor Nascentes, autor de inúmeros livros didáticos, fazia parte das bancas examinadoras e disso dava testemunho.*

*O superior, fê-lo na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, curso que concluiu no ano de 1921, exatamente no dia 27 de dezembro, em que dá novos impulsos à sua vida,*



*Dr. Ernani Figueiredo Cardoso*



graças ao outro diploma conseguido no ano anterior, em 10 de junho, de Filosofia e Letras do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro.

Mais adiante, chegou a ser 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> suplente da 7.<sup>a</sup> Pretoria Cível, além de Juiz Substituto. Começava o político.

Nas eleições de 14 de outubro de 1934, em que o autor destas "Reminiscências", bem como seus colegas de turma concluíam o ginasial, o dr. Ernani Cardoso se elegia vereador pelo Partido Autonomista, chegando a presidente da Câmara Municipal.

Em 1946, no dia 28 de janeiro, é eleito suplente de Deputado Federal, depois de igualmente haver pertencido a inúmeras entidades, como, por exemplo, à Associação Brasileira de Educação, Associação Brasileira de Imprensa, Sindicato dos Diretores de Estabelecimentos, Conselho Consultivo do Distrito Federal, etc.

Depois de haver participado de numerosas reformas de ensino e de haver colaborado para a formação espiritual de milhares de brasileiros, mesmo aqueles sem os necessários recursos para pagamentos das mensalidades escolares, faleceu no dia 17 de novembro de 1950, quando muitos lhe renderam homenagem pelo seu grande coração de pai e professor.

Seu corpo hoje, depois de tanta labuta, descansa tranqüilo e reverente, no cemitério do Pi-

chincha, em Jacarepaguá, cuja subida se faz ao lado do "Instituto Jannuzzi", de que é proprietário um de seus mais diletos e queridos alunos, o professor Otávio Jannuzzi, que fizera todo o curso no "Arte e Instrução", desde as séries primárias. É o marco luminoso da entrada.

E hoje, aonde quer que se vá, é difícil não se encontrar um que não haja sido discípulo do Ginásio — atualmente denominado Colégio — a que deu o máximo de suas energias, para que chegasse à condição, como chegou, de estabelecimento modelar, com milhares de alunos e professores a trocarem lições, em vários turnos.

No dia em que lá fui reverenciar a lápide, em mármore negro, muitas destas coisas que passam e repassam neste livro, me acudiram, tangido que fui pela saudade.

Olhei em derredor. Observei a vegetação luxuriante à sua volta, bem como alguns ciprestes plantados a distância, servindo de moldura à paisagem. Por outro lado, a brisa amena, naquela manhã de sol, também envolvia os religiosos que lá foram rezar, sacudindo alguns véus que balouçavam como num adeus...

Não podiam ter escolhido realmente melhor lugar, nem mais alto, para que a terra permanecesse naquele seu abraço eterno ao preceptor de tantas gerações!

Ao dr. Ernani Cardoso, mestre e amigo, os meus melhores agradecimentos.



*A meus professores,*

João Barbosa de Moraes  
 Zulmiro Gomes de Pinho (falecido em 1956)  
 João Batista Quintanilha  
 Herminio Duarte Martins  
 Manoel Figueiredo Cardoso (falecido)  
 Juvenal Justino Peixoto  
 Ernani Xavier de Brito  
 Cândido Gabriel de Sousa Filho  
 Olavo Anibal Nascentes  
 Luiz Dantas de Castilho  
 Euclides de Carvalho  
 Xisto Bahia  
 João Tomaz Neto  
 Moisés Mesquita  
 Salo Brand  
 José Pinheiro Campos  
 Moacir Alves Cardoso  
 Manoel Frères  
 Osmar Belo Brandão  
 Nelson Figueiredo Cardoso  
 Félix Valois de Araujo  
 Oton Moacir Garcia

a cujo esforço assisti, contem-  
 plativo. E ainda que todos ten-  
 temos pagar, como se procura  
 fazer agora, em ouro puro, o  
 mister do ensino, eternamente  
 lhes deveremos o salário do co-  
 ração.

*A GUIA DE PREFÁCIO*

Rio de Janeiro, 21 de junho de 1964.

Prezado Deoclécio:

Eu podia fazer um prefácio muito bonitinho,  
 penteadinho, mas isto que aí está é carta a você.  
 Nada mais. Agora, se você quiser tirar coisas daí  
 para arrumar um prefácio, o problema é seu. Ar-  
 rume que eu assino em cruz o que você me apre-  
 sentar.

Gosto de escrever aos meus amigos conversan-  
 do naturalmente, sendo eu mesmo. Fico cansado  
 quando tenho de escrever para os outros, pensan-  
 do em acentos, pontuações, sintaxes e outras bu-  
 gigangas.

"E' tão fácil fingir de clássico!

Basta folhear um dicionário, colher uns tantos  
 arcaísmos que todos desconheçam, arrevesar a  
 construção natural, e assim deslumbrar o grande  
 público, ingênuo, ignorante.

Chama-se a isto cuidar do estilo. Pobre es-  
 tilo!"

Sabe de quem é isso? De meu pai, num livro  
 sobre regência. (A turma que fala lambendo as  
 palavras, "com meneios do corpo e ar da fala",  
 cheia de prolaças, se bem que etc. se danou...)



Então vamos ao Ginásio. Agora é Colégio. (E lá me vêm lembranças de leitura: "Na incapacidade de criar doutrinas, nossos gramáticos sofrem da mania de inventar nomes, de preferência complicados e de origem grega. Com espírito, diz Millardet — *Linguistique et Dialectologie Romanes* — 458, "c'est avec des étiquettes que se font les révolutions".)

Isto também é de meu pai, num trabalho sobre nomenclatura gramatical, escrito há uns 20 anos. Pensando bem, no fundo tudo é questão de semântica...

Que tal o Colégio agora? Está gostando de ver? Eu estou.

Olha! (Devia ser olhe: olha tu, olhe você etc., mas fica. Eu digo: não grita! Acho mais meigo que não grite...) Lá vem o Girão "esfolar" uns garotos. Fala Ascênso!

"Riscando os cavalos!

Tinindo as esporas!

Través das cochilas!

Sai de meus pagos em louca arrancada!

— Para quê?

— Pra nada!"

E' ele mesmo. Aqui parece Xangri-Lá...

Vamos à Secretaria (sua antiga sala de aula)

que eu vou apanhar uns elementos para você com o Capela. Depois você vá para o seu Carlos Chagas tratar dos doentes do corpo. Viu? Até logo.

E o Capela, com aquela memória de anjo: Deoclécio Dias Machado Filho, bacharel de 34.

A pedido meu, foi ao arquivo e trouxe o livro de atas na mesma hora, tão arrumado anda tudo dele. Sentei-me para copiar os elementos, e a Saudade começou a invadir o meu espírito, quando começou ele a recitar os nomes das contas do meu rosário:... ("Muita vez ficava a refletir sobre que destino teria levado todos esses rapazes. Essas contas que um dia ele tivera reunidas no mesmo rosário, por onde se haveriam elas dispersado, umas para se quebrarem, outras para formarem desenhos desconhecidos?" — James Hilton, "Adeus, Mr. Chips!")

Preferindo ficar sozinho, pedi-lhe o livro (...são apenas nomes para ele, que não lhe vê as fisionomias como eu vejo... Id., ibid.) Sim; eu vejo mais do que as fisionomias.

Aida Moutinho dos Reis. Lembro-me bem. Irmã da Ilka, meninas aplicadas, tipo de meninas que tiveram bom berço.

André de Sousa Villon. O André, seu nome vocatório para mim. Inteligente, brincalhão (que sempre soube até onde podiam chegar suas brincadeiras). Agora é ator dos grandes, conhecido no estrangeiro. Tem a mania de se referir a mim



do palco, quando me vê na platéia... (O Olavo já me disse... Só na cabeça do Olavo que passava uma idéia dessas...). Uma vez ia ver a mãe dêle em Santa Cruz. Encontrou-se comigo e o Oton, e lá se foi o trem. Não foi senão no dia seguinte.

Ari Chateaubriand. Era primo do Coelho, meu amigo de infância, coronel ou general do Exército lá em Florianópolis. Morreu cedo. (Morrem jovens aqueles a quem os deuses amam, ensinava Menandro).

Deoclécio Dias Machado Filho. Um G. B. Shaw diria: "Aventuras de um médico que procurava um prefácio." Vejo-o de penceñê, risinho, pequenino. (Depois quebrou o penceñê e usava o caco como monóculo). Agora é o Dr. Deoclécio, da equipe do Hospital Carlos Chagas, autor de "A sombra dos laranjais", "Iguaçu, terra de gente ilustre", "Veras dalma" e outras coisas maravilhosas.

Brigagão (Fernando Nunes). Garoto alourado, de uns espertos olhos verdes, curioso. Nunca mais o vi, como a tantos outros.

Hélio. Hélio Garcia, irmão do Oton. Garoto estudioso, respeitado pelos colegas. Gostava de mim, do meu jeito.

Déa de Sousa Nogueira. Também estudiosa, pianista. Fêz uma boina para minha namorada que estava doentinha...

Cesário de Melo (José Antônio). Pinta de garoto inglês, filho de lorde. Era filho do Dr. Cesário de Melo, amigo do Dr. Ernani.

Júlio da Cunha Soares. Irmão da Maria Lídia. Filhos do Prof. Osvaldo Soares, professor do Ginásio, amigo do Dr. Ernani.

E eu fui vendo os outros porque o Capela apareceu com outro livro. Li depressa: Juraci, Masson, Maria Helena Knaack, Maria José, Maria Lídia, Manuel Pinheiro Guimarães, Milton Lopes da Costa, Moacir Correia, Natércia, Oneide, Jannuzzi, Roberto Stein, Rubens Lopes da Costa e Silvio Osório.

Contas do meu rosário!...

Virei a página e cai na outra turma:

Aníbal da Silva Meireles, Antônio Marques, Arquimedes Jannuzzi. (O Arquimedes, que acabou sendo meu padrinho de casamento. Tem pena de todo mundo, quer resolver tudo para todos, advogado que presta contas de um tostão... Não existe).

Fui lendo, guardando os que vi ultimamente, ou melhor, de uns 10 anos para cá. Humberto Prado, médico do Hospital Jesus. Cismava que era Prado Filho e êle ficava danado da vida.

Mário de Assis Nogueira. O Mário. Lembrou-me bem dêle. Na hora do recreio era o Chantcler olhando o sol aparecer no horizonte. Destacava-se. Foi por causa de um palpite dêle que eu



li com mais cuidado a *Sintaxe Histórica do Epifânio*. Serviu de exemplo para muitos colegas. O Dr. Ernani sempre que se referia a êle, ao Einaldo Ramos, ao Oton e a muito poucos era com um orgulho enorme.

Dêle há um livro sobre energia atômica que me deixou tonto: O meu gás só chega até o Epifânio... Urânio 235, Plutônio 239, 30.000 quilowatt/m<sup>3</sup>, isótopo 018 me arrebatam logo de saída. Eclésia, irmã dêle, esteve aqui na festa do Morais. Gente de classe.

Miguel de Franco. Inteligente, aplicado. Interessante, só me lembro dêle à paisana. Estivemos juntos em uma igreja, há pouco, e só falávamos pelos olhos, de longe. Soube que entende de questões trabalhistas como poucos. Deve ser um grande advogado.

Luiz de Castro Campos. Também inteligente, caprichoso. Irmão do Geraldo. Vi na Vila Militar. Foi professor de meu cunhado na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército.

Ainda li mais no livro de atas: Artur Viana, Austregésilo, Benedito, Carlos Couto, Jacob Brum, Joel Meireles, Brandão, Luiz Claudino, Marcelô Borges e Renato, Marco Aurélio, Mário Pinheiro Guimarães, Reznik, Tupinambá, Nilo de Sousa, Reginaldo Bastos, Túlio e Valter Gil.

Sobre cada um dêles tenho uma coisa para contar, mas o Capela quer que eu veja o livro de 32. Vamós a êle.

E' o primeiro ano, meus primeiros alunos também.

Adalberto, Adauto, Abokater, Alberto Dau, Alceu Lemos de Castro, Altino, Antenor, Araújo (Francês), Hermida, Antoninho, Antônio Rosa, Quintas, Ari Pires, Falcão, Avelino, Cândido, Palma, Constantino, Darci, Dario, Djalma Dutra, Souza Costa, Gerd, Gil de Matos, Goniglo, Graziani, Idalina, Ilza Freitas.

Agora tenho de ver os outros da outra turma:

Italo Pradal, Jônatas, Kleber, Leopoldo, Pina, Monassa, Carmezim, Moacir de Freitas, Murilo Bastos Martins, Brito Melo, Chrisman, Orlandinho, Osvaldo Frederico, Travessa, Mota, Paulo Lippolis, Orsolon, Roberto Tôrres, Tarcísio Woolf, Con-tinentino, Areas, Zelino.

Veja você, Deoclécio. Imagine se posso estender-me. Como é que poderia escrever prefácio com tanto elemento humano para explorar. Estou vendo todos êles, aqui, em cima da máquina, com aquelas carinhas simpáticas.

Contas do meu rosário! Quanto de bom estou desejando a vocês todos, a suas famílias.

Vou terminar, Deoclécio, mas quero ver uns garotos que você não conheceu. São uns garotos



que estão aqui no Colégio como professores. São da turma de que fui o paraninfo.

Arlindo Correia, Cary Cassiano Cavalcanti, Edurado Fontes, Feliz dos Santos, Irecê Guimarães Lôbo, Lakir de Aguiar. Continuam a me tratar como se eu ainda fôsse o professor dêles. E' gozado. São professores também, mas em outros locais: Alexandre Mendes dos Reis, João d'Andrade Leite, Militza de Almeida Nobre, Miralda de Almeida Nobre e Silvio Serpa Costa.

Tenho a impressão que foi a turma que deu mais professores. Ainda vou apurar isso com o Capela. Lembro-me de que foi uma eleição agitadíssima. As meninas (90%) não queriam. Houve gritos, desmaios, rompimento de namoros, anulação da eleição, outra eleição, queriam que o Dr. Ernani me cassasse...

E venci a eleição. (Ah! vocês querem? Mandei brasa.)

Fiz um discurso violento. (Tinha 25 anos). Lembro-me de muita luz no palco, do Dr. Ernani na presidência, do seu Nélson, do Oton (que só dizia: *Aí, Nascentes!*) e dos aplausos que recebi. Parecia que estavam querendo bis. Devo ter dito muita coisa dura. Não me lembro de nada e joguei fora o discurso. Ainda não aprendi a guardar o que escrevo. Fui abraçado pelo Dr. Ernani e chorei.

Deoclécio, sempre que encontro um de vocês, há um assunto obrigatório: o Dr. Ernani.

Que personalidade, meu Deus!

O Moraes está escrevendo um livro sobre o Colégio e pediu-me dados sobre o Dr. Ernani. Estamos de relações meio esquisitas por causa disso. O Moraes não quer compreender que eu não posso, não sei mesmo falar sobre o Dr. Ernani como êle está querendo. Quem conviveu com êle só pode dizer: O Dr. Ernani... E é tudo.

Amigo de meu pai, ficou meu na livraria Azevedo onde eu estava de castigo para sentir a vida. Mas meu Anjo de Guarda apareceu lá, vestido de branco, para comprar livros para a biblioteca do seu Gíndasio. Indiquei-lhe muita coisa. Conversávamos muito. Senti estar diante de um espírito superior, de muita luz. E não me enganei. Quando soube que eu estava estudando latim para o curso de biblioteconomia, chamou meu pai e se entenderam ou desentenderam. Nunca soube o que um disse ao outro. Só sei é que vim acabar diante de uns garotos danados, simpáticos, respeitadores, aqui em Cascadura.

E fiquei até hoje pelo subúrbio. Só me sinto bem no subúrbio. Sei lá, mas acho estas crianças maravilhosas. São as daqui do Colégio, do Getúlio Vargas, da Carmela Dutra e do curso de João Leite. Crianças de estufa, crianças de apartamentos não afinam comigo. (Outro dia, quando ia



para o Getúlio Vargas, vejo dois montados em uma vaca e os outros de pedra em cima. Desçam daí, seus doidos! Me dêem a caderneta! E lá se foi a vaca de nariz sutil com garotos, caderneta e tudo... Graças a Deus).

Fiquei, mas me sinto cansado, embora não aparente. E já é tempo de uma aposentadoria. Acho errado isto de se julgar insubstituível. (Você já reparou como há uns cidadãos que raciocinam como galinhas: as que estão no poleiro não deixam que as outras subam?)

Ainda mais, embora a casa do Dr. Ernani seja uma extensão da minha, a família dêle também uma extensão da minha, não é certo que eu coloque o Ernaide em situação difícil de dirigir o Colégio. Sinto que êle vê em mim o amigo do pai dêle e gosta de mim. (Gosto muito dos amigos de meu pai, dos que são meus amigos por "tabela"; mas gosto mais dos meus, dos que me entendem como sou.) Eu ainda raciocino como se o Dr. Ernani existisse e o Ernaide fôsse o garoto da 5.<sup>a</sup> série. Outro dia desobedeci a uma ordem de serviço sem querer (Antes que o sinal batesse, desceu uma turma e a minha saiu atrás). Foi um dia amargurado para mim, um sábado.

(Olavo, Olavo, pelo amor de Deus! Olhe a confusão que você me arranjou aqui no pátio! Não me faça mais isso, pelo amor de Deus. — Fica

quietinho, Ernaide, foi burrice minha. Mil desculpas.)

Afinal, Ernaide é o Diretor, está dirigindo o Colégio direito, quer acertar, adaptar-se a essa época de televisão, lotação, bomba atômica etc. Luta para manter o Colégio. E eu sempre lutei também, mas sou do tempo do maria-fumaça, do bonde, do ônibus de 200 réis por seção, do prédio velho, das correrias para não perder o trem...

O grande caso é que eu já devo deixar o meu lugar para outros.

Vou parar mesmo, Deoclécio.

Acho que sua inteligência saberá arrumar isto que eu disse. Arrume que eu assino.

Um abraço do

Olavo.

P. S. — O Mário achava um gôzo esta minha maneira de escrever Olavo.



O dr. Ernani Figueiredo Cardoso, por fôrça dos seus ideais, fundara o Ginásio Arte e Instrução — hoje Colégio — no ano de 1905. E em 1.º de janeiro de 1912, sete anos depois, consorciando-se, consolidaria, em sua vida, o magistério. Jamais o deixaria.

Nem havia eu ainda nascido.

Sòmente em 1929, vinte e quatro anos depois, é que meus pais decidiriam que eu prosseguiria os estudos nesse estabelecimento de ensino de que nosso irmão mais velho era aluno interno, fazia algum tempo.

Da parte dêles, já existia indisfarçável simpatia pela direção do Ginásio, sempre solícita e cheia de cuidados no que tocava aos alunos, sobretudo do internato, que funcionava regularmente, àquela época. E tanto assim que o primogênito dos Machados, não obstante os meses decorridos, não perdera um só quilo, gordo que sempre fôra, — o que dava bem a medida do excelente tratamento dispensado. Cuidados que ficavam a cargo da espôsa do diretor, d. Alaide Cardoso, conforme vieram a saber, mais adiante.

O dr. Ernani — assim que o chamávamos — além de advogado, cuidava dos misteres do ensino. Muito exigente, porém de coração boníssimo, regu-





*D.ª Alaíde Cardoso*

lava em físico e temperamento com meu genitor, homem de negócios, estabelecido em Nova Iguaçu com armazém de secos e molhados, na rua Bernardino Melo, ao lado da praça onde se ergue hoje o

majestoso e confortável Cine Iguaçu, em frente à ponte ferroviária.

Ter os filhos no "Arte e Instrução" era, aliás, o grande sonho que minha mãe, môça ainda, acalentava. Justiça se lhe faça neste passo; ela que os vê hoje formados e independentes, vivendo cada qual de sua profissão, graças aos conhecimentos adquiridos. Aos cursos superiores chegámos os três homens, pôsto que um morrera, em meio à luta, dizimado pela tuberculose. Asmático e franzino, não resistira à peleja, às viagens diuturnas, algumas pela madrugada fria, em comboios já apinhados, almoçando quase sempre fora de hora e tendo por agasalho o uniforme cáqui que se orgulhava de vestir.

Não fôra o desenlace e seríamos hoje quatro a beijar-lhe a mão e face divinas, em sinal de agradecimento à sua obstinação, paciência e inúmeras canséiras, ela que se levantava bem antes de nós, não só para nos avisar da hora, senão ainda para preparar o café acompanhado, que nos fortaleceria para as viagens consuetudinárias.

No ano em que meu pai deliberara matricular-me, a secretaria do Ginásio funcionava sob a orientação do sr. Nelson Cardoso, — irmão do diretor — homem tão gordo e severo que a qualquer um, menos avisado, assustaria ao primeiro contato.



Mas toda a família colaborava, além de amigos, para o progresso e disciplina daquela casa de ensino. Não somente o sr. Floriano que cuidava do setor comercial, e até mesmo o capitão Manoel, brilhante oficial de artilharia, o último da coesa e respeitável trinca, jungida ao dr. Ernani.



*Capitão Manoel Figueiredo Cardoso, o famoso professor "Maneco", de Álgebra e Trigonometria, brilhante Oficial de Artilharia. O capitão "Maneco", como outros também o chamavam, tornou-se uma espécie de figura meio lendária, pelo seu eficiente método de ensino, entre os alunos mais adiantados.*

O "Maneco", como o chamavam na intimidade, caracterizava-se pelo rigor com que ensinava Álgebra e Trigonometria às turmas mais adiantadas. Todos o conhecíamos de nome, inclusive um recém-chegado, como eu. E tão depressa meu pai se descobriu, com o chapéu, eis como fui recebido por "seu" Nelson, em franca atividade, bem no pórtico:

— Sente-se aqui, menino. Vamos verificar, ao certo, até onde chegam seus conhecimentos. E

saber em que série deverá permanecer: se na Quarta — pois era egresso da Terceira, em Nova Iguaçu — ou se no Admissão, a fim de prestar, dentro em pouco, exames para o 1.º ginasial.

E após me fornecer papel e lápis, escreveu umas poucas de frações decimais e muitas ordinárias, para que as resolvesse; uma raiz quadrada, de que ainda não tinha ouvido falar; e, mais adiante, enorme carroção cujo resultado era igual a 1.

Em seguida, calma e pesadamente se acomodou ao lado de meu pai, em estreita poltrona, que mal conteve os dois. E ficou a aguardar o resultado.

De quando em quando, olhava eu para êle, observando-lhe o cabelo rente, a cabeça relativamente miuda junto ao vastíssimo corpo. Sua musculatura peitoral chegava a formar dobras, envolvendo-lhe a camisa sob um paletó que exibia algumas marcas de giz. Gostava de jaquetão, apesar da barriga. O que a aumentava ainda mais, tornando-a um círculo quase exato.

Tudo isso nêle reparava, sob uma tensão terrível, pois desconhecia mais da metade do que estava a exigir-me, naquele papel, excetuando-se as frações, com que andava em dia. Tanto com as decimais, como as ordinárias.

Esgotado o tempo, êle voltou a mim. Observou o resultado. Logo após, faz umas perguntas sobre História do Brasil e Geografia, enquanto me revelava preocupadíssimo com meu pai, receoso de



envergonhá-lo, ele que me fizera o cartaz, exaltando-me a nota máxima com que fôra aprovado nos exames finais da 3.<sup>a</sup> série, depois de argüido pelo Inspetor Federal de Ensino.

Pelo modo como respondi, teceu seu juízo em segredo. Até hoje não o soube. Nem ninguém.

Somente esclareceu:

— Vamos matriculá-lo no Admissão. Está meio fraco em algumas coisas, mas o Juvenal dará um jeito nêle...

Meu pai, dando-se por satisfeito, despediu-se. Retirou-se comigo.

Em casa, comentou com minha mãe o que ouvira, inclusive certos pormenores sobre as viagens que eu teria de enfrentar, dali por diante.

Na fisionomia dela, notei-lhe largo sorriso de satisfação ante o marido, que saldara ali uma promessa feita.

Outrossim, como tivessem de adquirir uniforme cáqui para mim, em atendimento às exigências regimentais, resolveram que começaria a frequentar o colégio somente a partir da segunda-feira próxima, o que foi feito.

Antes, porém, teria eu de comparecer "A Colegial", a fim de experimentar os uniformes.

Adorei essa casa, onde só se avistava, àquele tempo, material escolar. Havia uniformes aos mi-

lhares, nos cabides. Para meninos e meninas. Numa das paredes, bem ao alto, avistei o nome do Ginásio onde iria estudar, figurando num emblema ao lado de outros do Instituto Lafaite, Pedro II, Juruena, tradicionais estabelecimentos de ensino. E isso me fez bem à alma, ao meu ânimo, enfim.

Sim, estava progredindo. Visivelmente.

Domingo, pela manhã, vesti-o para que minha mãe o visse. E, segunda-feira seguinte, conforme haviam programado, arrumei-me para o início das aulas. "Seu" Nelson me aguardava para a apresentação aos professores e colegas.

---

O mano mais velho é que me embarcaria no trem, até Cascadura, e me ensinaria o caminho.

Era eu bem garoto, sem nenhum conhecimento dessas coisas. Nem desembaraçado para viajar.

Atingido o percurso, saltamos na plataforma. Não havia, em tal ocasião, a enorme ponte que hoje cobre vasta extensão, passando por sobre o leito férreo. Daí o receio de meus pais, imaginando-nos a atravessar perigosas linhas por onde circulavam, de quinze em quinze minutos, os famosos trens de Dona Clara, além de expressos, cargueiros e outros comboios suburbanos.

Pelas ruas, não desfilava, ainda, o alude de ônibus e lotações que, hoje, ameaçam os transeuntes.



Havia somente duas linhas de bonde: a da Freguesia e Taquara, a duzentos réis. Uma delícia de conforto e higiene, onde bastas vezes me acomodei, para ganhar tempo, adiantar-me nos horários, sobretudo na volta, quando os trens só corriam espaçadamente, a longos intervalos. E perdê-los seria prejuízo em guloseimas pelos varejos...

Mas, satisfeito com tudo, ao derredor, é que assisti à primeira aula. Não sem antes colher outra impressão:

Um garoto crescido, que vim a conhecer pessoalmente mais tarde, tão logo ganhei o primeiro degrau, recebeu-me com horrível careta! Pôs quatro dedos de língua para fora!

— Que camarada esquisito! — exclamei em minha ingenuidade, de mim para mim.

Estava êle sentado na extremidade da carteira, atrás daquela onde me fariam permanecer, para começo de tudo!

Fôra o primeiro cumprimento recebido.

Ao ingressar, guiado agora pelo "seu" Nelson, um professor sisudíssimo, ralhando a torto e a direito e pedindo silêncio, — pois houve princípio de alvoroço com a chegada do nôvo aluno — dava aula de francês. Ensinava as lições contidas no "Método de Ahn", que todos empunhavam ali, com interesse: era o celeberrimo Tomaz Neto, conhecidíssimo em tôdas as turmas, verdadeiro pavor de um grupo, alegria e gozo de muitos, pois criara entre os alunos

nítido divisor de águas, ficando de um lado os que o adoravam, pelos seus métodos; e, de outro, os que o temiam, pelos excessos.

Vendo-me sentadô, sem livros, acrescentou em alto e bom som:

— Você aí! — e aponta. Continue a leitura...

— Não tenho o livro, professor...

— Precisa, então, comprarrrr... — acentuou bem forte!...

— Fale com o Nelson, que lhe dará as indicações... — continuou.

— Sou nôvo aqui...

— Pois é por isso mesmo...

Súbito, um magricela de óculos, bem míope, que se mantinha quieto a meu lado, aproxima-se gentilmente e me cede o dêle. Juntos, começamos a acompanhar:

**Le père** — o pai

**La mère** — a mãe

**Le frère** — o irmão

**La sœur** — a irmã

E, mais adiante:

**Le canif de mon père est bon — La plume de ma sœur est bonne.**

Começava a gostar. E, mais ainda, de alguns de meus colegas, cuja amizade manteria até hoje, com o mesmo carinho.

Demais disso, achava gozadíssimos os apelidos, aplicados com muita graça e propriedade:



Aquele à minha direita, de óculos, por ser dolicocefalo, magro e de nariz ligeiramente recurvado, era o **Sabiá**. Grande companheiro! Hoje, trinta anos depois, revela-se autêntico, disciplinado e competente professor de meninos.

O outro, que se sentava mais atrás, agora respeitável Promotor público em Panela, no Estado de Pernambuco, era o **Babão**. Certamente, tinha lá suas razões para babar-se, de quando em quando, o comportadíssimo Carlos Soares do Couto...

**Geraldinho-Mirim** era realmente baixinho e miúdo, o menor dos quatro Geraldos que existiam na sala... Nada obstante, tornara-se mais tarde excelente dentista, ótimo profissional, para quem a estatura física nada influíra, sobretudo na grandeza de seus sonhos: provou-o, obturando-me os dentes, de modo bastante incisivo...

**Pescoço de Socó** apelidaram a José Brandão...

**Calunguinha** foi o cognome carinhosamente aplicado em Manoel Ferreira, tão minúsculo quanto **Geraldinho-Mirim**, porém corcunda de nascimento. Já apresentava, em virtude da anomalia, certa dificuldade respiratória. A mesma que lhe encurtaria a vida, bem como todos os seus esforços de estudante assíduo. Como os demais colegas, apresentava a superioridade de espírito de não se importar com a alcunha, uma imposição da quadra em que todos vivíamos.

**Charada** denominaram a Renato Borges, por gostar de palavras cruzadas... e coisas que tais...

O **Limpa-Trilho** batizaram a Benedito Monteiro, pelo defeito dos dentes dianteiros...

**Polaca** era o Maxímiano Reznik, hoje alto funcionário do Estado da Guanabara, em virtude da cor de seus cabelos e do claro tom de sua pele, meio rósea...

Artur Martins Viana, por causa de sua queda palpebral, era o **Camões**.

Manoel Pinheiro Guimarães era o **Baixotinho**...

**Beleléu** foi como designavam a Valter da Silva, hoje dentista atuante, a partir do instante em que começou a contar certa história em que algo levaria o beleléu! E os colegas não o perdoaram...

"... Virou tico-tico,  
Virou **Sabiá**!...  
Virou qual Jannuzzi,  
De pernas pro ar..."

Tal turma, além do mais, era bastante imaginosa em matéria de brincadeiras. E gostava de variar.

Perto dela, era eu bem pacóvio, pois não me habituara a desembaraçar-me naquelas coisas em que alguns se tornaram figuras exponenciais.

A Escola Pública de onde viera possuía uma mestra rigorosíssima, que não dava oportunidade



a vôos de imaginação, como realizavam ali os irmãos Dedês, por exemplo, peritos em apanhar môscas, às escondidas, entre uma e outra distração do professor.

Nos intervalos das aulas, espetavam-lhes ao final do abdome delicado filête de papel impermeável, enrolado. Juntavam-nas numa caixa-de-fósforos, até o instante de soltá-las esvoaçantes para gáudio dos que participavam da idéia.

O vôo se fazia arrastado e vagaroso, como as grandes naves.

Mas o evento era ansiosamente aguardado por todos os que tinham os irmãos gêmeos Mário e Nelson Rocha — os famosos Dedês — na conta de genuínos brincalhões, com êxito cem por cento garantido.

E o eram realmente. Mui astuciosos, além de arrojados, sôbre originais. Os magos da invenção.

Se, aberta a caixa-de-fósforos, uma das moscas, a carregar bandeirinhas coloridas, chegasse a pousar na testa de algum professor, em aula, ocorria então alto incontrollável: o riso geral. Por isso, todos gostávamos um bocado de apreciar a atuação daqueles tão trêfegos quão imaginosos irmãos! E não sosseguei enquanto não consegui lugar próximo aos dois, a fim de apreciá-los ao máximo. Com eles me distrairia durante o recreio. Como igualmente os observaria durante a pelada que se organizava no campo de basquete, ao lado do gramado

de futebol, nos fundos do estabelecimento.

Desta sorte, através de tais colegas, é que me libertei do receio inato que tinha dos professores. E, de tímido, passei a peralta.

Experimentei, não sei se para minha felicidade, uma grande transformação. Cheguei a despertar a atenção de Luiz Claudino de Assunção, de quem falarei mais adiante e que, durante êsse inesquecível tempo, foi meu companheiro, guardando seus livros na mesma carteira escolar, dividida entre nós dois.

---

Um outro caso, relatado pelo Jannuzzi, retrata igualmente bem êste período buliçoso, próprio da juventude:

Conta que, quando estudava na antiga sede do Ginásio Arte e Instrução, juntaram-se êle, Jannuzzi, Lauro Lima, cuja cara metia medo a qualquer um, o Henrique Fernandes e o campeão das risadas, o gordo e bonachão Coriolano, côr de chocolate, o mais inquieto e endiabrado dos quatro.

Tratava-se de uma sala bastante velha, em cujo piso notavam-se algumas fendas. Debaixo de tal piso, havia grande porão, onde a gataria se reproduzia além de outras alimárias que os alunos identificavam pela onomatopéia...

Certo dia, Coriolano, com aquela vitalidade que Deus lhe deu e iluminado não se sabe por que idéia,



talvez agora diabólica, fez largo convite à hora do recreio, para quem se dispusesse a segui-lo. Quantos quisessem...

— Vamos ao porão ver as pernas das garôtas?

Ora, um convite com uma idéia de tal ordem, não podia ser desprezado, e aceitaram todos imediatamente.

E, sem pensarem nas conseqüências desastrosas que poderiam advir do divertido propósito, dirigiram-se para o local escolhido onde, através da abertura, existente no assoalho, começariam a contemplar as peças que compunham as *Venus de Milo* do Ginásio...

— Que maravilha!

Espetáculo idêntico, aquêles olhos ainda infantis jamais haviam contemplado!

Como há sempre um *mas* em tudo que corre bem, quizeram ir muito além da simples contemplação: pretenderam atingir as lindas e roliças pernas das que distraidamente desfilavam, com pequenas varas a fim de provocar-lhes cócegas.

E munidos de uma varinha decidiram iniciar a "operação-joelho"...

Mas, quem tomaria por primeiro a iniciativa? perguntaram:

— Ora, eu, é claro, adiantou-se Coriolano — revirando os olhos.

E realmente assim o fez, tocando as melhores que podia alcançar, na posição em que ficou.

Súbito, para surpresa de todos, aparece a mais bonita, a mais roliça, com meia e tudo: o Coriolano tenta...

Inesperadamente, porém, para aqueles ingênuos peralvilhos, eis que ela dá o alarma, em altos brados e assustada:

— "Seu" Nelson, há uns alunos no porão, mexendo em nossas pernas!

"Seu" Nelson corre. Mal, mas corre.

E, de imediato começam a ser tomadas providências, cercadas tôdas as saídas do porão, com os gritos de pega, pega, cerca, cerca!

Um escândalo que reuniu a assistência de todos os alunos e professores.

De lá então foi retirado, sob violenta ameaça, o grupo acima, chefiado por Coriolano que, apesar da côr se revelava muito pálido... A seguir, saíram os outros.

Conduzidos à secretaria, fôra lavrada a sentença pelo diretor, que decidira expulsá-los por ato de indisciplina e mau exemplo.

Mais eis que surge providencialmente o Anjo da Paz na pessoa de d. Alaíde Cardoso, espôsa do Diretor. Com bondade e candura, exclama súplice ao seu marido:

— Ernani. Não expulse os meninos, coitadinhos. Estou certa de que não mais farão outra. Perdoa-os.

E assim sucedeu, mais adiante.



O dr. Ernani, que também possuía um grande coração, perdoou-os. E graças à intervenção e da generosidade de um coração feminino sem limites, puderam prosseguir nos estudos e chegar até onde quiseram.

Hoje, decorridos trinta anos dêsse inesquecível e magnífico currículo, é com saudade e veneração que a êle me reporto. A prova são estas linhas que me saem espontaneamente, arrastando em seu cortêjo larga esteira de suaves e encantadoras recordações, se não representam a essência da própria vida de cada um de nós.

Terminada esta fase de ingênuas traquinadas e dos Dedês, que se despedem do Ginásio, outro ciclo para nós se inicia. Mesmo porque o nôvo e confortável edifício, erigido ali mesmo na Avenida Coronel Rangel, de 225 a 237, mais adiante do casarão onde começáramos, estava a nos esperar.

Em tal época, fazíamos o terceiro ginásial.

Agora, muito nos alegrariam não somente as amplas, novas e ventiladas salas-de-aula, senão ainda os aparelhos adquiridos, para as aulas de Física e Química. Foi quando travamos conhecimento com a bobina de Ruhmkorff, de corrente por indução, máquina de Wimshurst, para a produção de eletricidade estática, pêndulos elétricos, com que o professor Ernani Xavier de Brito passava a ilustrar as aulas. Contemplamos o pirômetro quadrante, vasos comunicantes, balanças de diversos tipos, além de muitas outras peças, valiosíssimas, como a má-



quina pneumática e ludions guardados no alto e estreito porão que, no antigo prédio, servia de laboratório.

As aulas de Química no novo prédio passaram igualmente a contar com tubos de ensaio, retortas, buretas, pipetas, além de um sem-número de reagentes para as aulas de caracterização, tanto das substâncias orgânicas como minerais. Para as aulas de História Natural e Biologia, além do esqueleto humano, havia uma vastidão de insetos, aves, roedores, e até animais de grande porte, alguns embalsamados e bem conservados, para o aprendizado prático. Tudo isso demarcaria, igualmente, o início da adolescência de todos nós, que passávamos por profundas transformações, assim no corpo como no espírito. O que constituía um flagrante delicioso. Um período rico de lances agradáveis e surpreendentes, principalmente porque víamos aquelas meninas de ontem se transformarem em seus hábitos, tornando-se moças autênticas, diferentes até mesmo no andar...

Os rapazes, também. Procuravam ganhar certa estabilidade, cada qual almejando se definir como gente, como estudante, enfim. Os que versavam, como Antônio Marques, já urdiam seus sonetos, com dedicatória!...

De causar inveja!

Nesse novo prédio é que começamos a sentir a reviravolta, a guinada de não sei quantos graus,

no coração e no cérebro de cada um. O desenvolvimento de uma espécie de amor-próprio, de zelo pessoal, antes a circular tão displicentemente por conta, talvez, da imaturidade geral, que antecede a adolescência.

Agora, as moças já andavam de bocas pintadas, apertavam mais seus vestidos, exibindo suas formas, enquanto um ou outro colega mais taludo como o Jacob Antunes Brum, já raspava o buço, deixando antever o bigode...

A maioria já brilhantinava os cabelos, enquanto que as meninas carregavam flôres, todos ciosos de seus hábitos, inclusive da linguagem. Os uniformes começavam a andar mais engomados, e confesso mesmo que um dia cheguei a reclamar com a lavadeira aquela estória de não fazer vinco nas calças, como eu queria.

O Atie Curi, por sua vez, era o que mais atenção despertava, pela sua aparência, já com os braços bem peludos e barba feita.

No 5.º ano, transferira-se. Por quê?

Quando principiei a notar que eu também crescia, pois tinha as medidas demarcadas no guarda-roupa, comecei a sentir-me mais feliz com a própria natureza, ocasião em que minha voz tornou-se bisonal, além de grossa...

Alguns gracejavam, dizendo que estava passando a frango. E era assim mesmo!



Ora, se os colegas já se exibiam e as colegas com as cadeiras mais arredondadas se rebojavam, claro era que estávamos nos transmudando em adultos!

Que beleza! Como nos havíamos tornado pródigos, ali!

Foi quando observei que minha turma era a melhor! E a sentir orgulho de a ela pertencer. As moças, julgava-as umas lindezas, razão por que, sempre que podia, e com prazer, delas me aproximava... Quando me davam atenção, havia como que uma festa dentro de meu ser.

Seguia-se indizível prazer em ouvir-lhes aquela fala bem feminina, como não escutara até então, nos anos anteriores...

Sim, estava chegando a hora de conseguir a namorada ali mesmo ou em outras turmas, onde o milagre igualmente ocorreria. Era o advento da maturação, a necessidade já do amor, junto à floração radiosa a palpar naquelas salas!

Agora, uma outra fase despontava! E nenhum de nós poderia permanecer indiferente a ela. Isso eu haveria de ver!

E realmente vi, como contínuo felizmente a contemplar todos os dias! E como é bom perpassar tudo em ambiente saudavel e de respeito! Seguidamente submetido à conspícua autoridade dos professores, atuantes como os nossos próprios pais! Que nos davam exemplos de dignidade e honradez, como o próprio dr. Ernani!

E assim o tempo se foi passando, arrumando e ajeitando o coração de cada um. Cada qual foi descobrindo os seus amôres. Seguindo os seus caminhos. Consoante a estrêla determinava.

Hoje, trinta anos depois, todos já casados, constituindo família, guardam uns dos outros o respeito que nós mantêm unidos, particular em que nossa turma sempre se houve com "arte e instrução"...

Durante tal período, registraram-se fatos sumamente agradáveis, senão mesmo espirituosos.

De **Geraldino-Mirim**, por exemplo, existe uma passagem pitoresca, verificada exatamente no 5.º ano ginásial, da qual dificilmente haveremos de nos esquecer, pelas características de que se revestiu.

Sim, já éramos mais que adolescentes...

Estávamos quase nos últimos meses do ano, cada qual imaginando seus problemas, a participação na missa, em outras solenidades, na escolha dos melhores locais, quadros de formatura, encomendas às alfaiatarias, verba exigida aos pais, etc., quando a maioria achou por bem promover um abaixo-assinado, a fim de adquirir o anel-de-grau para o professor João Batista Quintanilha, que acabara de concluir o curso médico, conquistado com demasiado esforço, a duras penas, sobretudo pelos compromissos de nos transmitir, em várias vezes por semana, conhecimentos de História Natural e Biolo-



gia, em que era exímio e sempre cheio de entusiasmo!

Tendo chegado o dia e promovida a solenidade, o segrêdo só desfeito na hora, — no instante exato em que a notícia começava a correr, pelos corredores, — principiaram as adesões. A pouco e pouco foram se aproximando seus colegas de magistério, um por um, bem como alunos de outras turmas.

Cedo, não cabia mais ninguém. E eis que o professor Quintanilha principia a dar sinais de grande emoção, pelos cumprimentos que começava a receber, em grande número.

Feito o primeiro sinal convencionado, discursa o colega Manoel Ribeiro de Freitas. A seguir, o prof. Zulmiro Pinho, possuidor de muita eloquência e versatilidade. Mais adiante, perola o professor João Barbosa de Moraes, que igualmente muito admirava a Quintanilha, pelo seu saber e probidade. Os discursos atingem a alturas magníficas.

Concluída esta primeira parte, com Quintanilha a chorar copiosamente, o rosto coberto por alvo e enorme lenço, principia a segunda: **Geraldinho-Mirim**, coitado, que gostava demasiadamente do mestre, vendo-o ali debulhado, não se agüenta. Cai em prantos igualmente, mantendo as narinas abertas e os olhos, por onde escorria o fluxo que lhe umedecia o uniforme, a camisa, a gravata escura, o peito todo...

Não satisfeito ainda, aproxima-se do preceptor querido e o abraça efusivamente. Para quê? Comove-se ainda mais! Quintanilha, então, penalizado, vendo **Geraldinho-Mirim** naquele estado de quase miséria humana, por sua causa, exclama com a voz embargada, envolvendo-o num amplexo cordialíssimo:

— Você não precisava surpreender-me tanto! Não havia necessidade de tão delicada lembrança! Dê suas mãos, para tornar-me feliz à saciedade, bastava singelo presente: um simples doce ou uma pequena maçã!

— Professor! O senhor merece muito mais! — asseverou entre dois profundos suspiros soluçantes.

E sem embargo do que o emocionara até às entranhas, **Geraldinho** retirou-se. Um a um fomos saindo, visto como o dr. Ernani, satisfeito com o que presenciara, resolvera suspender a aula seguinte, que seria a última. Alguém sugerira uma sessão de cinema, com a máquina do Ernaide, para nos distrair, desgastados emocionalmente que nos encontrávamos. Mas o dr. Ernani confirmou:

— Chega de cinema!

Antes, que nos preparássemos para o dia seguinte!

Mal sabia, entretanto, que **Geraldinho-Mirim** é que nos reservaria a maior surpresa para esse dia imediato, quando cedo, ao início das aulas, mal podia carregar enorme embrulho, sua lembrança pes-



soal, especialmente encomendada para o modestíssimo Quintanilha: um enorme bôlo, de dois andares, em lugar do simples doce; e vastíssima melancia, em vez da pequena maçã, a que aludira...

Prova de seu grande aprêço...

Demonstração de sua extrema amizade... Potencializada...

— Professor! O senhor merece muito mais!...

De Bebeléu também há outra ocorrência oportuna.

Era êle amicíssimo, carne e unha, de Almir Gonçalves Capela, estudioso aluno que residia em Quintino, sempre em dia com suas lições, principalmente em período de provas parciais. Almir, como poucos, trazia a matéria decoradinha, na ponta da língua, do primeiro ao último ponto. A diferença entre êle e Mário Nogueira, considerado o primeiro da turma, é que Nogueira conhecia mais matemática do que qualquer um. Já era um obstinado para a carreira militar, como o Claudino de Assunção.

Mas o carinho que Bebeléu punha naquela amizade a Almir era tão grande, que, mesmo após a conclusão do curso, às vésperas de constituírem seus lares, ainda andavam e estudavam juntos. A prova é que ambos acabaram por escolher a mesma profissão. Tornaram-se dentistas, com uma

única diferença: Almir Capela de tal maneira aperfeiçoou o inglês, que há bem pouco tempo, aguardava ansiosamente uma bolsa de estudos à Inglaterra, a fim de conhecer mais de perto Shakespeare, cujas obras lhe eram familiar...

Bebeléu, que não era negligente, todavia, tinha mais confiança em Almir do que nêle mesmo; principalmente em questões matemáticas, que cada vez mais difíceis se tornavam. Aquela troca de professores, a falta de estabilidade em nossa turma, estavam a deixar Bebeléu cada vez mais nervoso, levando-o àqueles pulinhos cheios de raiva e indignação:

— Badalo! — apelido de Almir. Assim não pode ser!

Almir Capela, mais calmo, o ia levando...

Até que o fim de ano chegou. E, com êle, o mês de dezembro, em que o padre Geraldo José Pauwels, o famigerado do Inspetor Federal, qual um negro abutre, sedento de carne, ia cair célere sobre nós, atingindo-nos terrivelmente, entre uma e outra baforada daquele cigarrinho de palha, feito com fumo de rôlo, insuportável e catiguento, segundo as próprias garotas de olfato delicado...

Nessa época, os olhos verdes de Bebeléu chegavam a transmutar-se. E suas calças perdiam a goma e o vinco, de tão atribulado ante as perspectivas incertas. Inda mais nesse final, em que os pontos eram excessivos e a matéria ensinada, muito aquém, quicá por motivo de doença do capitão Maneco, que



fôra escolhido para substituir ao segundo ou terceiro, desde o começo daquele ano derradeiro...

Beleléu chegava mesmo a dizer:

— Nessa prova you colar tudo do Almir! Se o Inspetor me tomar a prova, que se dane! O dr. Ernani terá que dar um jeito! Segunda época, não faço! Nem sei se vai haver "essa droga"!

Beleléu andava excitado, percebíamos todos.

Até que os dias foram se aproximando. E o dessa prova, também.

Beleléu mais magro, e Almir com as olheiras mais fundas, certa manhã, chegam ao Ginásio. Ambiente de exames finais, os colegas reunidos, dispostos em grupos a indagar questões. Nenhuma aula, em nenhuma das salas. Era evidente o estado de nervos em alguns. Havia uma colega que, de espaço a espaço, chamava a atenção para as suas mãos geladas!

As dez horas, o padre Inspetor chega. O ambiente é de tensão. Ele entra. Senta-se. Acende um daqueles cigarros. Minutos depois, os alunos. O dr. Ernani, como um pai, preocupado com todos aqueles filhos, mantém o cenho cerrado, sob os óculos míopes. Mais outro cigarro do padre, e eis o ponto sorteado. Com este Padre, nem mesmo o André Villón conseguiria palmear o ponto. Era vivíssimo! Antes, já o surpreendera reproduzindo o número 2, em vinte papêzinhos iguais...

Nesta altura, Beleléu olha para Almir e nega-ceia com a cabeça, contrafeito. Acontecera o previsto.

Dera azar!

Almir, ao contrário, sorri. Um, é Heráclito, triste. Outro, é Demócrito, alegre. Lembrava-se daquela formula do menos b, mais ou menos a raiz quadrada de b dois, menos 4 ac, sobre 2 a, com que resolveria aquela equação do segundo grau. E isso acalma Beleléu que, de esguelha, começa a copiar a prova de Almir. Se este soma lá, Beleléu cá...

— O padre estava às voltas com um café quentíssimo, escaldante, mandado preparar pelo Silvío Osório! Tudo calculadamente feito!

Lá pras tantas, Almir ergue-se ao perceber Beleléu reproduzindo, tim-tim por tim-tim...

— Beleléu, danado... Não cole igual... Senão tiraremos zero os dois... Modifique alguma coisa, pelo menos!

E Beleléu contrariado com o ponto sorteado:

— Eu não modifico nada! Modifique você!...



E, não obstante as maquinações daquele Inspetor, que mais parecia um enviado de Satanás do que mesmo de Deus, pelas perseguições, ausência total de bondade e misericórdia, nada adiantou revistar livros, cadernos, carteiras, uniformes, enfim, o que quer que lhe despertasse suspeita. Todos passamos, concluimos galhardamente o ginásial.

Ao que sei, somente não participaram das solenidades de formatura os que, no meio do ano, haviam desistido do curso, como, por exemplo, a engraçadíssima Ismênia Ferreira Campos, cujo modo de falar e conduzir-se Almir Capela tão bem imitava. Ou como o estudiosíssimo Atie Curi, bem como os irmãos Rafael e Emílio Gonçalves, que decidiram transferir-se no quinto ano para outro estabelecimento, por divergência com professores, adultos que já eram.

Os mais, todos passamos. E registramos o evento.

Pena é que certa chuva, proveniente de tempestade outonal, houvesse prejudicado algumas fotografias de nosso Quadro, que vinha sendo até hoje conservado com muito carinho e unção pelo extraordinário Marco Aurélio de Castro, por isso mesmo já denominado o estóico.



A maioria permaneceu intacta. Umas poucas, porém, e de colegas estimadíssimos, se estiolaram completamente, como aquelas flôres delicadíssimas e sensíveis que, de repente, sofrem a ação destruidora de violenta tempestade.

Na fisionomia de Marco Aurélio senti o travo da tristeza, a amargura da decepção. E ele também em mim, pois ambos nos preparávamos para a remodelação, inclusive mandando reproduzir uma fotografia reduzida daquela única relíquia, com a duração das rosas...

Foi quando decidimos os dois lutar contra a adversidade, transformando em livro o que antes era apenas a lembrança de um Quadro. E com uma superior vantagem: No livro, além de retratarmos a vida em conjunto, dos colegas, poderíamos reproduzir, inclusive, as notas de cada um, dando uma medida exata do que fôra realmente a atividade e esforço isolado de cada qual dos integrantes daquelas fotos, encomendadas a um profissional do Méier, que só dispunha de um súrrado "smocking" para toda a turma, homens e mulheres, gordos e magros...

Eu, por exemplo, que era garoto e mais ou menos magro, com aquele *pince-nez*, tive que receber vários alfinetes e pregas nas costas para que a frente se revelasse apreciável...

Escreveríamos o que o Quadro jamais poderia demonstrar...

Passemos então às notas finais que promoveram aquela "pose" fotográfica numa tarde novembrina, exatamente na primavera da vida.



*Um grupo que se destacou, vendo-se em primeiro plano, da esquerda para a direita: Fernando Brigagão, Moacir Correia, Rubens Lopes da Costa e Deoclécio D. Machado Filho. Em pé, na mesma ordem: Miguel de Franco, Nilo Guimarães de Sousa, Geraldo de Moraes, Newton Tupinambá, Humberto Prado, Roberto Ferreira e Jacob Antunes Brum.*



1.<sup>a</sup> TURMA:

AIDA MOUTINHO DOS REIS — Filha de José Moutinho dos Reis — Matemática — 92; Latim — 73; Cosmografia — 68; História do Brasil — 75; Física — 69; Química — 70; História Natural — 95; Filosofia — 74.

Média Final — 77.

ALMIR GONÇALVES CAPELA — Filho de Artur Gonçalves Capela — Matemática — 61; Latim — 69; Cosmografia — 89; História do Brasil — 84; Física — 63; Química — 62; História Natural — 88; Filosofia — 79.

Média Final — 73.

ANDRÉ DE SOUSA VILLON — Filho de Vitor André Villon — Matemática — 66; Latim — 55; Cosmografia — 56; História do Brasil — 46; Física — 62; Química — 61; História Natural — 55; Filosofia — 53.

Média Final — 56.

ARI CHATEAUBRIAND ALVARES — Filho de José Chateaubriand Alvares — Matemática — 57; Latim — 60; Cosmografia — 52; História do Brasil — 64; Física — 34; Química — 55; História Natural — 85; Filosofia — 64.

Média Final — 58.

CELINA MARQUES — Filha de Ludgero Euzébio Marques — Matemática — 40; Latim — 59; Cosmografia — 60; História do Brasil — 43; Física — 43; Química; História Natural — 84; Filosofia — 54.

Média Final — 54.

DÉA DE SOUSA NOGUEIRA — Filha de Mabel de Sousa Nogueira — Matemática — 83; Latim — 71; Cosmografia — 69; História do Brasil — 69; Física — 60; Química — 70; História Natural — 92; Filosofia — 75.

Média Final — 73.

DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO — Filho de Deoclécio Dias Machado — Matemática — 70; Latim — 56; Cosmografia — 38; História do Brasil — 55; Física — 56; Química — 58; História Natural — 85; Filosofia — 57.

Média Final — 59.

ELGA DE ARAUJO CORIOLANO — Filha de Benjamim de Araujo Coriolano — Matemática — 38; Latim — 58; Cosmografia — 43; História do Brasil — 54; Física — 45; Química — 59; História Natural — 78; Filosofia — 54.

Média Final — 53.



FERNANDO NUNES BRIGAGÃO — Filho de Joaquim Nunes Brigagão — Matemática — 50; Latim — 62; Cosmografia — 65; História do Brasil — 53; Física — 43; Química — 47; História Natural — 77; Filosofia — 69.

Média Final — 58.

GERALDO DE MORAIS — Filho de Gumercindo Seixas de Moraes — Matemática — 45; Latim — 55; Cosmografia — 45; História do Brasil — 46; Física — 47; Química — 57; História Natural — 86; Filosofia — 52.

Média Final — 51.

GERALDO CRISPIM SODRÉ DE MACEDO — Filho de Crispim Sodré de Macedo — Matemática — 48; Latim — 64; Cosmografia — 59; História do Brasil — 77; Física — 49; Química — 53; História Natural — 90; Filosofia — 69.

Média Final — 63.

HELIO GARCIA — Filho de Feliciano Peres Garcia — Matemática — 46; Latim — 57; Cosmografia — 77; História do Brasil — 73; Física — 62; Química — 53; História Natural — 63; Filosofia — 60.

Média Final — 61.

ILKA MOUTINHO DOS REIS — Filha de José Moutinho dos Reis — Matemática — 83; Latim — 70; Cosmografia — 80; História do Brasil — 70; Física — 71; Química — 74; História Natural — 95; Filosofia — 73.

Média Final — 77.

JOSE ANTÔNIO CESARIO DE MELO — Filho de Júlio Cesário de Melo — Matemática — 88; Latim — 58; Cosmografia — 59; História do Brasil — 39; Física — 62; Química — 57; História Natural — 87; Filosofia — 49.

Média Final — 62.

JÚLIO DA CUNHA SOARES — Filho de Oswaldo Soares — Matemática — 56; Latim — 58; Cosmografia — 53; História do Brasil — 54; Física — 60; Química — 58; História Natural — 81; Filosofia — 60.

Média Final — 60.

JOSE CALISTENES PEREIRA CARAUTA — Filho de Carlos Pereira Carauta — Matemática — 53; Latim — 65; Cosmografia — 55; História do Brasil — 75; Física — 54; Química — 55; História Natural — 76; Filosofia — 53.

Média Final — 60.



JURACI PINTO DA SILVA — Filho de Argentina Pinto da Silva — Matemática — 85; Latim — 72; Cosmografia — 70; História do Brasil — 66; Física — 63; Química — 69; História Natural — 96; Filosofia — 70.

Média Final — 73.

JOSEFINA MONASSA — Filha de Hassiba B. Monassa — Matemática — 53; Latim — 58; Cosmografia — 57; História do Brasil — 58; Física — 59; Química — 57; História Natural — 84; Filosofia — 64.

Média Final — 61.

LEOPOLDO DE OLIVEIRA MASSON — Filho de Leopoldo de Castilho Masson — Matemática — 70; Latim — 55; Cosmografia — 68; História do Brasil — 61; Física — 49; Química — 51; História Natural — 69; Filosofia — 62.

Média Final — 60.

MARIA HELENA KNAACK DE SOUSA — Filha de Serafim de Sousa — Matemática — 84; Latim — 73; Cosmografia — 82; História do Brasil — 90; Física — 76; Química — 82; História Natural — 100; Filosofia — 88.

Média Final — 84.

MARIA JOSÉ VASCONCELOS MONTEIRO — Filha de Sinforosa Vasconcelos Ramos — Matemática — 87; Latim — 72; Cosmografia — 74; História do Brasil — 85; Física — 66; Química — 70; História Natural — 98; Filosofia — 80.

Média Final — 79.

MARIA DE LURDES CUNHA — Filha de Benjamim Gomes da Cunha — Matemática — 98; Latim — 79; Cosmografia — 82; História do Brasil — 85; Física — 72; Química — 71; História Natural — 95; Filosofia — 88.

Média Final — 83.

MARIA LÍDIA SOARES — Filha de Osvaldo Soares — Matemática — 94; Latim — 71; Cosmografia — 79; História do Brasil — 76; Física — 70; Química — 73; História Natural — 100; Filosofia — 85.

Média Final — 81.

MANOEL PINHEIRO GUIMARAES — Filho de Bernardo Pinheiro Guimarães — Matemática — 59; Latim — 64; Cosmografia — 73; História do Brasil — 60; Física — 61; Química — 70; História Natural — 97; Filosofia — 70.

Média Final — 69.



MILTON LOPES DA COSTA — Filho de Luiz Lopes da Costa — Matemática — 57; Latim — 62; Cosmografia — 62; História do Brasil — 71; Física — 56; Química — 64; História Natural — 95; Filosofia — 48.

Média Final — 64.

MOACIR GOMES CORREIA — Filho de Manoel Gomes Correia — Matemática — 46; Latim — 34; Cosmografia — 34; História do Brasil — 45; Física — 43; Química — 65; História Natural — 55; Filosofia — 49.

Média Final — 46.

NATERCIA ALVES TORRES — Filha de Antônio Alves Torres — Matemática — 50; Latim — 60; Cosmografia — 50; História do Brasil — 54; Física — 46; Química — 47; História Natural — 86; Filosofia — 64.

Média Final — 57.

NIZE DA SILVA BARBOSA — Filha de Antônio Pedro Barbosa — Matemática — 32; Latim — 59; Cosmografia — 47; História do Brasil — 51; Física — 50; Química — 52; História Natural — 87; Filosofia — 69.

Média Final — 56.

ONEIDE LEMOS DE CASTRO — Filha de Alfeu B. Faria Castro — Matemática — 42; Latim — 61; Cosmografia — 55; História do Brasil — 52; Física — 50; Química — 58; História Natural — 82; Filosofia — 70.

Média Final — 59.

OTAVIO JANNUZZI — Filho de Tomaz Jannuzzi — Matemática — 39; Latim — 49; Cosmografia — 49; História do Brasil — 41; Física — 55; Química — 56; História Natural — 67; Filosofia — 49.

Média Final — 50.

ROBERTO FERREIRA — Filho de Aurino Ferreira — Matemática — 35; Latim — 60; Cosmografia — 46; História do Brasil — 59; Física — 47; Química — 53; História Natural — 70; Filosofia — 47.

Média Final — 52.

ROBERTO STEIN — Filho de Sofia Stein — Matemática — 52; Latim — 63; Cosmografia — 46; História do Brasil — 44; Física — 51; Química — 74; História Natural — 57; Filosofia — 56.

Média Final — 55.



RUBENS LOPES DA COSTA — Filho deorgeta Lopes da Costa — Matemática — 48; Latim — 70; Cosmografia — 46; História do Brasil — 68; Física — 45; Química — 62; História Natural — 94; Filosofia — 51.

Média Final — 60.

SILVIO OSORIO DE CASTRO — Filho de Julieta de Castro — Matemática — 53; Latim — 51; Cosmografia — 38; História do Brasil — 30; Física — 37; Química — 50; História Natural — 47; Filosofia — 37.

Média Final — 41.

VALTER DA SILVA — Filho de Júlio Gomes da Silva — Matemática — 62; Latim — 74; Cosmografia — 57; História do Brasil — 62; Física — 47; Química — 61; História Natural — 88; Filosofia — 59.

Média Final — 64.

## 2.<sup>a</sup> TURMA

ASCANIO DODDS GUERRA — Filho de Valério Dodds Guerra — Matemática — 78; Latim — 67; Cosmografia — 79; História do Brasil — 55; Física — 71; Química — 64; História Natural — 93; Filosofia — 68.

Média Final — 72.

ANIBAL DA SILVA MEIRELES — Filho de Alcebiades Meireles — Matemática — 53; Latim — 52; Cosmografia — 54; História do Brasil — 60; Física — 50; Química — 57; História Natural — 87; Filosofia — 58.

Média Final — 59.

ANTÔNIO MARQUES — Filho de Amadeu Marques — Matemática — 70; Latim — 73; Cosmografia — 70; História do Brasil — 89; Física — 54; Química — 66; História Natural — 94; Filosofia — 78.

Média Final — 73.

ARQUIMEDES JANNUZZI — Filho de Salvador Jannuzzi — Matemática — 39; Latim — 53; Cosmografia — 60; História do Brasil — 49; Física — 55; Química — 61; História Natural — 69; Filosofia — 58.

Média Final — 55.

ARLINDO MORENO — Filho de João José Moreno — Matemática — 78; Latim — 66; Cosmografia — 66; História do Brasil — 66; Física — 70; Química — 72; História Natural — 90; Filosofia — 65.

Média Final — 70.



ARTUR MARTINS VIANA — Filho de Braz Martins Viana — Matemática — 41; Latim — 58; Cosmografia — 32; História do Brasil — 46; Física — 42; Química — 57; História Natural — 55; Filosofia — 47.

Média Final — 47.

ARARE UBIRAJARA FERNANDES — Filho de Arezo Fernandes — Matemática — 54; Latim — 53; Cosmografia — 72; História do Brasil — 48; Física — 59; Química — 60; História Natural — 82; Filosofia — 65.

Média Final — 62.

AUSTREGESILLO BARRETO — Filho de Aca- cio Barreto — Matemática — 40; Latim — 40; Cos- mografia — 45; História do Brasil — 51; Física — 39; Química — 46; História Natural — 37; Filo- sofia — 46.

Média Final — 43.

BENEDITO DIAS MONTEIRO — Filho de Ja- nuário Dias Monteiro — Matemática — 50; Latim — 54; Cosmografia — 57; História do Brasil — 58; Física — 48; Química — 54; História Natural — 77; Filosofia — 57.

Média Final — 57.

CARLOS SOARES DO COUTO — Filho de Bel- miro Couto — Matemática — 47; Latim — 39; Cos- mografia — 42; História do Brasil — 67; Física — 37; Química — 47; História Natural — 57; Fi- losofia — 63.

Média Final — 50.

CELSO OLIVEIRA — Filho de João Caetano de Oliveira — Matemática — 78; Latim — 67; Cos- mografia — 61; História do Brasil — 48; Física 75; Química — 76; História Natural — 87; Filosofia — 50.

Média Final — 68.

DARCI NUNES DA SILVA — Filho de Julio Antônio da Silva — Matemática — 81; Latim — 68; Cosmografia — 73; História do Brasil — 37; Física — 66; Química — 70; História Natural — 60; Filosofia — 51.

Média Final — 68.

EDMUNDO DE OLIVEIRA SALES — Filho de José Lázaro de Sales — Matemática — 77; Latim — 66; Cosmografia — 66; História do Brasil — 51; Física — 71; Química — 70; História Natural — 91; Filosofia — 51.

Média Final — 67.



GERALDO DE AQUINO CHAVES — Filho de Antônio de Aquino Chaves — Matemática — 80; Latim — 68; — Cosmografia — 78; História do Brasil — 56; Física — 70; Química — 74; História Natural — 91; Filosofia — 61.

Média Final — 72.

HUMBERTO PRADO FILHO — Filho de Humberto Prado — Matemática — 46; Latim — 62; Cosmografia — 56; História do Brasil — 70; Física — 47; Química — 65; História Natural — 71; Filosofia — 63.

Média Final — 60.

JACOB ANTUNES BRUM — Filho de José Antunes Brum — Matemática — 70; Latim — 52; Cosmografia — 56; História do Brasil — 56; Física — 63; Química — 50; História Natural — 62; Filosofia — 66.

Média Final — 59.

JORGE MONASSA — Filho de Amin Monassa — Matemática — 53; Latim — 59; Cosmografia — 48; História do Brasil — 41; Física — 51; Química — 53; História Natural — 56; Filosofia — 59.

Média Final — 53.

JOEL DE SOUSA MEIRELES — Filho de Godofredo de Sousa Meireles — Matemática — 33; Latim — 50; Cosmografia — 33; História do Brasil — 37; Física — 30; Química — 36; História Natural — 56; Filosofia — 42.

Média Final — 40.

JOSÉ BRANDÃO FERREIRA DE AZEVEDO — Filho de Livia Oliveira Belo Azevedo — Matemática — 50; Latim — 59; Cosmografia — 46; História do Brasil — 53; Física — 47; Química — 54; História Natural — 62; Filosofia — 58.

Média Final — 53.

LUIZ DE CASTRO CAMPOS — Filho de João Carlos de Castro — Matemática — 86; Latim — 63; Cosmografia — 75; História do Brasil — 85; Física — 70; Química — 62; História Natural — 99; Filosofia — 76.

Média Final — 77.

LUIS CLAUDINO DE ASSUNÇÃO — Filho de Luiz Souto Assunção — Matemática — 59; Latim — 59; Cosmografia — 54; História do Brasil — 68; Física — 62; Química — 55; História Natural — 67; Filosofia — 65.

Média Final — 61.



LUIZ SILVEIRA — Filho de João Cardoso da Silveira — Matemática — 54; Latim — 63; Cosmografia — 73; História do Brasil — 47; Física — 64; Química — 51; História Natural — 85; Filosofia — 73.

Média Final — 64.

MANOEL DE FREITAS RIBEIRO — Filho de Joaquim Ribeiro — Matemática — 41; Latim — 66; Cosmografia — 60; História do Brasil — 30; Física — 58; Química — 67; História Natural — 76; Filosofia — 57.

Média Final — 57.

MANOEL JOSÉ FERREIRA FILHO — Filho de Manoel José Ferreira — Matemática — 66; Latim — 70; Cosmografia — 58; História do Brasil — 58; Física — 61; Química — 54; História Natural — 74; Filosofia — 66.

Média Final — 63.

MARCELO BORGES — Filho de Amália Borges — Matemática — 61; Latim — 51; Cosmografia — 59; História do Brasil — 60; Física — 59; Química — 63; História Natural — 95; Filosofia — 58.

Média Final — 63.

MARCO AURELIO DE CASTRO — Filho de Carlos de Castro — Matemática — 44; Latim — 47; Cosmografia — 64; História do Brasil — 48; Física — 44; Química — 45; História Natural — 44; Filosofia — 56.

Média Total — 49.

MARIO DE ASSIS NOGUEIRA — Filho de José Nogueira Chagas — Matemática — 76; Latim — 76; Cosmografia — 89; História do Brasil — 75; Física — 72; Química — 65; História Natural — 92 — Filosofia — 83.

Média Total — 78.

MAXIMIANO REZNIK — Filho de David Reznik — Matemática — 60; Latim — 70; Cosmografia — 59; História do Brasil — 55; Física — 68; Química — 60; História Natural — 81; Filosofia — 67.

Média Final — 65.

MOACIR ROQUE PINHEIRO — Filho de Luiz Roque Pinheiro — Matemática — 58; Latim — 67; Cosmografia — 69; História do Brasil — 51; Física — 71; Química — 73; História Natural — 89; Filosofia — 60.

Média Final — 67.



MURILO ALVARES VELOSO DE CASTRO — Filho de José Alexandre Alvares Veloso de Castro — Matemática — 60; Latim — 57; Cosmografia — 54; História do Brasil — 58; Física — 52; Química — 56; História Natural — 72; Filosofia — 54.

Média Final — 58.

MIGUEL DE FRANCO — Filho de Domingos de Franco — Matemática — 62; Latim — 50; Cosmografia — 43; História do Brasil — 53; Física — 57; Química — 55; História Natural — 72; Filosofia — 67.

Média Final — 57.

NEWTON TUPINAMBA — Filho de Anfilóquio Tupinambá — Matemática — 56; Latim — 49; Cosmografia — 54; História do Brasil — 59; Física — 54; Química — 59; História Natural — 76; Filosofia — 60.

Média Final — 58.

NILO GUIMARAES DE SOUSA — Filho de Hipólito de Sousa — Matemática — 36; Latim — 59; Cosmografia — 67; História do Brasil — 68; Física — 44; Química — 63; História Natural — 72; Filosofia — 64.

Média Final — 59.

RENATO CHAVES BORGES — Filho de Amália Chaves Borges — Matemática — 52; Latim — 48; Cosmografia — 56; História Geral — 61; Física — 48; Química — 61; História Natural — 66; Filosofia — 57.

Média Final — 57.

REGINALDO ROOSEVELT BASTOS — Filho de Constância Bastos — Matemática — 59; Latim — 36; Cosmografia — 53; História Geral — 60; Física — 54; Química — 63; História Natural — 64; Filosofia — 62.

Média Final — 59.

TÚLIO PRADAL — Filho de Valentim Pradal — Matemática — 37; Latim — 59; Cosmografia — 55; História do Brasil — 68; Física — 57; Química — 54; História Natural — 58; Filosofia — 62.

Média Final — 60.

VALTER BERNARDES GIL — Filho de Lourenço Bernardes Gil — Matemática — 55; Latim — 61; Cosmografia — 53; História do Brasil — 40; Física — 66; Química — 56; História Natural — 53; Filosofia — 62.

Média Final — 56.



No ano em que obtivemos as notas que acabaram de ver claramente, colhidas entre os papéis da enorme e confortável secretaria que hoje controla a vida escolar de cada aluno, já não funcionava mais o Internato.

Recuemos um pouco, para retornarmos, depois, ao presente.

Mesmo quando nos mudamos para o novo prédio, que tomou os números que vão de 225 a 237, lá pelos idos de 1932, o dr. Ernani já havia resolvido extinguir aquele setor que só lhe dava trabalho e preocupações, e à espôsa.

Em lugar de "seu" Nelson, destacava-se atualizado, com a mesma eficiência e zelo, o ex-aluno Sílvio Gonçalves Capêla que, desde 1933, quando concluiu o ginásial, por lá ficara até a presente data, perfeitamente entrosado com os problemas do ensino e as exigências ministeriais, setor de educação e cultura.

Todavia, até presentemente tal internato ainda é comentado por muitos alunos de várias gerações que ainda continuam a desfilar naquelas carteiras, de tanta saudade e tradição.

O próprio Capêla, pertencente à nossa época, a extinguir-se agora, não desconhece aquela fase



que envolve uma série de acontecimentos de que foram protagonistas alunos de valor, hoje Generais, Juizes, Ministros, Engenheiros, Cientistas, Professores de cursos superiores de Direito e Medicina, como o Frota Pessoa, Newton Dias, os irmãos Antunes e muitos outros como o Fontoura, Príncipe, etc.

A relação de que dispõe a secretaria, em poder de Capela, é imensa. E requintada, tanto pela quantidade como pela qualidade.

Tal Internato, porém, que só possuía alunos crescidos, intranquilizava por demais a direção do Ginásio, visto como seus integrantes eram inquestionavelmente imaginosos e incontrolados.

Recordemos.

Aquela história do "álcool puro", por exemplo, ficou. Talvez para sempre. De quando em quando é rememorada.

Os alunos gostavam de fazer pi num buraco contido numa fresta do assoalho, a fim de evitar o trabalho de se dirigirem ao mictório, que ficava do lado de fora, principalmente em noites frias de inverno. Tinham de se expor ao tempo. Tudo andava assim em seus comêços...

Apelavam então para aquêle recurso, muito mais cômodo, porém nem sempre com o devido cuidado. Em determinadas ocasiões, os mais displicentes e descontrolados não acertavam o orifício, deixando o líquido derramar-se umedecendo o chão,

formando lagos que variavam com a reserva de cada qual...

Certa noite, o Inspetor de Disciplina se atrasara e, até tarde da noite, não havia ainda chegado. Os alunos, que nunca esperam pelo Inspetor para fazerem o que querem, tiveram a má idéia de acabar com baratas, pulgas ou percevejos que por ali houvesse, utilizando-se de velhos jornais acesos! Infalível o processo, julgaram.

E cada um dêles foi acendendo o seu, numa grande operação à Osvaldo Cruz, para extinguir os indesejáveis sevandijas que, naquela noite abrasante, estavam a importuná-los, prejudicando-lhes o sono e o repouso. As tochas eram muitas!

Em meio ao fogaréu, que mais parecia autêntica fogueira junina ou os incêndios de Nero, na antiga Roma, eis que o professor Zulmiro Pinho chega.

E, ao contemplar o espetáculo dantesco, as faces rubras e iluminadas dos presentes, explode em altos brados, nervoso, sem saber do que se tratava, realmente:

— Incendiários! Incendiários! Vou tomar providências imediatamente!

E passando o dedo na urina que escorria pelo chão:

— Alcool puro!

— Querem pôr fogo no Ginásio!



E como as notícias sempre correm céleres, dentro em pouco tudo chegava ao conhecimento do dr. Ernani, que não poupava energias para ver sua casa sempre em ordem.

Tanto o movimento desusado, como as canções, serestas, anedotas em tom mais alto que o useiro, e até mesmo extravagâncias como esta do "alcool", eram mais que suficientes para fazer o diretor comparecer ao Internato e impor a disciplina que julgasse mais conveniente.

Numa dessas noites igualmente de agitação, contam que ele fôra chamado com urgência para resolver acidente de comprovada rebeldia e desobediência, por parte de alguns.

Quando se aproximou da porta, já fechada por um dos que desejavam encerrar comentado caso, definitivamente, bate com veemência, mas em sigilo de si. Uma, duas, três, quatro vezes:

— Abram! gritou.

E o aluno que o ignorava, ante a insistência:

— Bata com a cabeça!

Desnecessário é dizer que a porta foi arrombada a jato, pelo dr. Ernani...

Do outro lado, entre boquiaberto e estupefato, o hoje general Joaquim Fontoura...

---

De outra ocasião, estudavam dois alunos, futuros reservistas do Ginásio, pormenores sobre a gra-

nada-de-mão, potente projétil em forma de romã, conteúdo de alto explosivo, para ser usada geralmente nos campos de guerra. Seu poder. Características. Manuseio. Cuidados. E modo de lançamento, o que já os levava a falar alto, até tarde, numa noite em que Salomão Filho, hoje médico e professor daquela casa de ensino, desejava dormir e descansar para as pelejas do dia imediato. Ainda não pensava em tornar-se deputado pela Guanabara.

Quanto mais as horas passavam, tanto mais se ampolgavam com aquelas lições, que tinham de ser muito bem repetidas, depois, ao oficial-examinador, pois seria dia de prova no Tiro de Guerra a que ambos pertenciam.

Por mais de uma vez Salomão Filho já os havia exortado a que deixassem o estudo para a manhã seguinte cedinho, quando a memória mais e melhor os ajudaria. Já era demasiado tarde e ele sem poder dormir.

Mas, por não ligarem àquele pedido do vizinho, continuavam os dois...

Até que Salomão, não se agüentando mais, indaga em alto e bom som:

— Vocês querem é granada, não é? Pois então tomem!

E atirou-lhes, atravessando pela bandeira da porta, enorme sapato que foi atingir, certo, a lampada do quarto de ambos, do outro lado.



Houve um estouro, seguido de escuridão. E, em seguida, o silêncio, só cortado pela indagação irônica:

— Não queriam granada?

— Não queriam? — repetiu, cobrindo-se...

— Pois a tiveram...

Felizmente, o dr. Ernani andava longe nesse dia...

Não se envolveu em mais um caso estrondoso...

---

E d. Alaide, sua esposa, cedinho, é que já estava a costurar as calças dos dois reservistas, pois ficaram sem tempo e sem luz para fazê-lo.

Assim é que sempre foi o "Arte e Instrução". De um lado, o dr. Ernani a disciplinar o ginásio que fundara em 1905, com o propósito de educar as gerações, dentro dos rigores de seu feitio!...

E ela, com as sobras de seu coração de mãe, a cuidar dos outros filhos, não só a remendar roupas de alunos mais modestos, mas até mesmo fazendo curativos em dedos das mãos e dos pés de peralvilhos, acidentados nos movimentadíssimos recreios...

Uma santa senhora, todos achavam...

E, dela, estávamos a nos despedir irremediavelmente, pois até os retratos para a posteridade já tínhamos ordem de obter, no fotógrafo do Méier, para quem tantos, de tantas outras turmas anterior-

res, haviam posado, vestindo aquele mesmo traje de luxo, exatamente das calças para cima, com o peito solto e engomado, gravata borboleta preta, acetinada...



Muitos devem estar lembrados do que foi aquele memorável ágape comemorativo do vigésimo aniversário dessa união, promovido na rua Uruguai, onde havia uma churrascaria, agora em outro local.

Foi em 1954 e festejávamos alegres os inesquecíveis tempos começados no velho casarão da avenida Coronel Rangel, 174, hoje denominada, com indiscutível justiça, Avenida Ernani Cardoso, — casarão que cedera lugar mais além, ao mais bem equipado estabelecimento de ensino da zona suburbana do atual Estado da Guanabara. No 174, agora, vibram os acordes das sinfonias, transformado que está numa Academia de Música.

Foi uma manhã e ante-tarde memoráveis, a que não faltaram nem as fotografias instatâneas, como testemunhas, daqueles guapos rapazes de ontem, hoje chefes-de-família, cada qual mais feliz com as glórias alcançadas. Do bródio participaram também alguns mestres, igualmente amigos e saudosos. Nêle se viam: O professor João Barbosa de Moraes, de História Universal, sempre espirituoso e jovial; o professor João Batista Quintanilha, de História Natural; Luiz Dantas de Castilho, de conservadíssimo porte, professor de Desenho; o capitão Frêres, de Matemática; Olavo Anibal Nascentes,



bem humorado, alegre, rememorando uma ou outra passagem de suas aulas de Português e Latim.

Como não podia deixar de acontecer, uns mais que outros traziam a marca do tempo em suas fisionomias.

De quando em quando mexíamos com alguns dos presentes, dizendo que a velhice também possui seus encantos.

A grande verdade, porém, é que um grande júbilo se misturou à saudade, salvo, é óbvio, naqueles instantes em que reverenciávamos os que se foram, como o Luiz Claudino de Assunção, Hélio Garcia, Manoel Ferreira, Geraldo Crispim de Macedo — o Geraldinho, — José Brandão, Ari Chateaubriand, Manoel Ribeiro, Jacob Antunes Brum e Valter Bernardes Gil, todos prematuramente desaparecidos.

O professor Zulmiro Pinho, também estimadíssimo, faleceria um pouco mais tarde.

Foi uma oportunidade, porém, em que todos nos reencontramos em torno de uma grande mesa, e eu, mais uma vez, sentado ao lado de Otávio Jannuzzi, como naqueles tempos do Admissão. Só que êle, em vez de me ceder gentilmente o livrinho de francês, pelo "Método de Ahn", oferecia-me agora para que me servisse, e bem, pedaços suculentos do churrasco comemorativo de nosso vigésimo aniversário de bacharelado. Com o respectivo mólho.

Os comentários que fizemos na última reunião a que compareceram alunos e professores, fizeram-nos recordar pedaços da vida de cada um, mestres e discípulos.

Newton Tupinambá, por exemplo, recordava a férula grossa, pesadíssima e tôda furada, pertencente ao "seu" Nelson, de quem guardava também, além de receio, profundo respeito, desde quando principiara.



*Prof. Nelson Cardoso, vice-diretor, para quem tamanho de aluno não era documento. Tôdas as turmas o temiam, embora, no fundo, fôsse um coração generosíssimo, do que sempre dava sobejas provas, principalmente quando tinha de ajudar a alguém em dificuldade, qualquer que fôsse.*

De uma ocasião, recordava, chegou "o gordo" a investir sobre um aluno já adulto, barbado, de cavanhaque, só porque ostensivamente fumava na varanda do antigo prédio, estimulando o vício, dando mau exemplo... E naquela ânsia de revistá-lo, de surpreendê-lo, chegou a cortar-se com uma



gilete, inadvertidamente guardada no bolso de cima, à direita, de seu uniforme.

Com o dedo a sangrar, corre à primeira pia.

De volta, ao tentar ver a hora, precipitadamente deixa cair, quebrando-se o "Pateck" de ouro, cuja exatidão não se cansava de elogiar, e por intermédio do qual fazia disparar a campainha que determinava tanto o início como o término das aulas. E Tupinambá gozou os acidentes. Do dedo e do relógio, simultaneamente...

---

Já o prof. Moraes que bem próximo se encontrava, causava-nos outra impressão, diferente de "seu" Nelson. Iniciara-se para nós como professor de Francês, obrigando-nos a conhecer os métodos práticos tanto de Henri Monat e Gaston Ruch, como o livro "Lectures Choiesies" cujo valor exaltava, para o conhecimento da boa pronuncia. A proporção que avançávamos no tempo, outros autores mais adiantados ia ele nos impondo, até chegarmos ao "Les Martyrs", de Chateaubriand, com que encerrávamos o ciclo.

Se mais não aprendíamos do idioma gaulês, a culpa cabia exclusivamente a nós, ou ao acúmulo de matérias, pois ele absolutamente não faltava às aulas. Salvo em casos excepcionalíssimos. Obri-

gou-nos a decorar um trecho de não sei quantas páginas, para que, ao menos, soubéssemos contar uma história, totalmente em francês. E de autor famoso. **La Fontaine**, de outra sorte, teve muitas de suas fábulas traduzidas em inúmeras e fatigantes aulas, durante as quais extravasava excelente humor...

O curso de História Universal, muito bem dado, tinha todos os assuntos por ele esplanados, antes de argüidos. Aí estão os livros de Raposo Botelho, que ele apreciava, além do de Jônatas Serrano e João Ribeiro. Ainda me lembra da divisão de História Universal, por ele dada: a Antigüidade Oriental, que compreendia a História Sagrada, os egípcios, os babilônios e assírios, os medos e os persas, os fenícios, os indus e chineses que, entre outras coisas, teriam descoberto a pólvora...

A seguir, a Antigüidade Clássica, compreendendo os gregos e os romanos. E, coisa interessante: conquanto não fôsse eu dedicado ao estudo desta matéria, aprendi pelo menos a amar e apreciar o grande povo grego, de que se originaram Platão, Sócrates, Aristóteles. Tucídides, Demóstenes, Fídias, Hipócrates, além de uma região de sábios pastores — a Arcádia — que acabou por denominar uma instituição de letras de minha terra natal e a que vim a pertencer, posteriormente. E muito mais coisa ouvi, com encanto, desse professor que, para mim, em vez



de ossos, tinha arcabouço de geléia, pela facilidade com que sempre se locomovia...

Era um cidadão de espírito finíssimo, que nos conduzia para as regiões do Olimpo ou para as sete maravilhas do mundo, com as Pirâmides do Egito, os Jardins Suspensos da Babilônia, para o Farol de Alexandria, para o Colosso de Rodes, para a Estátua de Júpiter, para o Templo de Diana, em Éfeso, ou para o Túmulo de Mausolo, sempre que podia, em seus deâmbulos históricos...

Na Idade Média, ele digrediu sobre a Invasão dos bárbaros, Império do Oriente, Império Árabe, o feudalismo, as Cruzadas, a Alemanha, (com os Habsburgos), a Inglaterra (com o parlamentarismo), a Guerra dos Cem anos, os Estados escandinavos e as invasões eslavas, mongóis e turcas.

Sobre os Tempos Modernos, ainda é da lembrança de todos o que esclareceu sobre os navegadores portugueses, espanhóis e outros mais. A descoberta da bússola, por Flávio Gióia, a facilitar isso tudo. E, a seguir, os renascimentos; a preponderância da França, com Napoleão, e o desenvolvimento marítimo da Inglaterra, com seu grande almirante, Nelson!

A História Contemporânea começou com a revolução francesa até à última guerra que, para nós, era anterior à de 1945, em que perdera a vida o nosso estimado colega, Luiz Claudino.

Se me quisesse estender sobre o que foram estas aulas que muitos excelentemente aproveitaram, quicá melhor do que eu, reproduziria, aqui, os nomes dos deuses, filhos de Júpiter e Apolo, relação que nos obrigou a copiar e cuidadosamente guardar... até hoje!

É bem provável mesmo que muitas destas coisas, em seus pormenores, já ele mesmo haja esquecido. Mas para quem desejasse possuir o tesouro do saber, ou melhor, prosseguir na História Universal, em suas aulas inegavelmente encontraria um bom começo... Excelente caminho...



*Prof. João Barbosa de Moraes, para quem a vida íntima de Napoleão ou o nariz de Cleópatra não possuíam segredos... Hoje, quando vamos assistir aos filmes históricos, no cinema, a lembrança de sua figura se impõe imediatamente, tal a maneira como prelecionava, quer falando sobre Pedro Álvares Cabral, quer sobre o antiquíssimo Tutancâmon.*

No último ano inesquecível, isto é, no quinto, suas aulas eram de História do Brasil, que já conhecíamos, embora sem profundidade, através de Esmeralda Masson de Azevedo. Ele, porém, era



familiar de Rocha Pombo, Varnhagen e outros. O exemplar que ainda guardo, se não me engano, é o de Otelo Reis, por ele recomendado.

E, pelo menos, o que permanece em minha modesta estante.

O professor Zulmiro, de Latim, Inglês e Filosofia, possuía métodos inteiramente diferentes.

Quando chegava à sala, o colarinho impecavelmente engomado, os olhos esverdeados, meio protuberantes, gostava de encontrar o silêncio de modo que se pudesse ouvir até as moscas voarem. Exceto a dos Dedês, à claro, arrastando as bandeirinhas no espaço etéreo, azul, em revoadas inesquecíveis...

Marco Aurélio o descreve bem em páginas deste livro.

Inglês e Latim, aliás, para quem não falava fluentemente em aula, como ele, era coisa realmente difícil de transmitir. Mas tínhamos o livro de Albino Ferreira, "English Method", além do "Royal Reader's", em vários números.

Amiudemente obrigava-nos a decorar determinadas quadras poéticas, além de respostas a perguntas práticas que ele sempre formulava no idioma de Byron, de Francis Bacon, de Dickens...

*What do you mean by kitchen?*

Seu ensino de Latim era transmitido através de Ovídio e Cícero, Cornélio Nepos, De Bello

Gállico e Fábulas de Fedro completamente pela gramática latina de Mendes de Aguiar, cujas cinco declinações e verbos nos obrigava a decorar, para o desenvolvimento da ordem direta e inversa, nas traduções. Mais adiante, teve como substituto o jovem professor Olavo Nascentes, muito amigo e inteligente, e que, por isso mesmo, começou a injetar sangue novo na turma...



*Prof. Zulmiro Pinho, a cujas palavras, sábias e generosas, Marco Aurélio deveu a sua salvação... Em aula, aparecia aos alunos com o mesmo rigor e apuro com que a fotografia o exhibe, nesta justa e imorredoura homenagem.*

A Filosofia a que também se entregava, em três lições por semana, era a inspirada nos livros do padre Leonel Franca, lições que antes assimilava, transmitindo-nos muito bem, graças à sua lucidez e capacidade didática, pois, além do mais, era bom orador...

Não fôra ele advogado...



O professor João Batista Quintanilha era o que mais empolgava os alunos de todo o Ginásio, com suas aulas consideradas magistrais, principalmente para os que gostavam de História Natural e Biologia. Hajam vista as notas excelentes que todos gostávamos de alcançar, de que constituem documento indiscutível as médias divulgadas em páginas anteriores dêste mesmo volume, no capítulo sobre a inutilidade das perseguições do inspetor Pauwels, as quais culminaram com a aprovação da grande e alentadora maioria...



*Professor Quintanilha, sempre cheio de entusiasmo e ardor em suas aulas de História Natural. Hoje, com seus cabelos inteiramente brancos, bem demonstra o quanto se desdobrou e consumiu energias para adquirir o brilho de um professor autêntico, a despertar vocações em seus alunos...*

Formado em medicina havia pouco, Quintanilha — como o chamávamos na intimidade — trazia as divisões e subdivisões muito bem arrumadas em seu cérebro de pessoa cuidadosa.

Assim é que os Protozoários, Metazoários, Artiozoários, Polimerídios, Quitinóforos, Artrópodos, Dipteros, bem como a divisão dos Fitozoários, Celentéreos, etc., sabia tudo de cór e a qualquer hora para qualquer dos anos. Porém, o que mais o arrebatava era a parte da Biologia que o levava a falar sobre o corpo humano, coração, pulmões e rins, além da fisiologia de cada órgão... Em geral, as suas aulas eram copiadas e acompanhadas com interesse por todos os alunos.

Ernani Xavier de Brito, como já me referi em capítulo anterior, proporcionava o milagre de nos oferecer embalsamados, para estudo, centenas e centenas de aves, répteis, batráquios, além de toda a coorte de animais que compõem as classificações das espécies, até chegar os mamíferos, a que pertence o bipede implume, o homem...

Em suas aulas de Física, quando não o ouvíamos bem, por defeito de sua fala, um pouco baixa e cavernosa, víamos os aparelhos referentes ao assunto, como, por exemplo, a garrafa de Leyde, os acumuladores, máquinas eletrostáticas, etc. De outras feitas, como no caso das máquinas a vapor e motores de dois e quatro tempos, quando ele não nos podia exhibi-los em miniatura, trazia-nos pelo menos um desenho elucidativo e, através do mesmo, ministrava a aula.



De modo que assim os assuntos eram dados; e os programas explanados. Quem possuía cabedal para compreender os problemas de matemática ligados a Física, êle o atraía para si, na primeira fila. E quem não o possuía, êle deixava ficar... Cada qual com a sua inclinação.

Era o seu sistema.

Cansamos de assistir em aulas de Química orgânica e mineral, as características das substâncias, de uma e de outra. Em aulas práticas, a que não faltavam reagentes, dispunhamos de pipetas, vasos de Becker, buretas de Mohr, para dosagens, tubos-de-ensaio para as reações, estantes, funis, filtros, papéis de tornassol azul e vermelho, além de grande número de produtos químicos. As aulas objetivas eram realizadas as mais das vezes aos sábados, em laboratório a que não faltavam o microscópio nem micrótomos para estudos também de Botânica, a qual ficava a seu critério, como Farmacêutico e Químico que era, de largo prestígio, como estudioso e profundo conhecedor das ciências de Lavoisier e Linneu.

---

Vergando o seu guarda-pó, acumulava como vemos tanto as aulas de Química como as de Botânica. E sempre nos aconselhava a que nos aplicássemos no estudo dessas duas matérias, praticamen-

te entrosadas, porque todos na vida — acentuava — dependíamos dos vegetais. E explicava:

Pela fotossíntese, ou melhor, pela formação dos primeiros hidrocarbonetos, através do sol, junto à clorofila, é que provém a energia com que o corpo se vitaliza. A clorofila é o pigmento verde das plantas; e é a luz de nossa principal estrêla que, uma vez nelas acumulada e transformada, desperta a vida no recesso das células humanas, no sangue e humores.

As plantas retiram do ar o gás carbônico e o combinam com a água para a formação de glicídios como a glicose, na uva; ou como a sacarose, na cana-de-açúcar, além de outras oses, em inúmeros outros vegetais.

E repetia tudo com tal ênfase que por fim acabávamos convencidos de que tal energia assim acumulada e depois transferida para o organismo do homem seria, em síntese, a força de que todos os reinos da vida se utilizam para viver.

E hoje, que trinta anos são passados, sentimos que tanto a sua Botânica como a sua Química andavam de mãos dadas, visto como a ciência moderna está a confirmá-lo. Haja vista a teoria de que o azoto ou nitrogênio existente em a natureza, provém quase que exclusivamente do mundo vegetal. E dêsse nitrogênio, combinado ao metânio e hidrogênio é que se originam os ácidos aminados como a glicocola e alanina, ácido aspártico e ácidos



nucleicos, de que dependem os fenômenos de hereditariedade no homem.

O nariz do pai pro filho!

Recentemente, Harold Urey, prêmio Nobel de Química, provou o que vai dito atrás.

Por outro lado, certos virus causadores de determinadas doenças se colocam como seres intermediários entre a matéria bruta e a matéria viva. A doença do tabaco — o virus do mosaico — descoberto por Stanley, outra coisa não é senão uma complexa molécula de proteína — composta de carbono, hidrogênio, oxigênio e azoto — dotada de poder reprodutivo, apresentando tôdas as características dos seres vivos! Conservado, tal virus pode durar indefinidamente. Entretanto, em diluição de um por um milhão, provoca a doença do mosaico, inclusive reproduzindo-se, comportando-se, enfim, esta molécula proteica como se fôra um ser!

Uma rickettsia, que é pouco maior que um virus, é capaz de transformar quimicamente uma substância e, portanto, gerar uma parte de sua própria energia vital.

O tifo exantemático, por exemplo, que já produziu uma centena de vítimas em minha terra natal, Nova Iguaçu, ao tempo do professor Irineu Malaguetta, é provocado por um tipo de rickettsia — a prowazeki.

Tais estudos, hoje avançadíssimos e realizados por Daniel Mazia e Alfred Mirsky, que chegaram a

isolar a molécula da hereditariedade, já encontravam em Ernani Xavier de Brito um professor atualizado, que mencionava as nucleoproteínas e seus componentes como os que emprestavam as características que passam de pai para filho, isto é, o ácido desoxirribonucleico!

Aquela época, chamava a nossa atenção, apenas, para a química dos núcleos como a responsável pelo fenômeno. É claro que desconhecia o DRN.



*Prof. Ernani de Brito, conhecedor dos mistérios da Química, da Física, das estrêlas-do-mar, cujas pontas crescem tal qual o rabo das lagartixas, quando seccionado... Suas palavras ainda ressoam no ouvido de todos os alunos que se valem dos conhecimentos básicos para o exercício de suas atividades profissionais, nos mais diferentes setores da vida prática.*

Hoje, porém, muitas pessoas são capazes de conceber estas verdades que ele já proclamava há seis lustros. Até minha inteligente filhinha, Mônica, que está fazendo o curso primário.



A prova é que já começou a corrida científica no mundo inteiro para criar uma célula viva, originando-a das provetas e retortas laboratoriais.

Pelas palavras do dr. Orr Reynolds, um dos principais norte-americanos envolvidos no assunto, tal como o dr. Oparin, no outro extremo, sente-se o quanto vão adiantados nas pesquisas. E ambos esperam criar um ser vivo unicelular dotado de poder reprodutivo, nos próximos anos!

Para isso, já estão reunindo em "pequenos tanques quentes": — hidrogênio, amoníaco, metânio e vapor d'água, a eles juntando calor, luz e radiação atômica, isto é, procurando reunir o que a natureza parece haver feito há uns três bilhões de anos, mais ou menos.

O próximo passo, ainda dizem, será introduzir na célula "sintética", agora em construção, alguns genes estruturais e o ácido desoxirribonucleico, já sobejamente conhecido.

Como, entretanto, ainda existem muitos aspectos da estrutura da célula que a ciência ainda não conhece bem, esperam abrir no fundo do oceano um orifício que atinja camadas profundas da terra, de onde serão colhidas algumas amostras julgadas necessárias. Amostras que talvez revelem o elo vital que buscam em tais pesquisas, tendentes a provar que o homem também será capaz de produzir um ser vivo, rivalizando-se com a Natureza. Criando um círculo vicioso, interessante: a Natu-

reza cria o homem, que é dotado de espírito; e esse espírito, por sua vez, cria outra Natureza idêntica à que lhe deu origem.

O espírito realmente é tudo!

---

Finalmente, as aulas de Cosmografia. Ficavam sob a responsabilidade do próprio diretor, dr. Ernani, nesse 5.º e último ano. Com a adoção do livro de Mário da Veiga Cabral, tudo o que nos exigia era o que ele continha, ensinando-nos a reconhecer os fusos horários, valor em graus, minutos e segundos, de cada meridiano e paralelo, o conhecimento das latitudes norte e sul, longitude leste e oeste...

Chegou a criar questões...

Os aparelhos com que se mede a distância entre dois astros, além de outras questões relacionadas com os movimentos de rotação da Terra em torno do Sol e da Lua em torno da Terra, seus dias, horas e minutos, como em todos os outros colégios, ele igualmente nos transmitia. E, quando podia, mandava buscar um que outro aparelho, tal, por exemplo, o planetário, para termos uma idéia não somente exata da distância que nos separa de Mercúrio, Venus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão, senão, ainda, o número de voltas que cada planeta realiza em torno do sol, enquanto a



Terra que habitamos, completa a sua... Tais aparelhos ainda há pouco os vi, quando fui colher as fotografias para este volume. E inúmeros outros.

E tenho certeza de que, conquanto não fôsse ele um diplomado pelo Observatório Nacional, para as referidas aulas, hoje, quando se lança um foguete com satélite tipo *Sputnik*, todos os que o ouviram com atenção sabem perfeitamente o que está se passando relativamente à força de gravidade da Terra... ou mesmo da Lua... 49 vezes menor...

O resto é de nossos dias, e os jornais e revistas científicas estão a nos revelar a quantas anda o progresso astronáutico, as experiências que estão sendo levadas a cabo pelos centros mais adiantados do mundo, no sentido de ser atingido nosso satélite natural, a Lua, ou Marte e Vênus, nossos planetas mais próximos, isto é, do mesmo sistema solar.

Eis, portanto, em linhas gerais, o que foram estes mestres que aprendi a entender e reverenciar desde o começo de minha vida, tanto por meu pai, um simples comerciante, como por minha mãe, modesta dona de casa.

Conforme já acentuei, ainda que lhes ofereçamos ouro puro para pagamento de suas tarefas, no mister de ensinar, sempre lhes deveremos o salário do coração.

E, se formos usar as palavras textuais de Fausto Barreto, em relação aos educadores, como os a que aludo neste passo, terei mais o que acrescentar:

"Aqueles que nos ilustram o intelecto, povoando-o de belos e úteis conhecimentos, merecem ouvir a expressão: *Pæceptorî, magna reverentia sit*, de memorável filósofo.

*Pretium operæ solvitur, animi debetur*, ponderava Sêneca.

Constantemente dizia Alexandre Magno que não devia menos a Aristóteles que a Felipe da Macedônia; porque se lhe dera este a vida, lhe ensinara aquele a usar dela. O mais virtuoso dos imperadores romanos, Marco Aurélio, tão célebre por sua moderação e prudência, quanto por sua apaixonada inclinação à filosofia e às letras, rendia graças ao céu principalmente por dois motivos: o haver êle tido bons mestres e o haver encontrado bons colaboradores para a educação dos filhos.

A seus preceptores tributava o ilustre príncipe uma espécie de culto doméstico. Imagens dos mestres, as possuía de ouro, e os túmulos onde êles repousavam das lides da vida, os enflorava a gratidão do imperador".



Concluido, assim, o curso com tais mestres, contar-lhes-ei a história permenorizada de um colega sentimental e de nosso **Quadro de Formatura** a que êle se relacionou.

O colega chama-se Marco Aurélio de Castro e o **Quadro de Formatura** se refere ao ano em que concluimos o secundário — isto é, 1934.

Por causa de ambos é que o presente livro surgiu.

Marco Aurélio, depois de alguns anos de separação, abraçou-me efusivamente e me convidou para a festa de conagraçamen.o em que todos nos reencontraríamos, num dia de luz. E fui.

Os encontros foram uma coisa!!!

Sem dúvida, a idéia constituiu mais que um encanto. Ou amenidade.

Finalizada a mesma, em que grandes surpresas nos foram reservadas, alguns colegas já cheios de filhos, as cãs já a aparecerem, juntamente com as rugas, eis que resolve proporcionar-me outro agradável convite: o de ir à sua mansão amiga, a fim de revermos o **Quadro famoso**, em que apreciávamos com aquelas tranqüilas fisionomias de quando meninos.



Lá chegando, eis que outro prazer inesperado se me oferecia, como se estivesse a orientar-me pelo braço e a conduzir-me a regiões de um passado distante, significativo, em que os lábios entremostravam não somente a juventude que dêles brotava, senão também todo um mundo de esperanças e sonhos multicores, relacionados com os cursos que fizemos.

Ao tempo de ginasiano, já êle havia ido à minha casa, com outros colegas. E somente agora, muitos anos depois, é que retribuiria aquela visita, permitindo-me verificar o enorme tempo que medeou entre um e outro convite, entre um e outro encontro.

Já bastante sazoados, e bem grisalhos, é que iríamos nos reportar àquele tempo em que tudo faltava, mas a que nada parecia faltar...

Vi-me exatamente como eu era, com o nasóculo redondo e prêso à pequena corrente de ouro, presente de meu pai. A meu lado, todos êles, em número de setenta e dois, inclusive os *vagalumes*, os que, por trabalharem de dia, realizaram os estudos à noite. As môças, exatamente as mesmas, com aquelas fisionomias angelicais com que tantas vezes cruzámos os corredores e salas-de-aula!

— Marco Aurélio, que encantamento! Muito obrigado por tudo! — exclamei.

Porém, ainda havia mais.

Com aquêles mesmo cavalheirismo, conduziu-me à casa tôda, mostrando peça por peça, até o gabi-

nete onde outras fotografias me aguardavam. Além de grande número de endereços, relacionados com os antigos colegas, de quem espiritualmente, êle nunca se separara, sem embargo daquele tempo de permeio...

Aproveitando o ensejo, anotei a residência de alguns, dos que pude por me serem mui chegados. A do atencioso Renato Borges, por exemplo, porque sempre me escrevia, sobretudo em dias de aniversário.

Entre nós dois, existia vasta correspondência, êle a residir em Belo Horizonte, atualmente, e eu, aqui.

Depois de tudo visto, acomodamo-nos. Sentei-me numa de suas poltronas e comecei a ouvi-lo.

— Ainda me lembra — acrescentou — e são passados trinta anos. E quem não se recorda daqueles bons tempos da turma "braba" de 1934?

— Parece-me que estou a ver todos em suas carteiras, quietos e temerosos, o dr. Zulmiro Pinho, já falecido, com a sua ventarola a abanar-se e, com a mão esquerda em concha, ao pé do ouvido, procurando captar um ruído, quase um sussuro que, partindo das últimas carteiras, teimava em desafiná-lo.

— Dr. Zulmiro — prossegue — tinha ojeriza por barulho na turma. E somente quando não mais ouvia um zumbido de môsca, resolvia começar a aula.



Quando menos esperávamos, sentados, surge sua espôsa, a professora Hélida, da Guanabara, que confirma o gosto permanente de Marco Aurélio, junto a seus ex-colegas, sempre a recordar e até mesmo a reter tais passagens, de que não se esquece jamais...

— Um momento, então, Marco, exclamei. Liguemos a máquina de gravar, para que não esperdicemos uma só frase do que está a rememorar com tanta riqueza de pormenor.

— Seu irmão Luiz de Castro, também presente, concordou.

E começamos então a registrar, sem perder uma só palavra!

E continuou, com o aparelho já ligado:

— Meia hora já se passara, e ele não conseguia começar a chamada.

E o sussuro prossegue.

Zulmiro estava furioso!

Em dado momento, com o dedo em riste, resolve acusar frontalmente:

— O senhor aí “seu” Renato!! O senhor mesmo! Ponha-se lá fora! E o senhor mesmo que está a perturbar a aula!

Renato Borges, o Charada, como de costume, reclamou, alegou inocência...

Mas fôra pôsto para fora.

Não se conformando, já na soleira da porta, protestou contra a injustiça, que ia queixar-se ao

dr. Ernani, fêz um barulho dos diabos! Nesse dia, nem armou charadas...

E de tal maneira irritou o dr. Zulmiro que êste, naquele gesto que sempre acompanhava tais momentos, gritou furibundo, abrindo o casaco e pondo o peito à mostra:

— O senhor quer brigar? Está a me parecer...

Eis senão quando uma voz, do meio da sala, soou limpa e sonora:

— Barriga não é peito!

E o professor entre rápido e ofendido para exhibir as suas ouças:

— Quem falou? Sou homem para mais um! Repita seu covarde! Quero ouvi-lo!

Claro que a voz não repetiu. Para quê? Preferiu gozar, juntamente com tôda a turma, uma estrondosa gargalhada!

O resto da aula foi consumida por feroz pré-dica moral.

Também, Renato não voltou à aula.

E o dr. Zulmiro nunca veio a saber que fôra o saudoso Jacob Antunes Brum o autor da brincadeira que não confundiria o seu peito de macho decidido com a barriga balofa de um professor cinquentão!

---



Nesta altura é servido um café, para que Marco Aurélio descansasse um pouco, tomando novo fôlego. Mas é ele mesmo que não quer parar:

“Sempre respeitei todos os professores e guardei, mesmo, de cada um, ensinamentos que me vieram proporcionar, depois de adulto, grandes melhorias na vida. Por todos eles nutro grande admiração e lhes sou agradecido. Todavia, quem me marcou realmente a existência, com seu saber e exemplos, foi esse mesmo dr. Zulmiro, a que aludi há pouco.

Para ele, tiro o chapéu. E, sempre que posso, peço a Deus numa prece, todas as facilidades para a sua vida espiritual. Que colha no espaço, o que tenho eu obtido, através de suas palavras, sempre sábias, generosas e sinceras.

— Quem não se lembra daquelas suas recomendações para a “vida prática”? Quem não se recorda de suas aulas de Filosofia?

Zulmiro era um estudioso e competente. Dava gosto ouvi-lo discursar. E, quando se promovia qualquer comemoração no Ginásio, era atento que assimilávamos suas sentenças, pois em cada uma havia esplêndido ensinamento ou uma advertência para o futuro. Além do mais, revelava-se filósofo.

Pouco anos depois de concluído o curso, má doença atacou-me. Minha VIDA arrumara até as malas para a caminhada em direção à MORTE.

Com vinte e poucos anos, transbordante de esperanças no futuro, julgava triste ser assim conduzido, sem ao menos consultado. Se do meu agrado ou não.

Foi quando, certa manhã, descendo de Teresópolis, acabrunhado com a doença, a natureza me pareceu mais grandiosa do que nunca.

O ar revelava-se puro, o sol mais luminoso, a mata mais verdejante. Tudo se passou como se houvesse ocorrido um estalo em minha memória, avivando-se toda a lembrança daquelas aulas de Filosofia, em que o dr. Zulmiro discorria sobre o Belo. Naquele dia, aliás, não atentara, como deveria, para a profundidade da dissertação. Sem embargo, se me deparava, agora, diante de meus olhos, mais do que nunca, o tão decantado Belo! Aquêlo Belo zulmiriano que eu não julgava tão belo assim, se fornava agora realmente maravilhoso, porque, quando jovem, cheio de esperanças, em vez de colhê-lo tal qual ensinava, preparava-me para um futuro que iria encontrar a morte feia e cruel, nas profundezas de uma cova...

Por esse tempo, jazia eu condenado...

Já, ali, compreendia melhor. E um sorriso feliz se me aflorou aos lábios, qual aquêlo de que minha tia Palmira dizia:

— Quem ri sem saber por que, ou ri das maldades feitas ou por fazer!

Realmente, era por fazer. E o fiz!



Pratiquei uma crueldade com a morte, ajudado por êle. Iludi-a. Logrei-a. Avancei no Belo com unhas e dentes, e uma reação estupenda e feliz em meu organismo operou-se: curei-me do que a medicina antes condenara..."

---

"Ocasão em que outra sabia advertência do dr. Zulmiro ocorreu-me:

— Amanhã, na "vida prática"...

Sim, na vida prática comecei a fazer os meus dias, até hoje. Tornei-me rigorosamente prático, detestando a teoria. E com êle ficarei, até naquela resposta que me dera, quando lhe fui indagar sobre o que era o Sonho...

— Não sei, não senhor. Sou velho. O senhor, que é môço, é que saberá sonhar... e saber...

E ainda hoje, êle lá em cima e eu cá em baixo, continuamos sem saber o que é o Sonho...

Mas, não importa. Quem está mais velho agora sou eu, que não sonho mais. O Belo, porém, ficou comigo. Permanecerá para sempre. Um Belo que não largarei jamais. Quiçá uma dádiva, ou melhor, um Bem que êle me concedera.

— Gratíssimo, doutor Zulmiro!"

---

Mais outra pausa e concituro:

— "Sou agradecido ao Destino por me haver feito pertencer a essa famosa turma do Ginásio Arte e Instrução.

Muitos colegas podem não pensar da mesma maneira. Eu, entretanto, orgulho-me de meus professores e de todos os meus colegas.

Naturalmente que, àquele tempo, ainda não possuíamos o caráter completamente formado, éramos demasiado jovens. Tudo corria sob a mais profunda inexperiência.

O problema principal, então, não era estudar propriamente, mas passar de ano. Estudar, mais comparando, era como comer feijão e, no fim do ano, pular na balança. Se comíamos pouco, a nota era pequena. Se comíamos muito, lográvamos distinção. E eu era dos que comiam pouco, ao contrário de Mário de Assis Nogueira, Maria Lídia Soares, Juraci Pinto da Silva, Marcelo Borges e outros que se empanurravam! Em seus organismos, havia sempre feijão de mais! E, nas provas, sobrava para os famintos com eu.

E assim, chegamos ao 5.º ao, fim de um curso em que, mesmo os que assimilaram pouco ou mesmo muito, saíram todos para ver a "vida prática"...

E nela, permanecemos todos, até o fim, conquistando uns mais louros do que outros, naturalmente.



Contudo, foi a turma que mais índice ofereceu de formados, com o curso universitário concluído. Nela existem muitos médicos, dentistas, químicos, advogados, oficiais do exército, veterinários, professores — êmulos do sempre lembrado Zulmiro...

Os poucos que não se formaram, revelam-se pelo menos bem de vida. O que mais uma vez provou que a "vida prática", se muito boa coisa não era, de outra sorte, também não era tão ruim assim...

— Cada um se arrumou como pôde...

— Graças a Deus!...

E agora, como parceiro de banco, tao amigo quanto Marco Aurélio, terei de me deter, naturalmente, por direito, em Luiz Claudino, uma vez que o outro colega e amigo, Otávio Jannuzzi, se encontra vivo e são bem a meu lado.

O terceiro, Almir Gonçalves Capela, primo do Silvio G. Capela, que ainda hoje serve ao Colégio Arte e Instrução, escolhera a profissão de Dentista, separando-nos logo após o curso pré-médico, que fizéramos juntos. O Henrique Fernandes abandonara o Ginásio no quarto ano.

Resta, assim, recordar o que morreu: Luiz Claudino de Assunção, que chegara a ser colega de turma na Escola Militar de Realengo, de outro: do mais reconhecidamente estudioso e inteligente — Mário de Assis Nogueira, hoje coronel, merecedor dos elogios que vão no prólogo, de autoria do competente e estimado professor Olavo Anibal Nascetes.

---

Agora, falando em Luiz, tornemo-nos românticos, por instantes.



Luiz Claudino de Assunção, representação típica do aluno esforçado, sempre nos faz lembrar seus olhos azuis, a testa larga, os cabelos claros e crespos, sempre curtos, bem aparados. Desde que o conheci, cortava o cabelo à moda cadete, preferência que o acompanharia até o fim.

Uma das vezes que o avistei, ainda era aluno da Escola Militar, terceiranista, e usava aquelas roupas coloridas, em branco e azul, com os botões e outras peças douradas. Estava radiante, visto como ia encontrar-se com alguém, que muito, desejava.

— Então, Luiz, ainda é aquela, de nosso tempo?

— Recorda-se ainda? — indagou-me, tartamudeando, emocionado.

— Como não? Você querendo-a demais e ensinando essa carreira que agora consegue.

— Bons tempos...

— E como vão as coisas? — aventurei-me à nova pergunta.

— Vão ótimamente...

---

Foi quando êle me forneceu a página poética, razão de muita coisa dêste livro, cheio de gratas reminiscências.

Esclareceu-me que não iam mui distantes aqueles dias de 1934, em que nos apartáramos,

quando teve de separar-se da que lhe fôra o par constante no último sarau realizado nos salões do Ginásio e que, com muita propriedade, fôra denominado: **Noite de Despedida...**

Há sempre umas coisas certinhas, na vida...

A família dêle acabava de mudar-se, em virtude de problemas criados pela morte do pai. Sua mãe, viúva, não ficara com muitos recursos, razão por que — continuava a explicar — tiveram de residir em casa modesta, êle com a obrigação moral de estudar e ajudar. Ela mesma lhe falara nisso.

Ele acedeu quanto aos estudos. E quanto à ajuda. Mas sua mãe teria, por outro lado, de concordar quanto ao desejo de firmar-se com aquela que fôra sua colega de ginásio, do ano anterior. E cuja casa haveria de começar a freqüentar, depois daquele baile, que marcaria o fim do curso, sim, mas também o início de outra vida. De novas e luminosas esperanças!

— Havendo a extremosa mãe concordado com a minha decisão, no dia seguinte, cedo, fui buscar a jovem para a missa, numa manhã de sol. O céu se mantivera limpo e azulado, pois a Natureza, em tais dias, sabe preparar-se realmente.

Era a primeira vez que a via sem aquele uniforme azul e branco de que tanto gostávamos. Lembra-se?

Seu rosto — frisava bem — era qual uma flor morena. Duas rosas na face, emoldurada pelos seus



brilhosos cabelos negros, descrevia-me eloqüentemente. E o que disse a ela, sentindo a beleza à minha volta, foi uma dessas coisas que nós só reservamos para os momentos sagrados...

— E sabe o que aconteceu?

— Aguardo...

— Abraçamo-nos com calor. Já tinha eu tempo para isso. Depois...

Separamo-nos. Fomos os dois a pé até regular distância, sem sabermos bem aonde íamos. O certo, porém, é que passamos felizes o dia inteiro.

A noite daquele mesmo domingo, reencontramo-nos, conforme havíamos combinado, pois teria de aproveitar o resto da semana para estudar e preparar os exames para a Escola Militar, exatamente em fevereiro.

Vivíamos àquela ocasião em princípios de janeiro. E aquêle último encontro proporcionou um ambiente tão radioso, uma aproximação tão encantadora, que através dos olhos dela eu sentia a vida! E ela igualmente nos meus, dizia. E tudo se passava como se houvéssemos atingido o céu, estando a viver sôzinhos, entre miríades de estrelas...

Cheguei até a sentir ciúmes quando a vi palestrar com Ernaide Cardoso, lembrando a festa do Ginásio, em que êle, por cortesia, a convidara para a valsa.

Nisso, Luiz me sacode. Mantinha-me verdadeiramente etéreo, inebriado por aquele romance, a que nada faltava...

— Recorda-se? Ainda tem em mente aquele rostinho?

— Como não me hei-de recordar, Luiz, se tais casos são de ontem?

Pois êsse ano todo transcorreu assim. E eu, um pouco absorvido pelas matérias do curso militar, propus encontros sômente quinzenais. E por razões diversas. Em dezembro, ela resolveu passar o verão na Urca, por ficar perto da Escola onde pretendia ingressar, a fim de fazer o curso superior, universitário. E lá tinha eu de ir...

A partir dêsse instante, as coisas não começaram a correr como dantes. Pelo menos na minha imaginação. Principiavam a tornar-se tristes e incertas, não sômente pela distância que passou a existir entre mim e ela, senão até pelo receio de que algum colega, com mais tempo para cortejá-la, viesse a roubar-ma. Como você sabe, o tempo e a distância influem muito no amor, sobretudo de jovens. Demais disso, a minha origem modesta me obrigava à carreira militar, não só por ser promissora, senão até, por ser a mais rápida de quanta existe por aí. Porém, até onde uma carreira, seja qual fôr, pode empolgar o coração feminino? Não se sabe. Ela mesma escolhera uma profissão libe-



ral para si. Por que encarrear-se uma mulher, quando há um casamento à vista?

Todavia, no último encontro que tivéramos, ela demonstrara firmeza:

— Amanhã, querida, estaremos distantes...

— Preferiria estar com você, Luiz...

— Receio que um dia, pelo cumprimento do dever, tenhamos de nos separar por longo tempo...

— Nada nos separará, tenho certeza. E, chegando-se bem ao meu ouvido: Já o escolhi para meu par, no dia de minha formatura.

— Combinado! respondi-lhe entre entusiasmado e esperançoso.

E até mesmo nos beijamos, havendo a lua como testemunha.

Numa das vezes, ela, desenlaçando-se das mãos, ergueu-me o rosto, a fim de observar melhor o meu perfil. E tocou-me a face novamente com seus lábios.

— Hei-de lembrar-me sempre de tais instantes, Luiz!

— Como esquecê-los? completei.

Depois... Muita coisa se modificou...

---

Concluí o curso da Escola Militar, aguardando, a seguir, o dela. Em tais circunstâncias, que maiores compromissos assumir? Eu, que só tinha um

caminho certo: o altar. — E, agora, tendo que esperar!...

Finalmente, fui deixando o tempo passar, êle que tanta coisa nos revela e ensina.

Certo dia, chegou-me uma carta do falecimento do Geraldo-Mirim, que ela me enviara. Estudaram juntos também. Não resistira à septicemia, conforme você mesmo sabe. Trocamos certos encontros pessoais por uma fase de intensa correspondência, tendo em vista os preparativos da formatura dela.

Para aquela ocasião, compraria até, se preciso fosse, um uniforme de gala, com minhas economias forçadas, de cadete. Sobretudo para eliminar da família dela qualquer dúvida, enfim, o que quer que fosse daquela minha origem humilde, em que só tive dois uniformes para todo o quinto ano ginasial, enquanto a família dela se enriquecia, com as indústrias do pai.

— Teriam êles criado alguma objeção? Pensei...

Um dia, chegou a dizer-me que talvez não pudesse comparecer ao trem especial que me traria a D. Pedro II, pela manhã. Marcou encontro na Avenida Rio Branco, em local de má condução...

---

Contudo, em outro baile a que fomos, o dos Calouros, por exemplo, ela se mostrara mais afável.



Com um vestido branco, bordado de prata, mais parecia uma princesa que mesmo uma estudante. Felizmente, já eu melhorara de muito a minha situação. E, moralmente, não me sentia inferior a quem quer que fôsse. Todos os meus compromissos, inclusive com minha mãe, que era a coisa que mais amava neste mundo, e sobretudo com a Escola, estavam solvidos. E muito bem! Que mais queria?

Terminada a festa, mais uma vez saímos:

— Minhas colegas irão de carro. Porém, prefiro, até certa altura, caminhar a pé...

Saudoso dos bons tempos, não resisti. Ela, na plenitude de seus encantos, deu-me o braço.

Recordei-lhe que, enquanto outras mças traziam flores nos cabelos ou nos ombros para oferecê-las aos amados, ela nem se lembrara de mim...

— Sinto havê-las esquecido. Sinceramente...

Eu apenas contemplei-a, como que a aguardar...

— E que mal há nisso? Por que duvidas de mim? A seguir, encostou a cabeça levemente em meus ombros, enquanto caminhávamos, melhorando, de alguma sorte, a desconfiança que, fazia algum tempo, tomava conta de mim, minando as derradeiras esperanças...

Seus encantos, nessa noite, despertaram-me um desejo intenso de beijá-la. E beijá-la muito! Demoradamente...

Segunda-feira seguinte, pela manhã cedinho, ela chegava à estação de D. Pedro II, para despedir-se. Como lhe contei, não comparecera à minha chegada, mas fez questão de estar presente à partida, no destino ao Quartel, para onde me designaram.

A hora aprazada, os vagões rangem. Eis quando tudo finalmente se aclara entre nos dois, como se o sol houvesse despontado:

— Este ano, saldo compromisso com os meus pais, preparando-me, também, para servi-lo, Luiz, se preciso fôr. Se algum dia você precisar de mim, lembre-se de que gosto muito de você!

— Que houvera? Dádiva celestial?

Aguardei mais uns instantes...

Como, então, sorrisse, abri-lhe os braços no instante exato em que o trem apitava. Nem o vi sair. A minha volta tudo se passava exatamente como naquele primeiro dia, após a missa de domingo. Quando dei por mim, o comboio já fazia a curva. E não o avistava mais!

Pouco depois, acertávamos o casamento, em meio a sorrisos e lágrimas de satisfação...

— Os pais haviam-lhe feito uma exigência, que ela acabara de satisfazer: casamento, — só após a formatura!...

E ela guardara a promessa em sigilo, dentro de seu coração!



Por êsse tempo, cuidava de procurar um local em que pudesse eu exercer atividade junto ao Rio, onde deveria fixar residência, após o enlace. Dessa vez, tudo parecia correr bem.

E aqui, Luiz Claudino encerrou a narração. Despediu-se, abraçando-me, depois de oferecer-me seus novos endereços e telefones.

---

Andávamos por volta de 1938, o Brasil nem pensava em se envolver nos conflitos internacionais que começariam pouco depois. E que culminariam com a vitória dos exércitos aliados, de que faziam parte os Estados Unidos, França e Inglaterra. E a que o nosso prezado colega Luiz Claudino de Assunção viria juntar-se, alterando profundamente seus compromissos de amor, até mesmo os ligados aos entes mais queridos, surpreendendo a própria genitora.

---

O ano é de 1940, e eis o que resta do que fôra um grande romance: umas poucas cartas.

"Se algum dia você precisar de mim..." — expressões que ela lia e relia.

"Aquêlê dia, querida, interrompendo-lhe as palavras, eu a envolvi tôda, sem ao menos ver os cole-

gas que passavam. Cheguei ao ponto de perder o trem. Recordá-se?"

"O meu afeto por você não mudará jamais".

"Lembro-me com saudades daquela valsa que você me reservou, no dia de formatura. Parecia que estávamos no céu, somente os dois, a dançar entre as estrêlas".

"Se essa guerra não demorar muito, realizaremos, breve, o consórcio, de que surgirão, certamente, muitos filhos, frutos de nosso amor". "Fui tolo quando duvidei de você".

"Voltarei o mais breve possível, meu amor — Luiz".

---

Além do coração saudoso da amada, permanecia tristemente solitário o de sua mãe, que por êle tanto fizera, desde que enviuvara, principalmente. Aquela convocação a aniquilaria...

No próprio instante da despedida, ela, que tanto desejara a carreira militar, esforçara-se por se revelar tão corajosa quanto o filho.

E, simulando fortaleza do ânimo, foi quem lhe providenciou o carro, por telefone. A seguir, arrumou-lhe as malas, lembrando-lhe ainda, entre outras coisas, que não se esquecesse das luvas, contra o frio europeu. Principalmente na Itália.

Após o toque de buzina, ajeitou-lhe a gola e o quepe.



— Filho querido, adeus! Lembre-se sempre de sua mãezinha que o ama muito! E seja forte! Que volte, como espero, triunfante!

E mal cerrara a porta atrás do filho, as lágrimas surgiram, escorrendo-lhe pela face. Era intensa a dor.

— Deus meu, exclamava sôzinha, zele por êsse único ser que possuo! E que me ama também. Tão bom, o meu filho!

Nessa altura, ainda pôde notar que havia deixado muita coisa pelo chão, tonta que ficara com a despedida, com os disfarces que usara para que Luiz não notasse a grande solidão em que sua alma mergulhara.

Olhando em derredor, naquele primeiro minuto, já começava a sentir saudades do ente que se fôra, para voltar não sabia quando. E que ela via fotografias de quadros, alguns pertences, além das malas que lhe aguardavam a volta, inclusive a espada que deixara junto à rosa que ela, sua mãe e madrinha, lhe dera no dia em que fôra promovido a Oficial!

— Meu Deus! — exclamava a todo instante. Como a vida passa! Parecem documentos de ontem!

— Mas como amamos nossos filhos! Sômente a separação o pode dizer em tôda a grandeza e plenitude! Proteja-me Senhor!

— E nessa guerra? Que será dêle?

— Oh, não, estou sendo muito pessimista!

— Afinal, meu filho irá lutar para a garantia de determinados princípios!

— Sim, meu filho! coragem! Até breve, despediu silenciosamente, fitando um retrato dêle, em casa, em trajos civis, a gola aberta, junto àquele cão de que tanto gostava, o amigo fiel...

E assim, monologando baixinho, entregou a Deus o destino daquele ente querido, sangue de seu sangue, pois que para tudo ainda restava a esperança, senão duradoura, pelo menos suave, confortadora, balsâmica...

Seus olhos estavam turvos...

Falava-lhe, no íntimo, apenas incompreensível pessimismo.

Que o tempo diluiria...

Talvez...

---

E foi com os olhos marejados, rasos d'água, que se deteve a observar aquêle quadro, mandado por êle emoldurar, contendo os Conselhos que diariamente relia, como se fôra uma página de breviário. Ela o retomou entre as mãos:

Três coisas devemos cultivar: a sabedoria, a bondade, a virtude.

Três devemos ensinar: a verdade, a operosidade, a resignação.



Três devemos amar: o valor, a honestidade, o desinteresse.

Três devemos governar: o caráter, a língua, a conduta.

Três devemos apreciar: a cordialidade, a simplicidade, o bom humor.

Três devemos defender: a honra, a pátria, os amigos.

Três devemos aborrecer: a crueldade, a arrogância, a ingratidão.

Três devemos imitar: o trabalho, a constância, a lealdade.

Três devemos combater: a mentira, a farsa, a calúnia.

— Meu filho era assim! balbuciou em prantos!

E deixou-se cair de tão cansada, sobre a cama vazia do ente querido!

— Luiz! foi só o que ainda pôde exclamar, meio abafada pelo travesseiro umedecido.

E, do que se passou, depois de tantos anos de ternura, longe dos colegas, da noiva, de sua querida mãe, só o soube o então capitão Lauro Moutinho dos Reis, também ex-aluno do Arte e Instrução, de onde viera Luiz, e de quem, agora, se tornara superior hierárquico, nos escalões militares.

Por outro lado, sabia que ele, Luiz, fora colega de turma de suas irmãs, Aida, Ilka e Célia Moutinho dos Reis. E tinha valor pessoal.

Aquele tempo, era o capitão Lauro da artilharia do Exército Brasileiro e fazia parte da unidade que viajava no Baependi para o nordeste, quando na noite de 15 de agosto de 1942 foi abruptamente torpedeado na altura da fronteira entre Bahia e Sergipe, a 20 milhas da costa.

E Luiz Claudino nêle viajava, convocado que fora para as Forças Expedicionárias Brasileiras!

Testemunha presencial do fato, ao lado de outros torpedeamentos da mesma ocasião, suscitou a onda de revolta nacional que levou o Brasil à guerra contra as potências do Eixo.

Eis como ele relata o que foi "A tragédia do Baependi":

"Deixamos o pôrto de Salvador, Bahia, às sete horas da manhã, rumando para o Norte. Do Rio até ali o mar tinha estado calmo. Agora se apresentava picado, espumoso, com fortes marolas, e o



velho "Baependi" arrastava-se, moroso, balançando desagradavelmente.

O vapor ia repleto — umas trezentas e cinqüenta pessoas, incluindo a tripulação e uma unidade do Exército, cujos componentes — oficiais e soldados — iam acompanhados de suas famílias, algumas com muitas crianças.

Como êsse dia — 15 de agosto — era o aniversário natalício do comissário de bordo, um excelente homem, o jantar foi festivo, a orquestra tocou animadamente e a alegria reinou a bordo até bastante tarde. Enquanto no salão se dançava, lá fora na popa, os soldados, — quase todos cariocas — trepados em canhões e grandes caixas, reunidos em grupos, tocando pandeiros e batendo em latas, cantavam seus sambas à moda do morro...

Noite fechada, as luzes tôdas apagadas, navegávamos a umas 20 milhas da costa, quando súbito um tremendo estampido sacode violentamente o velho barco. Quebram-se as vidraças; o madeiramento range, estala, racha, e, arremessados por forças invisíveis, voam estilhaços de vidro e madeira para todos os lados. Caem as primeiras vítimas, e há diversas pessoas com o rosto sangrando, devido a ferimentos provocados por fragmentos de vidro.

As máquinas param, o vapor altera o rumo abruptamente, e somos jogados pela inércia, com força, para a frente.

O primeiro instante deixa tôdas as pessoas imóveis de espanto, a respiração suspensa, as fisionomias pálidas e angustiadas... Não há gritos; nenhum pânico. Percebe-se em cada um o esforço mental para entender o ocorrido, para buscar uma solução, pressentindo a gravidade do terrível momento...

Estou no vestibulo, de onde partem as escadas para o deck superior e para os camarotes de baixo. Tomado de surpresa, tenho imediata intuição do sucedido: fomos torpedeados! Logo a seguir, ouço o apito do navio, pedindo socorro... O "Baependi" começa a adernar.

Corro ao meu camarote ali perto, empurro a porta, que felizmente não ficou emperrada, apanho rápido o meu salva-vidas, e saio.

Há muitas pessoas no vestibulo; umas, principalmente mulheres e crianças, paradas, como se esperassem que uma providência alheia as salve; outras caminhando febrilmente, na direção em que julgam poder encontrar salvamento. O navio aderna mais e mais; só podemos andar, agora, agarrados às paredes.

Alguns descem com dificuldade as escadas para os camarotes inferiores, em busca de salva-vidas, ou para se reunir às suas famílias; infelizmente, para não voltarem mais... Ficarão na companhia dos que nem sequer conseguiram sair dali.



Vejo tudo isso de relance, e, ainda enfiando o cinto salva-vidas, subo a escada para o deck de cima, em busca da minha baleeira; agarrado ao corrimão, chocando-me com pessoas que descem, aturadas, estou quase no alto, quando um segundo torpedo explode, abalando fragorosamente todo o navio. O corrimão, ao qual me agarrava, fica feito em frangalhos, e rolo na escada, de costas, aos trambolhões, até a porta do refeitório, de onde saíra. Entre o primeiro e o segundo torpedos, não decorreram mais de trinta segundos.

As luzes se apagam; esbarramos uns nos outros, desorientados, no meio de profunda escuridão. O navio aderna brutalmente, já sendo impossível, agora, andar de pé.

O segundo torpedo foi o tiro de misericórdia. O "Baependi" agoniza... Percebo que o afundamento vai ser rápido. Esforço-me por sair do interior. Um cheiro sufocante e enjoativo, proveniente da explosão, invade tudo.

Tateando, com grande esforço consigo agarrar-me à escada, e, de rastos, segurando-me nas saliências, vou subindo devagar.

Na escuridão, apenas distingo, numa pequena claridade vinda de fora, o contorno de uma porta, ao fim da escada que tento subir. É preciso atingi-la a todo custo, porque senão eu afundarei dentro do navio. Mais um esforço, e consigo chegar.

O navio, nesse momento, está quase de lado: o que era parede passou a ser chão. Atravesso aquela porta com os movimentos de quem, pela abertura do teto, passa para o fôrro de uma casa.

Alcanço a baleeira em frente à porta. Prêsa aos turcos, num emaranhado de cordas, alguns marinheiros tentam soltá-la. Não trocamos palavra. Começo a ajudá-los, procurando desvencilhar cordas, febrilmente.

Mas é inútil: o "Baependi" continua a se afundar vertiginosamente! As ondas revôltas quase nos atingem, e ouço, bem perto, os gritos pungentes dos que já lutam com elas.

Compreendo, então, que devo atirar-me imediatamente no mar, para não ser arrastado pelo turbilhão que faria a massa do navio ao submergir. Mas já é tarde demais porque, estando êle quase horizontal, se eu der um salto, cairei, conforme o lado, sobre o casco ou sobre o convés. Ouço ainda o apito tenebroso do vapor, um apito surdo e contínuo, agonizante, de estertor.

As águas me envolvem violentamente, jogando-me de encontro a uma parede. Depois... sinto que mergulhamos, arrastados pelo navio.

Penso, conformado, na morte: dêste mergulho não voltarei, certamente! Não perco o raciocínio, nem me deixo dominar pelo desespero. Antes me conservo calmo, resignado, enfrentando o desfecho



da vida. Continuo a mergulhar, a mergulhar... Quantos metros? Nem sei. Sinto nos ouvidos o barulho forte e característico das bolhas de ar, numa escala cromática extravagante, que vai num crescendo do grave para o agudo, à proporção que me aprofundo nas águas... A falta de ar já me tortura; começo a engolir água...

Súbito, porém, paro de mergulhar, e percebo que vou voltando. Mas sou, então, violentamente imprensado entre dois volumosos fardos, e tenho a sensação de que vou ficar esmagado. Inexplicavelmente, não sinto nenhuma dor. Por felicidade, fico de novo livre, e continuo a voltar, aos trancos, à superfície, recebendo pancadas pelo corpo, agora mais rápido, — cada vez mais rápido — até que, de repente, dou um salto, saindo-me fora de água o tronco todo, tal o empuxo.

O navio está completamente submerso. Imagino que não deve ter levado a afundar-se mais de três ou quatro minutos, tornando impossível qualquer providência de salvamento, ou a descida de qualquer das baleeiras.

O mar, violentíssimo, encapelado, está coberto de destroços e, não sei como, ainda caem paus de todos os lados, como estilhaços.

Ouço gritos terríveis, angustiosos, de socorro, e vejo homens, mulheres e crianças se afogando em torno de mim.

Nado um pouco e me agarro a uns paus que flutuam, e que as fortes ondas me arrancam logo das mãos; imediatamente me seguro noutros, mas também não consigo sustê-los, e fico nesse jôgo, pulando de uma tábua para outra, durante algum tempo.

Reparo que há sobre as águas duas luzes avermelhadas, como archotes, a iluminar aquela cena macabra: são bóias de iluminação, que se acendem automaticamente, ao contacto com a água.

O mar limita-me a visão, e só quando me elevo numa onda melhora o meu horizonte. Em dado momento, avisto com surpresa um projetor lançando seu feixe luminoso sobre o local do sinistro: firmo o olhar e diviso, iluminado pelas luzes que dançam na água, o perfil do submarino assassino, bem próximo de nós, contemplando os resultados da sua bárbara missão. Em seguida, perco-o de vista...

Estou agora junto de uma grande tábua branca, com aberturas que me parecem janelas: consigo com facilidade deitar-me nela, de bruços, e me sinto mais bem acomodado. Pelo menos descanso um pouco. Mas me agarro com tôdas as forças, para que as ondas não me arranquem dali.

Perto de mim, alguém grita em desespero, já quase a perder o fôlego:

— Não posso mais, vou desistir...

Animo o companheiro, chamando-o para junto de mim, e isso me dá mais ânimo! Ele se aproxima,



e com algum esforço se agarra à minha tábua: vem ofegante, exausto. Trocamos algumas palavras. É um tripulante do "Baependi".

As ondas violentas e forte vento começam agora a espalhar naufragos e destroços; os gritos dispersos de socorro chegam cada vez de mais longe. Somos também impelidos para longe do local do sinistro, arrastados naquela tábua, em rumo desconhecido.

Conjugando nossos esforços, examinamos o mar em todas as direções. Nada! Provavelmente nenhuma baleeira pôde ser lançada ao mar. Nossa salvação é provisória, sem dúvida... E ficamos vagando ao saber das ondas por um tempo difícil de estimar: talvez meia hora, uma hora...

Ouvem-se agora menos gritos de socorro: a maioria sucumbiu, desesperada!

Mas repentinamente divisamos uma silhueta que não é de um destroço, passando defronte das bóias de iluminação, já bem longe. Parece-nos uma baleeira... Dentro, um vulto, de pé... Não resta dúvida, é uma baleeira! Mas está muito distante. Para alcançá-la, teríamos que nadar contra o vento e as ondas, e, cansados como estamos, isso não nos parece empresa fácil.

Começamos então a gritar, com todas as forças dos nossos pulmões. Grito, grito. Lembro-me de gritar meu nome, e o faço diversas vezes. Lembrança talvez salvadora: ouvimos, pouco depois, uma

resposta que nos pareceu "espera"... Graças a Deus, tinham-nos ouvido, e remam em nossa direção!

Foi o primeiro alento, a primeira sensação de poder sair com vida daquela pavorosa catástrofe.

A baleeira se aproxima. Abandonando a benfazeja tábua, damos umas braçadas, lançam-nos uma bóia presa a uma corda, e somos içados para bordo, onde encontro dois tenentes, dois sargentos e três soldados, da minha unidade. Abraçamo-nos, comovidos, mas poucas palavras trocamos. Pensamos na sorte dos outros camaradas, e não nos conformamos com a idéia de que somos os únicos sobreviventes.

É talvez esta a única baleeira que escapou ao desastre, arrancada dos turcos pela violência da explosão.

Recolhidos mais alguns naufragos, somos ao todo vinte e oito. Entre eles, há uma môça que, mal explodiu o torpedo, se lançou resolutamente ao mar, nadando, agarrada a um pequeno destrôço, durante mais de uma hora!

Mas em que direção ficará a costa? Não podemos orientar-nos com segurança, pois mal se vêem as estrelas, e a escuridão impede-nos de consultar a única bússola, que corria de mão em mão, inutilmente.

Mas entre os naufragos está, felizmente, o piloto do "Baependi". Recobrando as forças, ele resol-



ve com simplicidade o problema da navegação, mandando "remar na direção do vento, pois o mesmo soprava para terra".

Sòmente na baleeira noto que estou ferido. O sangue jorra abundantemente do meu rosto, e, levando a mão à face direita, percebo que sofri uma fratura. Mas não sinto nenhuma dor.

A pequena embarcação joga como uma casca de noz naquele mar agitado, e de vez em quando uma onda mais forte invade-a; um grande rombo da proa aumenta a nossa inquietação; é preciso baldear continuamente, tal a quantidade de água que entra.

O vento é cortante, sentimos um frio tremendo, uma sede desoladora, e o enjôo apodera-se da maioria.

Pouco depois avistamos, não muito longe, um navio iluminado. Ficamos hesitantes: valerá a pena remar na sua direção? Alcançá-lo-emos? Desistimos da idéia, o que foi providencial, pois cêrca de uma hora depois, ouvimos o eco de uma tremenda explosão, que nos pareceu um trovão longínquo: o navio que passara por nós — o "Araraquara", subimos depois — fora também torpedeado!!!

Navegamos assim, impelidos pelo vento e pelos remos, durante tôda a noite — que nos parece interminável. Os rapazes, incansáveis, se revezam nos remos e os outros no balde de água.

Ao clarear o dia, ainda na penumbra, temos uma explosão de contentamento: a uns dois quilômetros de nós, percebemos a faixa branca de areia de uma praia!

Mais umas remadas, a manobra para vencer a forte arrebentação, e eis-nos em terra firme. Nossos corações pulam de alegria!

A praia, desabitada, é formada por vastas dunas de areia, onde os pés se enterram, agravando nosso cansaço. Caminhamos algum tempo, seguindo uma pequena trilha, até avistarmos uma cabana onde apenas encontramos água.

Felizmente, indicam-nos uma picada que vai ter a uma povoação. Andamos até o meio-dia, ou antes, arrastamo-nos, pois há diversas pessoas feridas, e outras esgotadas. Por sorte encontramos muito côco-da-baía, cuja água saborosa bebemos sofregamente.

Ao chegarmos à povoação, tôdas as portas e janelas se batem, violentamente! "Que teria havido?". Consultamo-nos, surpresos... Estamos tão embrutecidos, que nos custa a compreender: a nossa nudez quase total ofendeu o pudor da gente da terra! Um parlamentar, que enviamos em trajes mais decentes, resolve a situação, e recebemos algumas roupas usadas, que nos permitem improvisar tangas.



Depois de alimentados, seguimos de canoa para Estância, no Estado de Sergipe, termo das nossas provações.

Ali soubemos, mais tarde, terem chegado à praia, numa pequena balsa de madeira, mais oito naufragos do "Baependi". Trinta e seis sobreviventes — eis o que restava!

Quase todos os nossos camaradas tinham sido tragados pelas ondas. E, quando um médico, naufrago também, nos relatou o episódio da morte do mais jovem dos nossos companheiros de armas, não pudemos conter as lágrimas.

Ao atirar-se ao mar, sem salva-vidas, certo do fim que o aguardava, o tenente Luiz Claudino de Assunção lançou em voz vibrante este grito derra-deiro de patriotismo:

"Viva o Brasil!"

O capitão Lauro Moutinho dos Reis — agora General — exausto, marcado de cicatrizes, foi como chegou ao Hospital Militar do Recife, conduzido por avião, juntamente com outros companheiros, procedentes de Aracaju. Eram eles: o primeiro tenente José Joel Marcos, 1.º sargento Vicente de Paula Sousa, 3.º sargento Jorge Framontin, soldado Odir Nascimento, todos pertencentes à unidade de Artilharia. Tais homens, tão logo chegaram, permaneceram em torno de uma mesa, vestidos de roupas de empréstimo, as fisionomias marcadas pelos sofrimentos impostos. Um sargento teve de ficar hospitalizado, e o capitão Moutinho apresentava forte contusão na região ocular direita, sendo que os demais conservavam a melhor disposição possível.

Fazia oito anos que suas irmãs — Aída e Ilka — nossas colegas de turma, se encontravam distantes. De maneira que, muito embora tivéssemos tomado conhecimento da tragédia verificada em alto mar, só testemunhada pelo pescador Antônio Fernandes dos Santos, que tripulava o saveiro "Deus do Mar", nas proximidades do Morro de São Paulo, — desconhecíamos os respectivos endereços e tele-



phones, por meio dos quais pudéssemos solidarizar-nos com elas, nesse transe.

Quase todos os jornais do Rio já anunciavam até as exéquias que seriam realizadas no dia 25 de agosto, às 11 horas, na igreja de São Francisco, por alma das vítimas dos covardes atentados contra os navios brasileiros, tendo como orador fúnebre da cerimônia cantada e irradiada, o então padre D. Helder Câmara.

Aos poucos, porém, foram chegando notícias mais completas, algumas confortadoras, fornecidas por outros conhecidos:

— O “Baependi” viajava tranqüilamente numa tarde de sábado. Pertencia ao Lloyd Brasileiro e tinha uma tripulação constituída de 67 homens. Quanto aos passageiros, havia 153 militares e mais 52 pessoas embarcadas no Rio, 15 no pôrto de Vitória e 11 no pôrto da Bahia. Depois de seu torpedeamento, seguiu-se o do “Araraquara”, “Aníbal Benévolo”, “Itagiba” e “Araras”. Foi o que nos informaram.

No dia do torpedeamento do primeiro, o jantar fôra especialmente festivo: comemorava-se, como foi dito, o aniversário natalício do comissário de bordo. Houve vários discursos, tendo o capitão Lauro Moutinho declinado de usar a palavra por se achar meio adoentado. Pouco depois, levantava-se da mesa, bem como o tenente Marcos e outros. Nesse momento exato é que estourou o primeiro

torpedo, sacudindo o navio, quase o partindo ao meio.

A sobrevivente Vilma Castelo Branco — que se salvou agarrada a um destrôço durante mais de uma hora — disse que vira antes um farol que focalizava o “Baependi”. E que, no instante da explosão, não chegou a haver prôpriamente pânico, porque as cenas foram fulminantes. Certamente, fôra enorme o rombo produzido no casco, a meia nau, mais ou menos na altura da linha d'água, pois o navio começava logo a adernar fortemente.

A maior parte afogou-se, pois as águas entraram impetuosamente, invadindo as dependências do navio. Isso foi às 19,10, durante a noite escura e o mar agitadoíssimo. Por isso, muitos sobreviventes não puderam ver tudo, lembrando-se, apenas, de alguns pedaços como visões fantásticas de instantâneos pavorosos e fragmentos da tragédia.

Luiz Claudino, nessa altura, fôra visto a distribuir salva-vidas entre os seus comandados, orientando-os como podia.

Um outro Oficial, também, a seu lado, com a espôsa e o filho, agarravam-se fortemente no corredor, unidos, tentando lutar contra a morte. Nesse quadro dantesco, Luiz Claudino interviu inutilmente. Uma jovem, com a volta súbita do navio, foi vista esmagada. Outra, foi levada pelas águas. Pessoas que tentavam subir aos camarotes, onde haviam ido buscar os salva-vidas, foram obrigadas



a recuar pela avalanche líquida. Nesta altura, cada um já teria de cuidar exclusivamente de si, para não morrer.

Outras testemunhas presenciais afirmaram que não houve mesmo tempo para qualquer medida de salvamento, pois três minutos após a explosão do segundo torpedo, o navio já estava afundado, tendo por cenário uma noite tempestuosa, fria, com vento sibilante, uma escuridão impenetrável a invadir os corações de indizível angústia e desespero. O navio estertorava através de um apito lúgubre...

E enquanto submergia lentamente, sobre as águas revoltas, ocorriam as mais terríveis cenas, fazendo dos presentes seus tristes protagonistas. Assim é que vários soldados que nadavam vigorosamente, de súbito, desapareciam tragados pelo mar, após gritos lancinantes. Os sobreviventes não se achavam ameaçados somente pelos destroços que ainda caíam do alto, sem se saber como, mas ainda pelos ataques de grandes peixes, comuns naquelas áreas, segundo descreveram os pescadores.

As pessoas mais sensíveis, ao contemplarem tanto sofrimento e agonia, ensandeciam. Foi o que aconteceu a certo môço que, logo após o socorro prestado, começou a dar sinais de loucura. E passou a gritar que queria uma média com pão e manteiga, repetindo o pedido a cada minuto.

Num paroxismo, sem que se lhe pudesse evitar o gesto, atirou-se ao mar.

Não passou muito tempo, e eis que a loucura começou a contagiar um Oficial que participava da embarcação improvisada.

Este, após algumas palavras desconexas, atirou-se também nágua. E somente com grande esforço conseguiram fazê-lo reembarcar. O banho de água fria parecia havê-lo melhorado um pouco. Ou acalmado.

Não se passou muito tempo, e o homem atirou-se ao mar novamente, sendo que, dessa vez, não houve outro recurso senão deixá-lo perecer!

---

Enquanto tudo isso chegava ao conhecimento das autoridades militares do país, — a mãe de Luiz Claudino de Assunção não descansava, procurando obter notícias do filho. Aquêlê sagrado sentido, da intuição, que somente as mães carinhosas possuem, cada vez mais nela se aguçava.

E que ela via também chegar, de todos os recantos da Pátria Brasileira, os mais emocionantes pedidos de informações sobre as vítimas das unidades mercantes torpedeadas, todos dirigidos ao interventor federal em Sergipe.

E Luiz Claudino, que sempre fôra cuidadoso e solícito, nem ao menos lhe telegrafara, para que ela obtivesse a paz de espírito perdida, a certeza de que êle estaria bem...



Até que, não se contendo, dominada pelo medo de perder o filho, D. Zaide Assunção Dávila, residindo agora na rua General Polidoro, 304, casa I, solicita notícias do tenente Assunção, como passageiro que era do "Baependi".

Respondendo ao pedido telegráfico de informações, o interventor Maynard Gomes expediu o seguinte despacho: "Seguramente informado, comunico-lhe que o tenente Luiz Claudino de Assunção pereceu a bordo do "Baependi", erguendo vivas ao Brasil! A patriótica atitude de seu filho define o extremado amor à terra-berço e servirá de estímulo a todos os brasileiros que confiam nos rumos da nacionalidade. Com as minhas condolências pela lamentável perda, creia na admiração que manterei à memória do tenente Luiz. a) Coronel Maynard Gomes, interventor federal em Sergipe".

Todos aqui já sabíamos que Luiz, sem que lhe assistisse, num momento, a possibilidade de defender a Pátria vilipendiada e a sua própria vida, encaminhou-se ao convés já com água até o pescoço e ergueu em altas vozes, distintamente ouvidas, ardentes vivas ao Brasil!

---

Soubemos, também, que d. Zaide ficara a chorar durante muito tempo após a morte do filho querido, em cujo quarto havia ele deixado tantas

reminiscências! Suas roupas, quadros, espadins, cartas, fotografias — tudo lhe fazia recordar a presença de Luiz, como naqueles dias em que juntos viveram tão felizes! Seus cabelos embranqueceram da noite para o dia, dominada pela dôr!

E durante muito tempo permaneceu inconsolável, até que compreendeu a extensão do grande exemplo deixado pelo filho, realçado pelas palavras contidas num escrito que lhe enviaram e que ela lia e relia sempre, para consolação:

"Na atitude dêsse môço, está o espírito tradicional do nosso Exército. Nos campos de batalha, em luta leal, ou surpreendido por um assalto noturno de criminosos profissionais, o nosso soldado sempre soube morrer com dignidade. Na hora trágica do afundamento, no silêncio da noite imensa, em todos os navios brasileiros afundados, houve cenas épicas de bravura e desprendimento. Centenas de nossos patricios pereceram, ao desamparo das ondas, depois que os seus navios haviam sido colhidos na rêde fatídica da pirataria. Mulheres e crianças, velhos e moços, a nenhum respeitou a sanha assassina.

Mas, onde quer que houvesse um soldado, aí estava um bravo! E, entre eles, o tenente Assunção a todos sobrelevava pelo garbo com que, na hora extrema, honrou a bandeira do Brasil em cujas dobras se amortalhou.



Nas fotografias, môço, belo e forte, surgia a cavalgar, olhando fixamente para um ponto que ninguém vê, mas que era o predestino da sua glória de soldado. Os que o feriram de morte, com centenas de outros soldados, decerto não se teriam portado tão belamente diante da Eternidade.

Os que atacam à traição, no silêncio da noite, não sabem o que é morrer dêsse jeito.

Mas, o que viram e ouviram foram cenas dignas dos fastos mais heróicos da História Universal, dessas que exigem a inspiração das epopéias e a ratificação das lendas.

O tenente Assunção foi, entretanto, bravo dos que lavaram, com o próprio sangue, a bandeira que quiseram enxovalhar ou denegrir: êle afundou com seu navio, de pé, sereno e estóico, dando a seus assassinos numa lição de beleza que êles jamais poderão aprender a sentir... Porque, êsse môço de tão verdes anos, que ainda não tinha vivido, venceu o seu próprio instinto de conservação e, só com isso, mostrou que, verdadeiramente, era um soldado do Brasil!"

E aqui, com Luiz Claudino, termina a história, não apenas de um bravo, que estudava e brincava conosco. Mas também a de outros colegas, alguns desaparecidos antes dêle, como Hêlio Garcia, Manoel Ferreira, o Calunguinha, como Geraldo Crispim de Macedo, Ari Cateaubriand, José Brandão, Jacob Antunes Brum, Manoel F. Ribeiro, Valter Bernardes Gil, além dos que, por doenças contraídas, se encontram ainda na linha divisória entre os dois mundos. Com êste volume, encerram-se os capítulos da adolescência e da madureza dos que pertenceram à briosa turma de 1934.

Tal tempo findou... Ou melhor, vive apenas em nossa saudade e nas fotografias impressas, no início dêste.

---

Agora, nos encontramos no limiar da idade provecta, apenas com o coração e com o espírito atingidos emocionalmente, por tantas e tão diversas ocorrências.

Sem embargo, poderemos cultivar nessa idade, após trinta anos de conclusão de um curso médio, a flor do espírito, que pode viver e viçar durante muitos anos. E vale a pena.



Para tanto, é de mister nos mantenhamos alegres e comunicativos, enlaçados aos colegas que sempre possuímos, a fim de obtermos, mais e mais, em verticalidade, a resultante de tão bons princípios, esparsos em horizontalidade...

Pois a velhice, para a qual nos encaminhamos, tem sido mal interpretada por aberrantes preconceitos. E por pontos-de-vista, alguns difíceis de se consertar.

Entretanto, é bom que nos convençamos do contrário. E integremos um tipo de criaturas dispostas sempre a participar da vida, enquanto ela durar.

Atentemos para o caso de Bertrand Russel, um dos campeões da Paz, no mundo, já beirando os cem, em franca atividade em benefício dos povos e da tranqüilidade mundial, através de sua pregação contra a guerra atômica, capaz de destruir a Humanidade.

Observemos no noticiário dos grandes jornais e revistas a enormidade de líderes, de ontem e de hoje, alguns já atingindo os setenta, ou mais, e ensinando aos jovens as melhores e mais salutares formas de viver, todos envolvidos pelos seus grandes ideais!

Como acentuei no começo dêste, todos devemos fixar os sonhos nas pontas das estrélas. E não perdê-los nunca de vista, para que alcancemos sempre uma norma fixa de vida, longa e feliz.

Quando nossos filhos crescerem, como o estimado Luiz, atentemos para os exemplos que êle deixou de honradez e de cumprimento do dever. Porque nossa existência se tornará tanto mais risonha à medida que formos descobrindo os tesouros que escondemos sob as rugas ou sob cada um dos cabelos brancos, já a nos envolver.

Relembremos, por instantes, os bons colegas que já tivemos ao derredor, e sintamos a atmosfera radiosa que existe, proveniente da vida exemplar que sempre mantiveram — razão das páginas dêste livro.

Meditemos sôbre o que sempre fomos em conduta e em assuntos de respeito, relativamente aos colegas com os quais convivemos durante um lustro, exatamente.

E sintamos essa espécie de orgulho com que falamos e descrevemos a vida de cada qual, como se pertencêssemos todos a uma só família.

Finalmente, inclinemo-nos para o caso dêsse tão modesto colega, de olhos azuis, erigido às alturas de herói, no pedestal da Pátria Brasileira.

Fixemos tais lembranças ocorridas nos simples bancos onde nos sentamos para colhêr, como se colhem flôres, as lições de nossos mestres. E constatemos a grandeza que vive e palpita em cada uma delas, lastreando hoje as nossas próprias existências! O nosso caminhar, enfim.



Recordemo-nos, colegas, disso tudo! Porque recordar é viver!

E entoemos, nesse final, o cântico de Aleluias que o dr. Ernani, do alto, entre feliz e risonho, nos oferece, tendo a seu lado, bem vivos, não somente nossos queridos parentes, seus amigos, senão ainda os amados condiscípulos que se foram, antes de nós.

F I M

Relação dos endereços atuais de cada colega do G.A.I.:

Aida dos Reis Beviláqua (Dentista)  
Enderêço: Av. dos Trapicheiros, 134  
Tel.: 48-8710.

Almir Capela (Dentista).  
Enderêço: Rua J. L. Ribeiro, 394

André Villon (Artista de Teatro)  
Enderêço: Rua Joaquim Murtinho, 358 - Apt. 101 —  
Santa Teresa  
Tel.: 22-9577.

Anibal Meireles (Dentista)  
Enderêço: Avenida Suburbana, 9.020  
Tel.: 29-9527.

Antônio Marques (Diretor da Maternidade Fernando  
Magalhães)  
Enderêço: Praça Ambat, 55 — Bôca do Mato  
Tel.: 49-7340.

Arlindo Moreno (Advogado) — Juiz em Parati  
Enderêço: Parati — E. do Rib

Arquimedes Jannuzzi (Advogado)  
Enderêço: Rua Cândido Benício, 1.446  
Tel.: 29-9336 (Escritório).

Artur Viana (Comerciante)  
Enderêço: Rua Manoel Cabanela, 326 — Braz de Pina



Ascânio Dodds Guerra (Funcionário Federal)

Enderêço: Rua A, 12 — Marechal Hermes

Benedito Dias Monteiro (Advogado)

Enderêço: Rua Upiara, 215 — Bento Ribeiro

Carlos Soares do Couto (Promotor Público)

Enderêço: Panela — Pernambuco

Celina Marques (Enfermeira)

Enderêço: Hospital Sousa Aguiar

Tel.: 22-1950.

Déa de Sousa Nogueira (Professôra de Conservatório de Música)

Enderêço: Rua José Higino, 83 - c/8 — Tijuca

Tel.: 39-4214.

Deoclécio Dias Machado Filho (Médico)

Enderêço: Hospital Carlos Chagas

Tel.: 225 e 707 — Marechal Hermes.

Elga Coriolano

Enderêço: Rua Guatambu, 36 — Marechal Hermes

Geraldo de Aquino Chaves (Advogado)

Enderêço: Central do Brasil — Serviço Legal

Humberto Prado (Médico)

Enderêço: Hospital Jesus — R. 8 de Dezembro — V. Isabel

Ilka Reis Salgado (Dentista)

Enderêço: Rua Maestro Francisco Braga, 276 — Apt. 301 — Leblon

Tel.: 37-0868.

Joel Meireles

(Advogado)

Enderêço: Rua Paraná, 118 — Encantado

Jorge Monassa (Dentista)

Enderêço: Rua Padre Manso, 201 — Madureira

José Antônio Cesário de Melo (Deputado Estadual)

Enderêço: Palácio Tiradentes — Praça 15 — Guanabara

Josefina Monassa (Bancária)

Enderêço: Rua Padre Manso, 201 — Madureira

José Calistenes Pereira Carauta (Advogado)

Serviço Financeiro do Estado da Guanabara — 2 P S — Rua Santa Luzia

Júlio da Cunha Soares (Bancário)

Enderêço: Rua 2 de Maio, 515

Tel.: 42-5778.

Juraci Pinto da Silva (Dentista)

Enderêço: Rua Uruguai, 449 - Apt. 101 - fundos

Tel.: 58-3703.

Leopoldo de Oliveira Masson (Advogado)

Enderêço: Rua Angélica Mota, 150 - Apt. 208 — Olaria

Tel.: 30-6005.

Luiz de Castro Campos (Oficial Veterinário do Exército)

Enderêço: Rua Silveira Martins, 126 — Livramento — R. G. do Sul

Manoel Pinheiro Guimarães (Diretor do Hospital Carlos Chagas)

Enderêço: Rua Siqueira Campos, 241 - Apt. 602 — Copacabana

Tel.: 37-5090.

Marcelo Borges (Dentista — Capitão de Fragata)

Enderêço: Rua Gustavo da Gama, 155

Tel.: 29-6240



Marco Aurélio de Castro (Dentista)

Enderêço: Rua Barão, 1037 — Praça Séca — Jacarepágua

Maria Helena Knaack de Sousa

Enderêço: Conde de Itaguai, 44 - 3.º and. — Tijuca

Tel.: 54-0534.

Maria José Vasconcelos

Enderêço: Rua da Capela — Piedade

Maria Lidia Soares (Química Industrial)

Enderêço: Rua Almirante Guilhobel, 111 - Apt. 202

Tel.: 26-4158

Mário de Assis Nogueira (Coronel)

Enderêço: Rua Caçapava, 43 — Grajaú

Tels.: 38-7743 e 43-8326 (Quartel).

Mário Pinheiro Guimarães (Comerciante)

Enderêço: Rua Mendes, 32 — Quintino

Maximiano Reznik (Funcionário Estadual)

Enderêço: Rua Inhangá, 27 - Apt. 303 — Copacabana

Tel.: 27-5755 e 52-4847.

Miguel de Franco (Advogado)

Enderêço: Rua Frederico Meier, 14 - Salas 302 e 304

Tel.: 42-3380.

Milton Lopes da Costa (Delegado de Polícia da Guanabara)

Enderêço: Rua Barata Ribeiro, 93 - Apt. 204 - Copacabana

Tel.: 57-5406.

Murilo de Castro (Advogado e Professor)

Enderêço: Rua José Higino, 352 - Apt. 205

Tel.: 34-4185.

Natércia Alves Torres (Dentista)

Rua Antônio Portela, 122 — São Cristóvão

Tel.: 49-9424.

Nilo Guimarães de Sousa (Oficial Veterinário do Exército)

Enderêço: Santos Dumont (Palmira) — Minas

Newton Tupinambá (Dentista)

Enderêço: Rua Clarimundo de Melo, 714

Tel.: 29-8158.

Nize Barbosa (Médica)

Enderêço: Rua Lopes Beltrão — Icarai — Niterói

Oneide de Castro

Enderêço: Rua Carolina Machado (Colégio Leite de Castro)

Otávio Jannuzzi (Professor)

Enderêço: Rua Domingos Cabral, 41 — Jacarepágua

Tel.: 222 ou 300 — Jacarepágua.

Renato Borges — (Dentista — Chefe de Coletoria em B. Horizonte)

Enderêço: Rua Levindo Lopes, 303 — Belo Horizonte — Minas Gerais

Roberto Stein

Enderêço: Rua Machado de Assis, 39 — Flamengo

Tel.: 45-1691.

Rubens Lopes da Costa (Despachante)

Enderêço: Rua Camarista Meier, 374 — Meier

Silvio Osório de Castro

Enderêço: Rua Teixeira Junior, 125

Tel.: 28-1385.



Walter da Silva (Dentista)  
Enderêço: Avenida Suburbana, 7.913  
Tel.: 49-8155.

---

Enderêço de ex-colegas (que finalizaram o curso em  
outro estabelecimento):

Atie Cury (Juiz Trabalhista)  
Enderêço: Rua Coronel Tedim, 36  
Tel.: 52-8262 — (Deixar recado).

Coriolano (Supremo Tribunal)  
Enderêço: Av. Rio Branco, 241  
Tel.: 22-0593.

Henrique Fernandes  
Rua Edgard Werneck, 345 — Jacarepaguá

A Cunha Filho, de "O Globo", os  
meus agradecimentos pelo desenho da  
capa. — O AUTOR.



DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO

(Fundador da Arcádia Iguaçuana de Letras)

# REMINISCÊNCIAS...

(DO TEATRO, NA ARCÁDIA)

2.º VOLUME

(Em apêndice)



1964



## JUSTIFICATIVA

*As peças que compõem este 2.º volume, surgiram numa fase de renascimento artístico, em minha terra natal, e foram criadas com o objetivo de mostrar que do ambiente iguaçuano pode emergir a motivação principal do verdadeiro teatro, do cinema e até mesmo de quantas histórias se desejem divulgar, pelo imenso acervo legado pelos nossos antepassados.*



## DUAS PALAVRAS EM PRÓLOGO

**A** LGUÉM, depois de ler minha derradeira e modesta produção teatral — No “Society” iguaçuano, — me perguntou de que eu gostava mais: Se do amigo que retratava, se da cidade em que eu vivera ou se do “society” a que eu pertencera.

Respondi-lhe com certo pessimismo, para desapontamento da pessoa. A peça, expliquei-lhe, era um repositório de saudades, das belezas tantas que minha alma fixara em certa época. Amanhã, já não escreveria o mesmo. Porque o hoje, o que vivo, já não possui nada de Nova Iguaçu. O amanhã, muito menos talvez, por força do que o tempo vai imprimindo nos refolhos da alma de cada um de nós.

O amigo, personagem principal, até certa época, tanto quanto pôde, prestou-me várias gentilezas, não obstante a interferência e opiniões de quantos procuravam intervir, prejudicando nossa união. De modo que o que escrevi, outra coisa não foi senão o trôco da que ele me proporcionou. Se o estimo, e a maneira pela qual o vejo, todos o sentirão vendo e ouvindo a composição teatral, especialmente redigida para a Arcádia de Letras, da qual fazemos parte desde o início.

---

Definindo-me melhor, tenho a ressaltar que já julguei as sociedades, de modo geral, mais respeitáveis que hoje em dia. E melhor. Ao tempo em que os compromissos eram saldados, os



tratados respeitados, cada qual cumprindo com a sua palavra e com o seu dever. Havia, para mim, uma espécie de confiança que tornava a felicidade, o trabalho e a prosperidade possíveis e assegurados.

E agora? Se até as nações postergam tratados? E os contratos solemnes não guardam mais qualquer significação?

O lado que vence ou o que lucra, embora sem vitórias morais, regozija-se com o que obteve, para os seus fins. E o que sobra, gira tudo em torno disso. Salvam-se apenas as aparências. Nada mais. Nada acontece, ao depois. Há uma espécie de lei "de exceção", que comanda a todos, até mesmo na invasão do território mais chegado. Luta-se para "obter" o que é do próximo.

De modo que, embora sejam as sociedades muito boas, em relação a alguns elementos, pela cordialidade, mesmo, que impéra em vários lances de seus acontecimentos mais importantes, ela não foge à órbita do que predomina no resto do mundo, cujo noticiário os jornais relatam e divulgam.

E a coisa vai nesse pé, porque todos imitam.

Se não houver um restabelecimento da ordem, se as pessoas de bem não forem colocadas no seu real lugar e protegidas, tudo será estiolado. Nada restará daqueles tempos em que os deveres morais eram distinguidos e respeitados. Ou se quiserem: restará apenas a saudade desse tempo.

Por isso é que enredei a peça de maneira diferente, levando alguém à interlocução aludida, no início. Meus personagens, nela, viveram outra época. Por isso, creio, é que se tornaram todos bem felizes.

O AUTOR.

## NO "SOCIETY" IGUAÇUANO

PEÇA EM TRÊS ATOS

Época: um pouco recuada

### PERSONAGENS

HOMENS: Dr. Antônio Terra

Jarbas

Sr. Esteves

Wilton

MULHERES: Haide

Maria Luiza (filha do Dr. Antônio Terra)

Marilze (espôsa do Dr. Antônio Terra)

Marieta (espôsa do Sr. Esteves)

### PRIMEIRO ATO

Sala principal da residência do dr. Antônio Terra. Uma porta à direita e outra à esquerda, dentro das possibilidades e limitações da Arcádia.

### INÍCIO

Abre-se o pano. Está em cena Marilze, a espôsa do dr. Antônio, atarefada em cena e ouvindo uma música (disco colocado em vitrola). Maria Luiza, sua filha, borda ao lado.



DR. ANTONIO — Entrando em cena, acariciando a ambas) — Que faz você, querida, assim tão atarefada? (A Marilze).

MARILZE — Ouvindo esta bela música, presente de Jarbas.

DR. ANTONIO — Pena é haver chegado ao fim do disco. Parece ser linda, não?

MARILZE — Jarbas, como sabe, sempre teve muito bom-gosto.

DR. ANTONIO — Para lhe falar a verdade, não sei do que gostei mais, ontem: se das músicas que completaram a noite ou se da interpretação dos artistas, no palco da Arcádia. E a Mônica, como estava linda! Tão pequenina e tão comportada na primeira fila! Na platéia alguns até se comoveram, os que vieram abraçar-me, ao final.

MARILZE — Foi uma noite maravilhosa! O pior é que, com mais este triunfo você mais se apaixona pela instituição. Chega a esquecer-se de seus negócios mais prementes, de suas responsabilidades de Juiz substituto, atrasando-se inclusive em certos expedientes (segura-lhe a mão com afeto) Andará certo, querido?

DR. ANTONIO — Ah! isso não! É exagero. Inda mais com tanta responsabilidade, sendo Juiz. Não poderia falhar, já pelos compromissos assumidos, já por estar sob o crivo dos melhores advogados locais. Tênis não é brincadeira; e um erro meu, já sabe...

MARILZE — Está certo, querido, mas você não pode esconder a pontinha de predileção pela Arcádia. Suas horas mais felizes, noto, são passadas no escritório, em meio às gostosas gargalhadas e expressões de espírito de alguns de seus confrades.

DR. ANTONIO — E não poderia ser de outra maneira, meu bem. Ainda ontem, quando da apresentação de minha peça preferida, percebeu você o cavalheirismo? Todos se ergueram, de pé,

MARILZE — É natural. Contudo, muito antes já se vinha

MARILZE — É natural. Contudo, muito antes já vinha-se preocupando com o Museu, com o palco, com a Biblioteca, agora as inúmeras vezes em que você propugnou pela eleição desse ou daquele Presidente. E a propaganda social? Que faz dela?

DR. ANTONIO — Dou a mão.

MARILZE — E que chego a ficar com ciúme... Mulher nenhuma gosta de ser preterida...

DR. ANTONIO — Verdade, meu bem? (E abraça-a na poltrona).

MARILZE — Chega ao cúmulo de olvidar outros compromissos ou adiar-los. Lembra-se de nosso aniversário de casamento? Quase chorei. (Comove-se). Demais disso, outros até já se queixam de você. O Afonso quase já não vem aqui. O Petrônio, de Belo Horizonte, ansia pela sua visita, há meses. Os Chaves já se mostram até entristecidos com essa nova preferência. Aonde irá você nisso? (E chora, levando o lenço ao nariz). (Carinhos, a seguir, do Dr. Antônio).

DR. ANTONIO — Realmente, não sei, meu amor. (Afangando-a). Um movimento renovador como esse que desponta na Arcádia Iguaçuana e em minha terra natal, terá de apaixonar um conservador como eu. Nunca, por estas plagas, uma instituição reuniu tanta gente ilustre e amiga: como os políticos Mário Guimarães e Getúlio de Moura; o culto Juiz Dr. Mazzano, o Promotor João de Almeida Barbosa, médicos, jornalistas, professores, enfim, a nata da inteligência e da cultura locais.

MARILZE — Mas não é preciso se empolgar tanto, a ponto de Maria Luiza se entristecer com você. Olhe que está para completar os 15 anos e até agora você nem tomou a menor providência para a noite festiva que prometeu...

DR. ANTONIO — Na oportunidade, agirei.

MARILZE — E que dizer do Esteves que está para chegar com a família?

DR. ANTONIO — Na certa, chega hoje ou amanhã. E se hospedará. Não vejo por que se afligir...

MARILZE — Mas a casa deve estar decentemente preparada. E você presente, ouviu, seu cabeça dura. (Bate-lhe carinhosamente na cabeça).

DR. ANTONIO — Melhor do que está? Você é um anjo. Ademais ele não é de cerimônia. Virá para submeter-se a um trata-



mento da úlcera que lhe aflige o estômago ou duodeno, não me lembra direito. Em casos tais, tudo correrá sempre bem...

MARILZE — Pobre Esteves! Será consequência daquela água da Fazenda São Bernardino?

DR. ANTONIO — As águas não fazem isso. Mais adiante você duvidará dos mosquitos, e terei eu de extingui-los. Aguardem a opinião médica. O Esteves é muito extravagante às refeições. Haverá de moderar-se. Não vê como gosta de feijoadas, mocotô, cozido e outras comidas pesadas? Repare que cozinheiro para ele, só português! Chega a solicitá-los pelo "Jornal do Brasil"! Com a promessa de bons salários! Até há pouco, o anúncio repetia-se no "Precisa-se". Mas, que cozinheiro querêr, enderêgo, tão distante?

MARILZE — A Marieta e Haidê estão afligidíssimas. A noite, ele se rola de dor. É interessante; Comendo, passa.

DR. ANTONIO — Por isso é que, embora doente, mostra-se gordo. Todavia, melhorará quando ele começar a entrar em contacto com a Nova Iguaçu de hoje. Aquela vida presa em São Bernardino e no Cartório estão a agravar-lhe o mal. Com o descanso que lhe proporcionaremos, curar-se-á, vai ver.

MARILZE — Estimo.

DR. ANTONIO — Com toda a certeza.

MARIA LUIZA (Deixando o bordado) — E Haidê, também virá, mamãe?

MARILZE — Certamente. Como poderá permanecer sôzinha, naquele casarão, em meio de tantos empregados?

MARIA LUIZA — Que ótimo! Só assim terei companhia para o Clube Iguaçu ou para o Country. Para a piscina ou cinema.

DR. ANTONIO — Só que terá de relevar o temperamento tímido de sua amiga: bonita, educada, mas assim.

MARILZE — Caseira, não é? Influência do isolamento em que vivem.

DR. ANTONIO — E. E o Esteves não largará aquelas terras facilmente. Tem por elas um amor entranhado.

MARIA LUIZA — Que pena! (E continua a bordar) Mas, mesmo assim gosto muito dela.

(Nisto, são surpreendidos por uma voz):

JARBAS CORDEIRO (Bem vestido, depois de tocar a campainha e ser atendido): (Há que se arranjar um toque característico para Jarbas) — Com licença!

DR. ANTONIO — Oh! Que surpresa agradável! Julguei que fôsse o Esteves que estamos a esperar. (Levantam-se os três para cumprimentá-lo). Quando chegou? Quem o recebeu?

JARBAS — A criada. Cheguei agora mesmo, do Rio, isto é, da Faculdade de Direito, trazendo, inclusive, matéria para o "Correio da Lavoura", em que mantenho minha coluna, e que deverá circular, amanhã, domingo. (Mudando de tom) — Que saudades! Como vão todos?

DR. ANTONIO — Bem, e saudosos de você, igualmente. Mas, não perde a mania da poesia e da crônica. Cuidado com a matéria de Direito...

JARBAS — O advogado, principalmente para ser bom, deve primar pelas letras, não acha? Que mal fará um culto a Minerva, uma vez por semana?

MARILZE — Por acaso, não é o que faz o Antônio? E até hoje, porque adora o Afrânio? Outra coisa não cultiva senão a literatura, o sorriso da sociedade.

MARIA LUIZA — (Dirigindo-se a Jarbas): — Você está mais forte, Jarbas!

JARBAS — (Retribuindo) — E você mais brôto, mais bonita, mais elegante. Aceita uma bala? (Oferece-a, tirando-a do bolso).

MARIA LUIZA — (Aceitando-a) — Obrigada. (E continua a bordar). Ótima! Contém hortelã! (A mãe a acaricia com afago, no queixo).

JARBAS — Graças a elas, melhorei alguma coisa da garganta. E cansado um pouco do Rio, resolvi contemplar mais uma vez a sua Nova Iguaçu que já me inspirou em mais três sonetos. (Mu-



dando de tom, agora) — Onde andam minhas amadas? Têm tido notícias delas?

MARILZE — Andam por aí... (Com gesto) Quais? São tantas!

JARBAS — A Ilauniruza, Irene, Mariazinha e outras fanzocas...

DR. ANTONIO — Você sempre Don Juan! Bem dizia o vovô Chaves e Dona Amélia!...

JARBAS — Que disseram esses meus dois, do peito?

DR. ANTONIO — Que você será sempre um poeta incorrigível. Morrerá assim, nesse seu jeito...

JARBAS — Que jeito, ó gente!

DR. ANTONIO, MARILZE e MARIA LUIZA — Romântico (A um só tempo os três). (Entreolham-se, a seguir).

JARBAS — Não sou mais que o Cristolino, Nico, Rosalvo, Edson e Mário Jambo...

DR. ANTONIO — Mas você é que ficou com a fama. Agora, acomode-se na cama...

JARBAS — Bem, se assim é, está certo... E aquelas malas lá na varanda? Vão sair?

DR. ANTONIO — Do tabelião Esteves que aqui se hospederá, antes de operar-se.

JARBAS — Vai operar-se? Virão todos? A Haidê, também? Quem vai gostar disso é o Wilton.

DR. ANTONIO — Virão quase todos. Quanto a operar-se ou não, dependerá do facultativo. A casa, dessa vez, ficará lotada. Seu quarto, o mesmo do Wilton, será respeitado.

MARILZE (Dirigindo-se a Jarbas) — Vamos ver se o domingo será movimentado!

JARBAS — Claro que será!

DR. ANTONIO — Mas não haverá nada se extraordinário. O Esteves precisa medicar-se. E, na fazenda, não seria isso possível.

JARBAS — E virão quase todos mesmo? Fantástico! Só mesmo um anfitrião como você gostaria de receber tanta gente (Pausa). Vou-me mexer!

MARIA LUIZA (Sorrindo) — Simpatizo com Jarbas.

MARILZE — É ótimo receber parentes, principalmente quando distantes. Até minha sogra, que é difficilima, lhes consagra especial estima. Está contentíssima!

JARBAS — Conheço a todos. O Esteves é alegre, só descontrolado nos temperos e no vinho tinto. Então, Marieta, essa é franca e engraçadíssima. E não se largam! A última vez que os vi, foi à saída da missa das dez, o mês passado. São devotos firmes de Santo Antônio, nosso padroeiro (Dr. Antônio concorda, acenando com a cabeça).

JARBAS — E os filhos! Virão mesmo?

MARILZE — Só virá Haidê, por ser mocinha e precisando distrair-se.

JARBAS — Quem vai gostar é a Maria Luiza, não é?

MARIA LUIZA — (Sorrindo) — Se é, hem!

JARBAS — E o Wilton? Continua comparecendo à sua casa?

DR. ANTONIO — Continua. Amanhã mesmo aqui estará. Já me telefonou, avisando.

JARBAS — Dentro de nossa intimidade, devo dizer-lhe que o Wilton anda a me fazer acintes. Já me tomou a Zilda e até por advogado já anda a passar aí fora. Não sei como vocês o prestigiam tanto!

DR. ANTONIO — Ó Jarbas, você sempre intolerante! Pouco me importa o que você ache, desculpe-me a franqueza. Para nós ele é distintíssimo, como você também. Não vá perder a linha por despeito ou inveja do Wilton.

MARILZE — Será isso verdade, Jarbas?

MARIA LUIZA — (Levanta a cabeça e sacode negativamente) — Não creio.

JARBAS — Distintíssimo é que ele não é. Eu o sei. São complacências da boa sociedade iguaçuana, da qual vocês são ilustres paradigmas...

DR. ANTONIO — Deixe de bobagens e injustiças. O Wilton tem boas maneiras, excelentes princípios, instrução e educação. Não o julga assim, por acaso?



JARBAS — Tem, sim, uma certa pretensão literária, que não me agrada. E nesse mistério lhe cedo a palma. O que ele almeja é ingressar na sociedade pela mão de vocês, para conquistar o coração de uma pessoa que eu sei! Velhaco, é o que ele é! Mas lhe darei trôco! Não ficará impune por tanta audácia!

MARIA LUIZA — Mas ele é tão caprichoso! Não terá direito?

JARBAS — Direito, tem. Mas não com aquele jeitão vasefinado! E enrustido! (Procura imitá-lo em algo).

DR. ANTÔNIO — Deixe de ser implacável. O Wilton é cumpridor de seus deveres. Forma-se-á, ainda, e será bom advogado.

JARBAS — Mas está estudando?

DR. ANTÔNIO — Claro! E não sabe, por acaso?

JARBAS — Então é burro. Nunca vi nada dele que se apresente.

MARILZE — Parece que está com uma pontinha de ressentimento. Não, Jarbas?

JARBAS — Pontinha? Eu? Ressentimento? Reclamo é esse cartaz imerecido, volumosíssimo, que vocês dão a ele, sem trazer ao menos a bagagem da amizade que lhes ofereço...

DR. ANTÔNIO — Qual! Você já constitui uma tradição para nós. No mais, Wilton é tão merecedor quanto você. Garanto, porém, que ainda levantarei o véu de sua mágoa.

MARIA LUIZA — Dê-me licença, pois tenho de procurar algo. (Os três acompanham-na com olhares, enquanto Maria Luiza vai saindo).

DR. ANTÔNIO — (Continuando) — É o que precisamos ver, é como receberemos Wilton, hoje ou amanhã, bem como o Estêves, para um domingo radioso e alegre, como se estivéssemos num teatro ao natural, cada qual com seu papel. (Toca a campainha da entrada).

MARIA LUIZA — (Retornando à cena) — Mamãe, papai! O Wilton está chegando. Venham ajudá-lo a trazer as malas (Wilton surge. Todos se levantam e vão a seu encontro. O único que permanece em pé, recostado no sofá, é Jarbas).

WILTON — (Cumprimentando) — Todos bem? D. Adélia, Marieta, todos bem?

DR. ANTÔNIO — E você? Cada vez mais elegante! O Brummel de sempre!

WILTON — É o que se pode... (Satisfeito). (Jarbas olha-o com desdém).

WILTON — (Falando a Jarbas) — O seu doutor, vai bem?

JARBAS — Otimamente. (Meio indiferente).

WILTON — Já concluiu o curso?

JARBAS — Estamos tentando.

WILTON — Mas ainda não se formou? (E volta-se para a família do Dr. Antônio). (Jarbas com fisionomia de quem está possesso, cerra os punhos de raiva).

WILTON — (Aos presentes) — Como vai esta terrinha? Ainda quente? E os amigos?

MARILZE — Cada qual melhor, como os progressos alcançados por Nova Iguaçu. Já quase não carecemos dos teatros e cinemas do Rio. Os filmes são exibidos simultaneamente com os da Cinelândia, afora a mocidade de teatro, em exibição permanente em vários pontos da cidade, sem falarmos nas piscinas, recantos pitorescos e desportivos onde a população se refugia e a juventude se diverte. Quanto ao Beauvallet, continua firme com seus alto-falantes, nos pontos principais da Cidade. Sua persistência virou tradição. Ninguém morre ou aniversária, sem passar pela sua fala.

WILTON — Formidável. Isso deve alegrar imensamente o Jarbas, que também é entusiasta desta terra.

JARBAS — Como não? Por acaso, não possuo razões para amá-la?

WILTON — Por certo que sim. Ainda agora, viajei com Paulo Machado, do Rio. Falou-me sobre você. Estive igualmente com sua esposa, que acabou de operar-se. Em sociedade tudo se sabe.

DR. ANTÔNIO — Por sinal, preciso falar com ele, agora eleito presidente da Sub-Ordem dos Advogados. Convidou-me



para a próxima reunião social em sua casa. E melhor ainda: Encontrei o nome de todos, em pauta...

JARBAS — Ótimo. Lá irei. Somos amigos desde os tempos de Faculdade, do vestibular.

MARILZE — (Dirigindo-se a Maria Luiza) — Bem, Maria Luiza, leve os dois para um refrêscos na Copa; e mostre-lhes os quartos, enquanto tomarei outras providências. (Wilton e Jarbas saem com Maria Luiza, depois de pedirem licença) (Dr. Antônio e Marilze ficam) (Inesperadamente, toca a campainha).

MARIETA — (Com muita alegria, entrando em cena com Esteves) — Meu Deus, essa mansão hoje está em festa! Há quanto tempo! Como está linda essa Balzac! (Abraçam-se os homens e beijam-se as mulheres).

MARILZE — Que surpresa agradável! Nem me avisaram para ir recebê-los no portão!

ESTEVES — Antônio, você cada vez mais nôvo. Como está bem, assim!

DR. ANTONIO — E a roupa. E você também! (Riem os dois).

ESTEVES — Mas a minha está amarrotada. E esta úlcera! Como me atrapalha! (Coloca a mão na barriga) (Marieta e Marilze conversam baixo, abraçando de quando em vez uma à outra).

ESTEVES — Como sabe, levo uma vida meio sedentária. Da fazenda para o Cartório e do Cartório para a Fazenda. A fôlhas tantas, o estômago me dói. Digo a fôlhas tantas, por força do ofício. Aliás 4.º ofício! (Riem-se os dois) Como aprecio a saúde e o ar livre!

DR. ANTONIO — Ora, isso se resolve. Fêz bem em ter vindo!

ESTEVES — Mas, enquanto não se cura, sofro um bocado. A noite, já guardo até bolachas e leite à cabeceira. Quando ela me dói, como e passa. Dizem que é o duodeno. Coisa cacête! Para mim, a úlcera deve ser parente da solitária!

DR. ANTONIO — Ora. Por quê?

ESTEVES — Faz a gente comer pra burro! Mas a questão é que estou vivendo como os patos na fazenda, sempre acordado,

para ingerir. Não sei se você sabe, mas pato e ganso não dormem! Vivem pra comer exclusivamente; e não sofrem.

DR. ANTONIO — (Rindo-se) — E, com isso, você vai engordando, graças a essa patologia!

ESTEVES — Pois é. O pior é que a pressão, também, aumenta com a gordura. (Coloca a mão na barriga e no coração, a seguir). Pelo menos, foi o que me disse o Orlando, da Farmácia.

DR. ANTONIO — Haverá jeito para tudo. Nova Iguaçu já conta com inúmeros especialistas. (Entram Jarbas, Wilton, e Maria Luiza). Abraçam-se e cumprimentam-se mutuamente todos) (Festivamente).

ESTEVES — (A Jarbas) — Você também por aqui? Como vai o Cordeiro?

JARBAS — Vai indo bem, obrigado. Sempre conservado. Com as mesmas manias...

ESTEVES — (A Wilton) — Que satisfação ao vê-lo! Você precisa é aparecer lá por casa. Conhecer melhor a nossa terra, onde o céu azul é mais azul e as matas bem verdejantes.

ESTEVES — (Catucando o Jarbas) — Onde os sonetos brotam como água nas cascatas, por inspiração natural. Nascem e crescem como as rosas. Entreabrem-se a medo, sem ruidos.

JARBAS — Irei ver, em ocasião oportuna. Lá faz frio?

ESTEVES — Pouca coisa mais que aqui. Como você sabe, tudo é descampado. Há mais vento e oxigênio. Mandeí derrubar os ciprestes, deixei apenas as palmeiras seculares que, certa ocasião, testemunharam o encontro histórico, relatado por alguém...

DR. ANTONIO — Por acaso, eles também chegaram hoje, um pouco antes de você. O Wilton também permanecerá uns dias.

ESTEVES — Ótimo!

MARIETA — (A Wilton) — Como deixou os seus?

WILTON — Bem. Mamãe sempre pergunta pela senhora e Haldê.



MARIETA — E você, Jarbas? Gostei de saber que os seus vão bem. E, pessoalmente, corre tudo da mesma forma?

JARBAS — Como sou solteiro, nada lhe posso informar.

MARIETA — Então, solteiro não dispõe de informações pessoais?

JARBAS — E que desejo responder diferentemente de Wilton.

DR. ANTONIO — Não reparem no Jarbas tal feito...

MARIETA — Sempre gostei de Jarbas, sobretudo pelas suas tiradas originais. E olhem: (Para os dois) — Haidê está lá fóra, vendo o jardim, acompanhada. (Wilton se espanta).

DR. ANTONIO — (Entrando no diálogo) — E Marieta com Esteves, qual a impressão da viagem?

MARIETA — Apenas, muito pó!

ESTEVES — De fato, muito mesmo. A Prefeitura precisa asfaltar o trecho até São Bernardino, hoje monumento histórico, já tombado pelo Instituto Brasileiro.

MARIETA — Para mim, a viagem, como disse, não podia ser melhor. Ainda mais que estava doidinha para vir, não só pela saúde do Esteves, senão ainda para rever a todos os amigos e a cidade, o Dr. Antônio e minha outra xará.

MARILZE — A satisfação é nossa.

MARIA LUIZA — E a Haidê? Veio mesmo?

MARIETA — Com uma companhia, no portão. Rapaz de lá. Companheiro de leituras, nem sei se são namorados (Wilton estica o pescoço em direção à porta).

MARIA LUIZA — Vou vê-la (Sae) — Com licença.

MARIETA — Vocês são muito gentis. Como a cidade está linda, pelo que vi! Pena é minha cabeça estar um pouco tonta. A primavera, pelas estradas iguaçuanas, é sempre bela! Quanta flor pelas esquinas, quanta beleza há nos ninhos! Ah! Mas como me doi a cabeça!

JARBAS — Tenho uma Cibalena, quer? (Mete a mão no bolso).

WILTON — Tenho um Veramon, prefere? (E imita o gesto de Jarbas).

DR. ANTONIO — (Interceptando) — Não é preciso! Isso passará. Daqui a umas horas, refrescar-se-ão todos, despojando-se de tudo, refazendo-se, enfim, da viagem!

ESTEVES — As malas, a criada já as levou, bem como as bolsas, para o quarto. Pelo que já nos sentimos mais ou menos à vontade. Aliás, bem a gosto, direi melhor. Como acredito se sintam esses dois (Olha para Wilton e Jarbas).

DR. ANTONIO — E o tratamento da úlcera? Aqui ou no Rio?

MARIETA — Isso é que deveremos estudar melhor com a sua colaboração.

MARILZE — (Percebendo a preocupação de Marieta pelo copo com água) — Quer um copo? (A pergunta não é ouvida pelos presentes).

ESTEVES — (Para Jarbas) — E o "seu" doutor, parece espantado?

JARBAS — Ao revés, sinto-me feliz e tranqüilo.

ESTEVES — E você, Wilton?

WILTON — Felicíssimo. Imagino a agradabilíssima companhia de quem há muito não vejo. (Estende um olhar para a porta de entrada, como que aguardando Haidê).

ESTEVES — Obrigado, sempre gentil.

MARIA LUIZA — (Entrando em cena de braço com Haidê) — Mamãe, mamãe, olhe como Haidê está bela e elegante!

JARBAS E WILTON — (Demonstrando surpresa) — Realmente (Falam os dois juntos). (Haidê cumprimenta a todos com carinho, percebendo-se o interesse de Wilton).

JARBAS — (Querendo distinguir-se) — Belo espécime. É a primeira vez que vejo uma linda flor em forma de mulher. Bem falou Metastásio: O primavera, mocidade do ano! O mocidade, primavera da vida!

WILTON — (Meio enciumado) — Tenha calma, rapaz! (E como que jogando indireta). Pena é que certas primaveras passem depressa como todas as primaveras, e não tenha consciência de seu valor nem o conhecimento de sua força! Entende?



(Vira-se para Jarbas e adianta-se em direção a Haidê, para cortejá-la melhor).

ESTEVES — Sim, rapazes, convém andarmos de vagar com o andar. Iremos descansar primeiro, antes de ouvirmos outros duetos, pois muita coisa ainda teremos que contar. Porém, amanhã. E quanto a essa história de mocidade pra cá e primavera pra lá, preciosa exibição de talentos, tem a minha experiência a esclarecer que se faz mister não confundir a juventude dos anos com a mocidade do espírito, não é Antônio? Não nos cabe responder a isso? (Virando-se para o Dr. Antônio).

DR. ANTONIO — Claríssimo, Esteves. Aliás, dizem que, se o homem quiser, não envelhece nunca, pois poderá renovar, como a agulha, a sua juventude! (Empertiga-se e endireita-se).

ESTEVES — Então, vamos descansar, por hoje, com essa.

MARILZE — Perfeitamente, Esteves. Hoje, são vocês os hóspedes, os verdadeiros donos desta casa! (Todos sorriem. Dão-se os braços. E retiram-se).

Fechá o pano para o final do 1.º ato.

## SEGUNDO ATO

*Detalhe de um jardim bem cuidado, deixando aparecer, em ângulo algumas colunas da varanda.*

*Sentadas no banco do jardim, com algumas folhagens ao lado, Maria Luiza e Haidê conversam. (Cena matinal).*

MARIA LUIZA — Por acaso, você gostou de alguns dos rapazes que lhe apresentei, ontem?

HAIDE — Pelo menos de uns três, simpáticos e gentis.

MARIA LUIZA — Quais?

HAIDE — Na piscina do Country, apreciei imensamente aquele jovem de calção azul, com aspecto atlético que praticava acrobacias, do último andar do trampolim! O que se aproximou,

a seguir, contando aquela história de que já nos conhecia há muito tempo.

MARIA LUIZA — Gostas dos atletas?

HAIDE — Bem; não é propriamente dos atletas que gosto. Você compreenda. Um homem saudável é sempre bem cotado. Mas, paralelamente, aprecio imensamente a educação e a moral de cada um.

MARIA LUIZA — E claro, Haidê. Rezamos pela mesma, cartilha. (Diz, ajestando-lhe o cabelo).

HAIDE — Além disso, sou profundamente sonhadora. Mais uma vez me entenda. Criada na Fazenda São Bernardino, distante alguns quilômetros dos grandes centros, em contato permanente com a natureza, tendo o luar como luzeiro e os pirilampus a janela, como candelabros, não teria eu de me tornar profundamente sonhadora? Será defeito?

MARIA LUIZA — Qual o quê, querida! Todas somos um pouco assim, meio românticas, na mocidade. Tudo isso é belo. Meu pai diz que é a nossa quadra! O despontar feliz e risonho da juventude, qual flor em botão ou rosa entreaberta.

HAIDE — Durante o dia, principalmente quando se afastam meus pais e irmãos para a faina, os livros são os únicos companheiros que passo a ter. Leio-os e releio até me cansar, refletindo tanto quanto possível o sentido de cada página. Felizmente, meu pai não permite que eles me falem. Vivo distante, mas conheço das Brontë, do século passado, à moderna Françoise Sagan. Vivo, assim, entre dois séculos.

MARIA LUIZA — (Aqui, poderia caber leve fundo sonoro, de Brahms) — "Aimez-vous Brahms?" (Sorriem as duas) Linda música, não é? E fazem bem. Quanto a mim, disponho da biblioteca e das reuniões da Arcádia, onde os temas são os mais palpitantes. Também meu pai faz muita questão de tais coisas do espírito, porque — diz ele — o que restar, ou será suprido, ou não sentiremos a sua falta!...

HAIDE — Gosta de Brahms?

MARIA LUIZA — Adoro!



HAIDE — Que coincidência é essa de a música tocar, justamente à hora em que falamos sobre ela!

MARIA LUIZA — É outro presente de Jarbas a papai.

HAIDE — E gosta êle tanto assim de música? Entende-as?

MARIA LUIZA — Jarbas entende de muita coisa: literatura geral, poesia, romance, crônica, filosofia, direito e até medicina.

HAIDE — Até medicina?

MARIA LUIZA — Sim, cursou o 3.º ano na Praia Vermelha.

HAIDE — E Direito?

MARIA LUIZA — Até o 4.º ano na Faculdade Nacional. Antes, porém, de fazê-lo, atuou no Forum local ao tempo de Herculano de Matos e Paulino Barbosa, em que o Juiz de Direito entregava a defesa dos réus a pessoas consideradas idôneas.

HAIDE — Foi então tudo quanto quis, não é? Borboleteou sobre todos os assuntos.

MARIA LUIZA — Mais ou menos assim como você diz.

HAIDE — Inteligente, não?

MARIA LUIZA — Muito. Por isso é que todos gostamos dêle, apesar dêsse temperamento entre poético e irreverente. Dona Amélia Chaves também o adorava. Todas as manhãs, quando acordava, antes mesmo do café, Dona Amélia era a primeira a ler seus sonetos. Se os tempos fossem outros, estaria hoje na Arcádia, certamente.

HAIDE — Aliás, tenho ouvido falar nessa Arcádia. Lá mesmo, na minha Fazenda. Muita relíquia histórica se desviou para ela: quadros, âncoras, correntes de escravos, cadeiras, mesas, consolo, etc., por interesse do Sr. Gavazzi, a fim de constituir o seu acervo, o seu museu...

MARIA LUIZA — A Arcádia é isso tudo. Mas não fuja ao assunto a que mais me inclino e seduz. Viste o carro onde coloquei aquela rosa?

HAIDE — Naquele limpador de pára-brisa?

MARIA LUIZA — Sim!

HAIDE — Ia-lhe perguntar até, porque naquele carro e não em outro, maior. (Maria Luiza e Haidê riem. Nada falam, apertando apenas a mão uma da outra) (Compreendem-se pelo olhar).

HAIDE — Pelo que vejo está bem adiantada! Quanto a mim, ainda não tenho pretendente. Aquê de quem gosto, ainda não se definiu.

MARIA LUIZA — Estará longe?

HAIDE — Creio que bem perto. (Riem-se novamente).

MARILZE — (Chamando, por trás do cenário) — Maria Luiza, telefone!

MARIA LUIZA — Com licença, Haidê. Volto já.

DR. ANTONIO — (Chegando vagarosamente ao lado de Haidê, no jardim, com interesse por algo, uma flor ou pássaro em gaiola) — Está sôzinha? Como passou de ontem para hoje?

HAIDE — Bem, felizmente. Dormi maravilhosamente. Maria Luiza foi ao telefone.

DR. ANTONIO — Você está encantadora, Haidê, com êsse vestido. Não julgava fosse ficar uma jovem tão bela!

HAIDE — Obrigada. (Baixa os olhos, segurando uma flor qualquer que já trazia).

DR. ANTONIO — Formosíssima, por sinal, a ponto de fazer estontear qualquer rapaz. Creio que seu pai já sente orgulho de você. Percebeu ontem? O ciúme dêle, ante o galanteio dos dois, quando V. surgiu?

HAIDE — Bondade sua, Dr. Antônio.

DR. ANTONIO — Hoje à noite convidarei alguns rapazes para uma festinha. Irá distrair-se antes mesmo da que pretendo oferecer à minha filha, ao completar 15 anos.

HAIDE — Então está próxima a data...

DR. ANTONIO — Nesse dia, faço questão de convidar toda a sociedade iguaçuana. Do chefe político mais destacado ao mais modesto amigo. Maria Luiza, como você sabe, só me tem proporcionado satisfação. Nada mais justo, portanto, que a reverencie



na primavera da vida... E, em tal ocasião, seu comparecimento é indispensável, Haidê.

HAIDE — Por que não virei? O papai lá na Fazenda pensa em fazer o mesmo. Acredito, entretanto, que preferirei uma viagem à Europa. Adoro Paris! O Louvre, a Torre Eiffel, os quadros de Lautrec, os palácios imperiais, enfim, a sua história e jardins famosos me fascinam muito!

MARIA LUIZA — (Retornando à cena) — Papai, papai, acabo de receber um telefonema de pessoa amiga, pedindo que lhe mostre uma publicação do "Correio da Lavoura".

DR. ANTONIO — Algo importante?

MARIA LUIZA — (Entregando-lhe um exemplar) — Tome-o.

DR. ANTONIO — (Recebe o jornal e lê). (Demora-se na leitura e todos observam). Este Jarbas é incorrigível! (Deixa a leitura do jornal, mantendo-o pendurado entre os dedos).

MARIA LUIZA — (Retomando o jornal das mãos do Dr. Antonio). E claro que deve ser coisa do Jarbas, antigo colaborador. (E, virando-se para Haidê, diz) — Veja só: Comenta a chegada de todos e mexe com o Wilton, com quem tem ponta.

HAIDE — Tenho acompanhado o noticiário daqui, a distância. Parece que todos os locais se apegam demasiado a esse Jornal. (Pausa) Ora, mas logo com o Wilton?

MARIA LUIZA — O papai, pelo menos, até nele colabora, quando pode. Todo mundo lê. E o jornal da mocidade e dos letrados da terra. Os arcades não o dispensam...

MARILZE — (Chegando) — Esse Jarbas é mesmo incorrigível, como diz o Antonio! Você precisa falar com ele, (Virando-se para o Dr. Antonio). Com tal pseudônimo, então, nada perdôa. E o famoso Dr. Coisinha. Chega a ser irreverente em meio a uma ou outra gentileza. A mocidade, apesar de adorá-lo, teme-o pelas alfine-tadas.

DR. ANTONIO — Jarbas jamais se modificará. Conservará tal feitiço de crítico, cronista e poeta. Sempre lutou para ser essas três coisas. Como se modificará agora?

MARILZE — E o Wilton, será que vai gostar? Precisamos pensar nisso!

DR. ANTONIO — Bem; é o que iremos ver. (E o jornal chega às mãos de Haidê, que está comentando baixo com Maria Luíza).

MARIA LUIZA — (Interrompendo a pausa) — Não gosto muito de comentários a meu respeito.

HAIDE — Nem eu.

MARILZE — Nem ninguém, dependendo da maneira como o comentário é feito. Lembra-se daquela arrazoado contra seu pai por causa daquela fábrica de papel? Sobrou verrina até para o Mário Guimarães!

DR. ANTONIO — Numa cidade que cresce, tudo isso é natural. O jornal, hoje, já é meio de vida para alguns, e carece de suas manchetes. E ainda são semanais. Quando passarem a diários, serão piores, porque terão de tirar do nada alguma coisa. Água da pedra. Não é assim? Todos precisam viver.

MARIA LUIZA — Que vivam, mas nos deixem em paz!

MARILZE — É verdade, minha filha. (Como que pensando, preocupada).

HAIDE — Têm razão... Que poderemos fazer?

DR. ANTONIO — Estamos comentando, apenas. Afinal, não tem havido tanta maldade assim. Aqui, nesta terra, ainda há muito respeito às famílias. Pior é na capital, principalmente, onde sobram os cronistas sociais, cada qual mais indiscreto! Ganham rios de dinheiro para serem assim!

MARIA LUIZA — Lá isso é... Deus me livre se aqui houvesse permanentemente colunistas devassadores.

WILTON — (Chegando) — E, antes de sentar-se numa cadeira do jardim) — Bom dia. (Todos respondem) (Procuram esconder o jornal e Wilton percebe, desconfiado).

DR. ANTONIO — Então, passou bem?

WILTON — Magnificamente. Estive a conversar com o Sr. Esteves e Dona Marieta, sobre a viagem.

DR. ANTONIO — E eu, tendo acordado mais cedo, resolvi saudar as meninas, as novas flores deste jardim.



WILTON — Muito bem. Merecem.

MARIA LUIZA — Mas que moda é essa de tal roupa? (Alusão a um detalhe da roupa ou da gravata).

WILTON — Contigências da moda... (Certo de seu êxito).

MARIA LUIZA — (Com intimidade) — Namorado meu não usava isso!

HAIDE — Acho bonito. Deixe ver, Wilton. (Que passa a exhibir) Gostei.

WILTON — Então passarei a usá-lo o máximo possível (ou usá-la).

DR. ANTÔNIO — (Acabando de distrair-se com algo de seu jardim). Afinal, Wilton precisa dar provas de bom gosto. Está entre duas beldades.

WILTON — Custou-me tempo, a escolha! Ainda ontem, viajando com um amigo, falei-lhe sobre tal moda. Caríssima.

MARIA LUIZA — Se é de seu gosto, não é caro.

WILTON — Como não?

MARIA LUIZA — O que é do gosto, custa barato.

DR. ANTÔNIO — Ainda não havia aprendido esta.

WILTON — (Observando o movimento) Desconfio que escondem algo de mim. Que é?

MARIA LUIZA — Nada, não.

WILTON — (Insistindo muito) — Deixe-me ver. (Recebe o jornal das mãos de Maria Luíza e lê). Deixe o Jarbas acordar, que lhe vou passar uma carraspana. (Leu silenciosamente, para grande expectativa de todos. E dá dois passos à frente).

MARILZE — Por favor Wilton, não quero barulho. Isso, afinal, é uma bobagem.

DR. ANTÔNIO — Também acho que está dando um importância exagerada ao caso. São arroubos da mocidade, sempre incendiária...

WILTON — Mas... (pausa) me chamou de gomalina. De boneco de vitrine, por causa dos meus vincos e o colarinho sempre arrumados! !

DR. ANTÔNIO — Coisas do Jarbas: Anda a ler Voltaire, Proudhon e outros mais... São fases... Modificar-se-á, igualmente, tal como você, Wilton! O tempo é uma grande escola!

HAIDE — Gosto, até, de seus cabelos brilhosos, Wilton. Não zangue por isso!

MARIA LUIZA — Eu também acho. Você não deve dar importância a tais brincadeiras. Nem deve ligar. O que ele deseja é justamente isso! Cartaz!

MARILZE — Coisa de rapazes!

DR. ANTÔNIO — Por conseguinte, Wilton, não há por que se aborrecer... A opinião é geral e unânime, a seu favor...

WILTON — Quando menos, vou-lhe indagar porque fez isso, uma vez que, lá fora, no Elite, que ele frequenta, poderão rir-se de mim... O Luiz de Carvalho está sempre a par de tudo...

MARILZE — Já não estou achando haja sido o Jarbas.

DR. ANTÔNIO — Por quê?

MARILZE — Porque sei, com muita certeza, que anda preocupado com os comícios a que terá de comparecer, na Praça da Liberdade, para discursar. Só não sei se é a favor ou contra Manoel Reis.

DR. ANTÔNIO — Realmente, já estava a me esquecer de tais compromissos, findos os quais receberá um cartório, caso o Partido vença. Foi pelo menos a promessa que os chefes políticos lhe fizeram.

MARILZE — Esclareceu-me que tinha vindo a Nova Iguaçu para tal fim.

DR. ANTÔNIO — Como quer que seja, nada de precipitações. Sejamos prudentes, analisando as brincadeiras, isto é, o outro lado do rapaz. Não nos esqueçamos que, apesar de sua capacidade, é, também, muito jovem...

WILTON — Não compreendo o porquê dessa atitude gratuita do Jarbas contra mim. Que mal lhe fiz eu? Porque sou mais moço? Por que ganho um pouco mais de atenção de Haide?

DR. ANTÔNIO — É bem capaz de não ter sido ele.



WILTON — Isso me confrange. E me tira a espontaneidade em sua casa. A minha educação não me permite discussão em torno de tão pequenina mágoa.

DR. ANTONIO — Realmente, isso vale nada. Vamos entrar para acalmar-nos. O melhor (Falando a Marilze) é preparar um conhaque para nós; e, para as meninas, uma laranjada de frutas bem iguaçuanas, oriundas de nossos pomares! (Saem todos de cena conversando e indagando sobre o que acham). Esteves e Marieta entram de braço para o jardim, mal se retiram os presentes).

MARIETA — Parece que a nossa filha gosta intensamente daqui.

ESTEVES — Como não? Ela sempre me pede para trazê-la. Adora Maria Luiza.

MARIETA — Mas só a Maria Luiza? (Chama a sua atenção). Será que você ainda não percebeu? E, quando irá decidir de sua operação ou tratamento? Está chegando a hora de começarmos a agir.

ESTEVES — Tão logo possa! Provavelmente, segunda-feira. Hoje é domingo.

MARIETA — Quer dizer que até lá não fará dieta?

ESTEVES — Que dieta? Com tanto vinho no almoço, essa ulcera vai ficar é zozza até segunda-feira, por excesso de umidade. Depois é que irei secá-la, inclusive oferecendo-lhe leite, leite, até amolar-se e desaparecer. Por ora, irei tingi-la de vermelho; depois, darei os toques de branco. O Antônio gosta muito de pintura.

MARIETA — Essa é boa! Então é assim que se cura ulcera no início?

ESTEVES — Pelo menos enquanto não me apresentarem outra fórmula.

MARIETA — Espero que dê certo.

ESTEVES — Você deve compreender que aqui devemos necessariamente acompanhar os hábitos da casa!

MARIETA — Eu sei, querido.

ESTEVES — Então, o negócio é não contrariar o Antônio. Na hora de comer, comer; na hora de beber, beber; na hora de dormir, dormir — que ninguém é de ferro para agüentar uma ulcera desta...

MARIETA — Mas gosto também um pouco de cerimônia. Veja o Wilton. Chega a ser elegante nas maneiras!

ESTEVES — Também já gosta d'ele? Por quê?

MARIETA — Não sei, mas gosto. Ou por outra, já começo a gostar!

ESTEVES — Não sabe, mas gosta... Essa é boa!

MARIETA — Que tem isso? Gosto porque é educado, e pronto!

ESTEVES — Gosta de tudo que é da cidade. E o Wilton é principalmente um moço da cidade; apesar de adorar Nova Iguaçu.

MARIETA — Acho o Wilton admirável. (Continuando a suspirar). E note como a Haidê se interessa pelo que ele faz ou diz.

ESTEVES — (Modificado) — Não estará, por acaso, exagerando?

MARIETA — Exagerando? Eu? O que acho, acho. E "coração de mãe não se engana".

ESTEVES — Todavia, não deve achar tanto assim. Pode ser muito otimismo. E meio grave. Julgo bom vir contar-me esta história, ali, ao pé do viveiro, para que ninguém nos ouça... Somente os pássaros que cantam o arrebol, despertando os sons... (E saem).

(Dr. Antônio entra em cena para cuidar de qualquer coisa) (Pássaro na gaiola ou rosa).

HAIDE (Surgindo). — Que pássaro (ou rosa) lindo!

DR. ANTONIO — E de Maria Luiza. Adora pássaros. (Ou flores).

HAIDE — O senhor parece ter muito gosto.

DR. ANTONIO — Toda a minha vida é produzir para a felicidade de minha filha.

HAIDE — Quando chegar em casa, ficarei com inveja d'este seu requeijo e inefável carinho!

DR. ANTONIO — Qual o quê. A sua casa possui muito mais. Nela, os pássaros vivem soltos, cantando nos vérgéis ou nas pal-



meiras, à sombra dos laranjais. Que há-de mais belo à luz do sol? Aqui, porém, tal como nós, terão de viver presos, pelo menos se quisermos ouvi-los. Porque fogem ao bulício da cidade, cada vez mais industrial.

MARILZE — (Entrando em cena, aproximando-se devagar e ouvindo o diálogo) — De fato, Haidê. Nas matas, tudo é natureza, é mais poético, assim. Tudo é beleza como você. O rouxinol conquista a rosa, medroso do beija-flor. Nas cercanias há vales e grotes onde a vida estua e palpita como nem imaginamos.

HAIDÊ — Então o melhor é trocarmos por uns tempos, nossas casas e hábitos. Ainda não me realizei. Ainda não vieram beijar a flor de minha virtude que não pode ser oferecida. Enquanto prefere os pássaros de lá, por serem canoros, eu prefiro os beija-flores silenciosos daqui. Entendem? (Os três sorriem).

MARILZE — Certíssima. (Riem-se mais os três da malícia de Haidê).

MARILZE — Quem não deseja um ninho de algodão? (E continuando). Mas não se esqueça, Haidê, de que a vida social, numa cidade que se agiganta, como esta, fatiga um pouco. Hoje, um aniversário; amanhã, um batizado; depois, uma formatura; logo após, um convite inesperado. Gosta assim mesmo, Haidê?

HAIDÊ — Como não, Dona Marilze. Só necessito é de um companheiro que goste de tudo, também, para eu ser completamente feliz.

MARILZE — Não tardará!

MARILZE — (Jarbas entrando em cena) — Ah! Até que enfim apareceu o homem!

JARBAS — O meu fraco é dormir até tarde. O doutor aí, (aponta para o Dr. Antônio) também Mas que milagre é esse de estar madrugando hoje às onze do dia. (Olha o relógio de pulso).

DR. ANTÔNIO — Milagre das visitas, é claro. E preciso atenção.

JARBAS — Também estive até agora a rabiscar uma peça de teatro para a Arcádia, a próxima a ser apresentada!

DR. ANTÔNIO — Julguei que só gostasse de poesia.

JARBAS — (Marilze e Haidê monologam, baixo) — O teatro também é fascinante. A gente cria personagens. Dá vida. Lembra-se da Falange Artística e Literária, no E. C. Iguaçu? Para ela produzi muita coisa.

MARILZE — E a peça? Não lhe atrapalhará o curso de Direito?

JARBAS — A atual é mais apaixonante ainda. O curso é à noite. É como se eu ressuscitasse numa época mais adiantada, vivendo num "society iguaquano" bem mais exigente e complicado. O marido de uma dona, que pode ser chamado de Nicanor, julgando-se casado com uma mulher séria, de repente, depara na barbearia, na capa de uma revista, o retrato da mulher, em pleno Carnaval, montada no ombro de outro... (Haidê se interessa).

MARILZE — Meu Deus! E depois?

JARBAS — Depois? Depois, sai apavorado; e, na rua, compra um exemplar da revista e vai para casa da espôsa, a Mariazinha, que dizia detestar o Carnaval.

DR. ANTÔNIO — (Ri) — Mas que história, Jarbas! Onde divulgará isso?

JARBAS — No "Society Iguaquano". No palco de Arcádia, talvez. (Haidê põe a mão na boca, admirada).

DR. ANTÔNIO — E acabou?

JARBAS — Quando botou a capa no lindo nariz da mulher agora mais arrebitado, porque morando com a mãe, Mariazinha põe a banca: Eu, eu juro. Não sou eu. Por minha mãe, que amo mais do que tudo neste mundo.

HAIDÊ — (Atenta) Que coisa curiosa!

JARBAS — (Continuando) — Essa maneira convicta de Mariazinha acabou por abrandar a Nicanor, que vai à redação da revista procurar o fotógrafo. Paga-lhe bem e o homem da imprensa diz: Gozado! Essa pequena já esteve aqui.

MARILZE — (Ri à vontade) — Está bom, Jarbas. É convincente.



JARBAS — (Cheio de convencimento) — Bom, é apelido. Mas o final é melhor. Nicanor então indaga do fotógrafo se tem o endereço dela. Tem. Porém, não o de Mariazinha, a esposa, isto é, o próprio endereço dele. O endereço é o de uma sócia (pausa), mais formosa. Sabe lá o que é isso?

DR. ANTÔNIO — Confesso, a história está melhorando sensacionalmente.

JARBAS — Ele bate palmas. Eis senão quando a porta se abre: aparece a tal dona, a sócia, belíssima, melhor que a Mariazinha (Pausa) e ela com ele ficou. De lá mesmo telefonou para Mariazinha, dizendo que tinha negócio urgente nuns confins quaisquer, e que iria ficar fora de casa uma semana, no mínimo.

DR. ANTÔNIO — Bem, Jarbas, essa é boa!

JARBAS — (Entre cinico e irreverente) — A história ou a sócia? (Marilze para subitamente de rir).

DR. ANTÔNIO — (Encabulado) — Ah! a história, é claro. (Continuando) Mas para peça de teatro está um tanto inacabada.

JARBAS — (Continuando) — Aguarde, então, o resultado: Tempos depois, por castigo, numa festa social, olha o Nicanor aparecendo em foto com essa Mariazinha n.º 2, a sócia!

MARILZE — Está ótima!

JARBAS — A Mariazinha n.º 1 sai em campo. Passa pelo mesmo fotógrafo. Vai a casa da n.º 2. E a n.º 2 tem outro. Quando lá chega, encontra a mulher, a n.º 1, conversando com o amante verdadeiro da Mariazinha n.º 2. Ai ele começa a pensar mal da mulher. Que teria ido lá fazer? E promete separar-se, até que tudo no fim se esclarece, com pedidos de perdão de Nicanor, um vilão que quer transformar-se em anjo. Não está pongetiana? (Rindo todos).

DR. ANTÔNIO — Magnífico!

HAIDE — Estupenda!

MARILZE — Engraçadíssima, mas para ocorrer em Nova Iguaçu, daqui a muitos anos, não é?

JARBAS — Exatamente! Gostou Haide? (Virando-se para ela).

HAIDE — Ótima! De você, só podia esperar algo assim.

MARILZE — (Preocupada, agora) — Jarbas, com licença, pois tenho ordens a dar.

DR. ANTÔNIO — (Câmpanha) — Ouço o telefone tocar.

DR. ANTÔNIO — Vamos, Haide, juntar-nos lá dentro à Maria Luiza, até à hora do almoço? Vai ficar, Jarbas, no Jardim? Quer dar-nos o prazer? (Saem de cena).

JARBAS — Ficarei apreciando meu cigarro (Acende-o e fuma) Obrigado.

WILTON — (Chega vagarosamente, cabisbaixo) — Jarbas, preciso falar-lhe. Aguardei este momento.

JARBAS — (Contemplando a fumaça do cigarro) — Pode ir falando.

WILTON — Tenho percebido certa animosidade em relação a mim, e não compreende suas críticas pelo jornal do Avelino, o "Coreio da Lavoura".

JARBAS — Que bobagem, Wilton! Excesso de subtileza! Minha prevenção desapareceu. Todos aqui gostam de você.

WILTON — Excesso de subtileza, não! Você escreveu, não há dúvida!

JARBAS — Excesso, sim!

WILTON — Excesso, não! Já disse! E repito!

JARBAS — Excesso, sim! Isso aqui é uma terra que exige movimento. Não vê os outros jornais concorrentes? Não fazem outra coisa.

WILTON — Mas eu detesto movimento nesse seu estilo!

JARBAS — Então, que não se meta nesses meandros sociais. Não seja notícia, ouviu?

WILTON — Não sou notícia, como você pretende!

JARBAS — Então você precisa estuar. Sabe o que é estuar? É viver. Acho você muito parado. E, como sei que você ama uma pessoa e tudo faz por ela, ponho-a a andar alegre e feliz pelo jornal!

WILTON — Então vou suborná-lo, com um presente, contanto que você não mexa mais comigo! Por sua causa, minha cota-



ção no mercado das garôtas, baixou muito... Inclusive, no coração de Haidê, acho eu!

JARBAS — Até que enfim, começou a falar melhor comigo!

WILTON — Seu anel de grau, quando se formar, certo? oferecer-lhe-ei...

JARBAS — Certo. Eu já sabia que você era um completo cavalheiro. Merece até a mão de Haidê, (Suprêsa de Wilton, que recua) para viverem juntos até no céu. Não é fato que gosta dela?

WILTON — Bandido, como descobriu? Se só nós dois sabíamos disso, estava com os artigos de jornal, quase a nos estragar!

JARBAS — E você me engana? (Voltam Dr. Antônio, Haidê e Maria Luiza).

OS TRES — (Falando ao mesmo tempo) — Que ótimo! Juntos, afinal!

MARIA LUIZA — Vamos dar a notícia à mamãe. (Maria Luiza e Haidê saem).

WILTON — (Também saindo) — Esperem-me. (Ficam Dr. Antônio e Jarbas).

DR. ANTONIO — Como se entenderam?

JARBAS — Ora, muito fácil. Fiquei com pena dele. E, como verifiquei que é um tipo inteligente e compreensivo, resolvi ajudá-lo, acabando de uma vez com essas diferenças.

DR. ANTONIO — Foi muito melhor assim! Ora, graças!

JARBAS — Inclusive, para mim.

DR. ANTONIO — Então, vamos festejar o acontecimento com um drinque.

JARBAS — Drinque? É prá já! (Saem os dois abraçados). Pano.

(Final do 2.º ato)

### TERCEIRO ATO

*Sala principal da residência do Dr. Antônio Terra. Uma porta à direita, outra à esquerda, dentro das limitações da Arcádia. (Cenário do 1.º ato).*

*Ao abrir-se o pano, sentados na poltrona: Dr. Antônio e Marilze.*

DR. ANTONIO — Têm sido agradabilíssimas as reuniões aqui, pois não? Já nem tenho vontade de sair!

MARILZE — Nunca pensei que viesse a me sentir tão feliz assim, no meio de tanta gente espremida, casa em desalinho, com os quartos de hóspedes tão cheios!

DR. ANTONIO — Minha grande preocupação era a úlcera do Esteves, mas, felizmente, nem se fala mais nela. Pena é estarem trocando o Rio por Nova Iguaçu, nesse final de tratamento.

MARILZE — Mas eles sempre gostaram de teatro e de baillados. Mais do que de cinema. E, nesse particular, Nova Iguaçu é pobre. Sômente no Municipal podem encontrar o que almejam.

DR. ANTONIO — Imagine que nem querem ouvir pelo rádio, os programas. Agora mesmo, acabam de pagar alto preço por poltrona, para verem os artistas em carne e osso!

MARILZE — É bom que eu diga agora que essa mania de Nova Iguaçu, Arcádia, pintura, jornais e outros assuntos que tais, sômente existe em você, Luiz, Deoclécio, Afrânio, Cial e outros!

DR. ANTONIO — Não está satisfeita, com isso?

MARILZE — Claro, querido, basta você gostar para eu também gostar. Porém nada de exagero ou de sacrifícios ingentes, como já lhe disse, antes!

DR. ANTONIO — Quer saber de uma? De quanta coisa que aqui se passou êsses últimos dias, desde a chegada de todos, preocupou-me apenas aquele entrevêro entre Jarbas e Wilton. Felizmente, terminou tudo bem.

MARILZE — Então, quer saber de outra? Temi igualmente um incidente, pela consideração que dispensamos a ambos. Serão, por acaso, rivais?



DR. ANTÔNIO — Qual rivais, qual nada! Conheço bem as tendências de Jarbas. Melhor que você imagina, talvez. Ainda não observou o espírito romântico do Wilton? Como ele anda alado, ruflando, feliz, suas asas! (Imita no gesto) Ainda não percebeu a atitude de quem se mostra enamorado de Haidê?

MARILZE — Por que, então, tais picuinhas que, segundo soube, se estendem noite adentro, até nas serenatas? Querem os dois, por ventura, disputar a lua?

DR. ANTÔNIO — Mais adiante saberá. Jarbas, muito inteligente, não prega prego sem estôpa. Alguma coisa haverá de sair disso tudo. Quem gosta de pôquer, como ele, deverá estar preparando alguma cartada!

MARILZE — Jura que ainda não temeu um desfôrço entre ambos, aqui dentro? Para escandalizar a pobre da Marieta, inclusive? Tenho a impressão, sensível como é, que sofreria um desmaio. Ou um enfarte, que está mais em moda. E disso é que tinha medo.

DR. ANTÔNIO — Esse medo eu não tive, porque saberiam respeitar nossa casa. Não é de hoje, como sabe, que a frequentam. Demais disso, o sonho de ambos, pode estar mais uma vez certa, é bem diferente.

MARILZE — Você confia demasiado em suas observações.

DR. ANTÔNIO — Que seria de mim se não soubesse antever a ação de dois espíritos inteligentes, em busca de um ideal?

MARILZE — Mas só de um ideal?

DR. ANTÔNIO — Sim; de um ideal. E somente isso. Nada mais. Só que o de Wilton deverá encerrar-se como o dos Romeus eternamente apaixonados. Wilton acha, por convicção própria, que a vida é curta demais para que não seja vivida intensamente.

MARILZE — E Jarbas? Deixou-me você agora bastante curiosa.

DR. ANTÔNIO — Ora, o Jarbas. Deus sabe melhor do que nós onde pairam aqueles cujos sonhos vão além dos horizontes. Jarbas sabe, de ciência certa, que a medida da vida é o saber. E

que mais vive aquêle que é mais sábio, pois encontra mais motivos de alegria num cascalho rolado no meio da estrada, do que um ignorante, nos esplendores de um céu, a cintilar de estrelas. Quer isto dizer que, além de mais, é autêntico poeta. Seus caminhos contêm luz.

MARILZE — Será ele assim como quem procura refletir o sol?

DR. ANTÔNIO — Mais ou menos assim. Pena é ter ele a vontade um pouco fraca. Como sabe, a inteligência contempla os céus, mas cabe à vontade conquistá-los. Todavia, ainda deixará muita coisa de sua lavra para a posteridade iguaçuana. Nem que seja a mesa onde espontaneamente externou muitos de seus pensamentos, hoje guardados com carinho por vários de seus admiradores e amigos.

MARILZE — E conquistará ele o alto, conforme sonha e você antevê?

DR. ANTÔNIO — Se se dispuser a isso, com afinco, e não fôr seduzido para outras pelejas.

MARILZE — Voará como águia, Antônio?

DR. ANTÔNIO — Como não? A águia, às vêzes, não nos dá a impressão de querer voar mais alto que o sol ou alcançar a lua, como disse há pouco?

MARILZE — E... Dá... (Concordando, admirada).

DR. ANTÔNIO — Pois então? Assim é que ele é.

MARILZE — Dêsse jeito, Antônio?

DR. ANTÔNIO — Irá ver, não demorará muito. Jarbas, conforme já disse e repito, não é somente um rapaz inteligente e poeta. Ainda ontem, para surpresa minha, repetia Emerson, dizendo que há sempre um modo melhor de fazer as coisas, ainda mesmo que essa coisa seja cozer um ovo. E que até na pequenina madeixa pode haver a perfeição da forma. Para ele, há tanta perfeição no fabricar uma boneca para as inocentes crianças, como imprimir vida numa tela artística.

MARILZE — Isso é belo, meu querido!



DR. ANTÔNIO — Estava com toda a corda a última vez que palestramos. Esclareceu que o que procura na vida é a sublime perfeição como aquêle velho sábio chinês: tanto ensinou pintar a borboleta azul, que, concluída a obra, ela se destacou da tela e voou.

MARILZE — Quase divino!

DR. ANTÔNIO — E acentuou que o melhor fabricante de ra-toeiras, ou o melhor fazedor de sermões, o bom médico, assim como o bom advogado, engenheiro ou dentista, ainda mesmo que, morando no intrincado da floresta, lá no alto da nossa Cachoeira, quem deles precisar, abrirá caminho mato adentro. E o trabalho, por mais humilde que seja, não avilta o homem, mas ao homem, sim, é que é dado glorificar o trabalho.

MARILZE — Certíssimo.

DR. ANTÔNIO — Tudo isso que reproduzo é dele. Que bom político também não seria, uma vez bem encaminhado na vida! Bem cercado, quero dizer.

MARILZE — Parece, entretanto, que os sucessores de Manoel Reis, na política, não lhe cederão a vez.

DR. ANTÔNIO — Qual o político, Marilze, tanto aqui em Nova Iguaçu como alhures, que cede a sua vez a quem quer que seja?

MARILZE — A não ser que promova, por iniciativa própria, e num movimento enérgico, a substituição dos atuais, do mesmo modo como os atuais afastaram os velhos coronelões. (Som de campanha).

MARILZE — Creio que são eles que estão chegando. (E entram os três — Marieta, Esteves e Haidê).

HAIDÊ — Maravilhoso o Municipal. Magnífica, a temporada!

MARIETA — Inesquecível, Marilze (Podem ser aumentados os diálogos em relação a uma representação qualquer, da época).

ESTEVES — Nunca havia assistido a uma peça tão original e bem cuidada!

DR. ANTÔNIO — Iremos tão cedo possa. Em vespéral. A Marilze também gosta muito, e já marcamos dia e hora, para assistirmos.

MARIETA — Vale a pena todos irem. Até a Haidê, apesar de nova, adorou. E arte é pura, eterna e universal.

DR. ANTÔNIO — Iremos, sim.

MARILZE — Realmente, várias pessoas já nos informaram a respeito.

DR. ANTÔNIO — O teatro tem evoluído muito, dos tempos de Leopoldo Frois para cá. Atualmente, parece que estamos a viver a época dos "ballets" e do teatro musicado.

ESTEVES — Fomos a dois teatros, para aproveitar o tempo e a viagem. Sinceramente, nunca havia assistido a um folclore servindo de tema para "ballet".

DR. ANTÔNIO — Chegará o dia, pode estar certo, em que se verá o Pigmaleão, de Bernard Shaw, adaptado. Aquela vendedora de violetas que aprende fonética, ainda cantará para auditório seletivo. Vai ver; ao lado do Higgins, professor apaixonado!

MARILZE — Temos, é claro, de aceitar a evolução!

DR. ANTÔNIO — Se o teatro está chegando bem até nós, em Nova Iguaçu, que dirá no Rio, centro reconhecido como de grande cultura!

ESTEVES — Julgo que, nesta terra, sempre houve entusiasmo por teatro. Antes de existir o Cine Verde, em cujo palco se faziam ótimas representações, havia o antigo Cine Iguaçu, do velho Barone, onde também exibiam números teatrais. Recordam-se, ao depois, da Falange Artística e Literária? Dos grêmios que, antes da Falange, também existiam?

DR. ANTÔNIO — Como não? Isso é de ontem. E, pode-se dizer, recente.

MARIETA — E da Sociedade Dramática Iguaçuense?

DR. ANTÔNIO — Bem, dessa não me lembro...

MARIETA — Eu também não. O Esteves é que fala sempre sobre ela!

ESTEVES — Nem poderiam lembrar-se, porque é exatamente do meu tempo. Foi presidida por Bernardino Melo. Era a compa-



nhia que representava nos palcos da velha e saudosa Iguaçu, dos nossos avós, quando os Soares e Melo eram os donos da Vila.

DR. ANTONIO — O Esteves parece ser bastante saudosista...

ESTEVEZ — Um pouco, por que negar? E que gosto muito de teatro, também. De qualquer forma sob que se apresente. Vou mais além: O teatro, quanto é bom, não vejo preço, porque se coloca muito acima do bem e do mal, do crédito e da promissória, de que nós, aliás, já andamos cansados...

MARILZE — Bem; isso é verdade. As necessidades materiais da vida, em preocupação permanente, às vezes cansa, não é Marieta?

MARIETA — Meu marido que o diga...

ESTEVEZ — Exato. E Nova Iguaçu, pelo amor que tenho a meus filhos e sobrinhos, precisa de bom número de casas de espetáculos, pois é no palco, principalmente, que a cultura do mundo se expõe. Diante de todos, a literatura pode ser vista e ouvida.

DR. ANTONIO — Aliás, não é Esteves? (Chamando) Sempre achei isso. Muito mais fácil do que ler um livro é assistir a uma peça, pelo que é verdadeiro que a simpatia pelos autores começa no teatro.

ESTEVEZ — Certíssimo. O teatro mostra a vida, antes de reduzi-la a romances folhudos.

MARILZE — E que é a vida, senão vasto palco em que todos representamos?

MARIETA — Uns melhor, outros pior. (Fazendo gesto de mais ou menos com as mãos).

DR. ANTONIO — Vejo agora entre nós que será mais fácil amar aquela mulher que Shaw trouxe da sarjeta. Sentir e amar a história de Galatéia...

ESTEVEZ — Conviver-se com Pirandello, Sófocles, Pedro Bloch ou Tennessee Williams.

MARILZE — É o que está acontecendo atualmente nesta Iguaçu, antes tão pacata.

HAIDE — (Que se mantinha calada, até então, em cena). — Se querem a opinião de quem estava calada, apenas ouvindo, direi que um teatro que funciona, constitui sempre uma esperança mais. É como uma pálpebra que se abre à vida dos olhos de cada um de nós (E abrindo os olhos, surpreendida com alguém que chega). — Olhem o Wilton chegando!

MARILZE — Dessa vez, não só se abriu! Arregalou-se!

WILTON — (Chegando, cumprimenta a todos). — Como vai, querida? (Para Haide).

HAIDE — Bem; falávamos sobre teatro. Gosta?

WILTON — Gosto. Haide, tome primeiro essas flores. Estou desde cedo à sua espera.

HAIDE — Obrigada.

WILTON — Olhe, nem sei, hoje. Estive a mantê-las úmidas e viçosas até agora!

HAIDE — Você é um anjo.

MARILZE — Isso é capaz de dar em alguma coisa... (Haide se envergonha). (Os pais fingem que não entendem).

WILTON — Será que o Sr. Esteves e Dona Marieta irão se opor?

ESTEVEZ — Não, quando tudo for feito com mais formalismo! Entendem?

WILTON — Entendo... (Marilze e o dr. Antônio riem, antegozando).

HAIDE — Olhe, papai, não são lindas essas flores?

WILTON — Tenho também aqui outra lembrança. (Outro "souvenir" qualquer).

HAIDE — Encantada, Wilton.

MARILZE — Lindo!

MARIETA — Lindo, realmente!

DR. ANTONIO — Um presente muito discreto.

HAIDE — Lindo, lindo, realmente, Wilton.

WILTON — Pena é ser tarde para todos irmos à cidade numa despedida!

HAIDE — Só aceitaria, também, se fôsse do agrado de meus pais). (Ficam os dois a conversar).



MARILZE — É pena, mas hoje não poderemos ir à cidade.

WILTON — Verdade?

DR. ANTONIO — O carro enguiçou. Além disso, precisamos fazer companhia à Maria Luiza, por sinal sôzinha, lá dentro, triste com a partida de vocês; e meio resfriada.

DR. ANTONIO — (Grita). Ó Maria Luiza!

MARIA LUIZA — (Respondendo) — Que é, papai?

DR. ANTONIO — Não está triste, ai, sôzinha?

MARIA LUIZA — (Por trás do cenário) (Ou chegando à porta) — Estou lendo na minha poltrona, o que Jarbas escreveu novamente sobre o casamento do Wilton com a Haidê.

WILTON — Que é, de nôvo? Isso já é irreverência demais!

MARILZE — Não, não é possível. Jarbas está atingindo às raíças do absurdo. Ou da brincadeira excessiva. Maria Luiza, por acaso, é que sempre nos assusta com tais notícias.

WILTON — Se fôr verdade, Dr. Antônio e D. Marilze irão me perdoar. Mas amassarei o patife, esteja onde estiver (Marilze se alarma) (Surge Maria Luiza com o jornal). Todos a rodeiam.

MARIA LUIZA — Querem ver como não é brincadeira? (E começa a ler em voz alta):

“COLUNA SOCIAL — Não será surpresa para os meus amigos leitores se daqui a alguns dias fôr comemorado o pedido de casamento de meu amigo Wilton, estudante de Direito e filho de tradicional família, com a senhorinha Haidê, diletta filha do abastado fazendeiro (São Bernardino, entre parêntesis), proprietário dos mais famosos laranjais e gados indus desta gleba, em cujos lombos pretende ele montar. Assinado: Dr. Coisinha”. (Wilton toma o jornal de Maria Luiza e torna a ler, nervoso, suando, embulhando o trecho, limpando o suor).

WILTON — Assim, colocou-me no dever moral de esmurralo. Já conversei com alguns leitores sobre tal seção, e todos foram unânimes em informar-me que o Dr. Coisinha é o Jarbas. Obrigado, Maria Luiza (Devolve o jornal).

MARIA LUIZA — (Recebendo-o) — Enquanto resolvem se é Jarbas ou não o autor, vou acabar de lê-lo. Há uns trechinhos

nêlo, que me estão interessando, agora esse noticiário tão desagradável sobre você, Wilton. Com licença (Sai com o jornal).

DR. ANTONIO — Se continuam os ânimos acirrados, agora mais do que dantes a calma se impõe. Que apurem melhor tal pseudônimo. Por que não indagam ao Luiz Azeredo? O secretário de um jornal sabe de tudo quanto nêlo se passa.

WILTON — Mas, doutor! Então isso é algo que se diga, ainda mais por um jornal lido por toda a sociedade? Que irei viver do dinheiro, montado em lombo de gado alheio? Isso é mais que um insulto. Ou uma provocação. Melhor será dizer que é um achincalhe! (Em tom enérgico a última palavra).

ESTEVES — (Que a tudo ouvia, silenciosamente) — Tolere, Wilton. Perdoe setenta vezes sete. Seja grande como o mar, que não guarda os vestígios das quilhas que o ferem. Olhe a última vez. Deu em nada. Que conseguiram provar?

WILTON — Eu sei, Sr. Esteves, da grandeza do mar e que a conduta da vida nem sempre é retilínea. As curvas oscilam para o alto e para baixo. Em relação a Jarbas, porém, tenho agido retamente. Por que isso comigo? Não, não, não! Não me posso conformar, ainda mais depois da combinação que tivemos. De lhe dar o anel. Pagar-me-á dessa vez. Revidarei o desafôro à altura!

DR. ANTONIO — (Contendo-o paternalmente) — É preciso que saiba, Wilton, que mesmo o homem mais sábio está sujeito a erro; o mais santo não está isento de pecado; o mais corajoso tem seus momentos de covardia. Ninguém é perfeito nesse mundo! Demais disso, você não tem certeza quanto à autoria!

WILTON — (Visivelmente nervoso) — Se os bons sofrem tais momentos, que dizer então dos fingidos e hipócritas? Dos que amam a cultura, mas preferem viver entre os cínicos de Voltaire ou entre os falsos de Maquiavel?

DR. ANTONIO — (Sendo ouvido com atenção e aprovado sempre pelos presentes, através de gestos). Na sua idade e na do Jarbas, pela falta de amadurecimento de cada um, ainda reina certa confusão e desordem espiritual, embora possuam invejável



lastro cultural. Hoje, o jovem é atraído pela paixão amorosa ou política; amanhã, pelo misticismo religioso, querendo ser até padre ou Juiz; depois, opta pela ciência, ensinando ser um Pasteur ou o descobridor de qualquer uma doença, podendo mais adiante tudo isso ser aniquilado pelo torpor espiritual de uma decepção qualquer, inesperada. Dai, a grande volubilidade dos moços, o que não deve admirá-lo... Hoje, são incendiários. Amanhã, serão bombeiros!...

WILTON — Agradeço, mais uma vez, dr. Antônio, tão altos conselhos. Mas há ocasiões em que um minuto perdido ou desprezado significa derrota certa. E eu amo intensamente a... (E cala-se olhando para o Sr. Esteves). Compreenda a minha situação! Estou sendo achincalhado pública e injustamente...

ESTEVES — (Interferindo, meio penalizado) — Aproveite o conselho, rapaz (Segurando Wilton com as duas mãos). O Antônio é experimentado! Lembre-se de que as melhores pessoas, às vezes, são formadas de seus defeitos, e que o erro glorifica a verdade, assim como a feiura faz realçar a beleza. Você vencerá! (Wilton, após ouvir o Sr. Esteves, sai de suas mãos e caminha meio desalentado para um canto qualquer, pensativo). (Nessa altura, toca a campainha do portão).

DR. ANTONIO — Pela hora, deve ser o Jarbas. Conheço-lhe o jeito de tocar a campainha (dar um toque diferente, mas característico, de campainha).

WILTON — Mas hoje, ainda está por aqui?

DR. ANTONIO — Por acaso, não sabe que a casa de D. Amélia e a nossa são igualmente de Jarbas?

JARBAS — (Ele mesmo se apresentando) — Eis o homem em carne e osso! (No mesmo instante em que Jarbas surge, Wilton recua. Todos na expectativa).

JARBAS — (Calmamente) — Como têm passado todos aqui?

WILTON — (Tartamudeando) — Eu... Não... Muito... Bem... Acho que irei explodir!...

JARBAS — (Saindo da calma, aparente) — E eu estou uma fera! Arranjei até um revólver!

WILTON — Aqui, ninguém tem medo dessas coisas!!!

JARBAS — (Demonstrando revolta) — Arranjei, sim, porque, revoltado com a brincadeira de certo colaborador que deseja ridicularizar a você, Wilton, sabendo-o meu amigo e apaixonado de Haidê... (E virando-se para Haidê, que ouve nervosa o diálogo): — Haidê, o autor é o tal da piscina, àquela tarde em que você e Maria Luiza foram vê-la. Escreveu uma série de invenções sobre o compromisso ainda não firmado entre você e Wilton, para inculpar-me e provocar separações. Tem interesses contrariados por não lhe haverem dado confiança. A matéria é paga e mentiu ao jornal, dizendo ser de minha autoria. Mas o ardil será nulo, dêsse caça-dotes...

WILTON — (Reanimando-se, saindo detrás da poltrona) — Quem é esse sujeito? Vou pegá-lo. Juro que não agüento mais!

JARBAS — É um oficial da reserva do Exército e atira muito bem. É campeão de alvo, na seção de Roberto Cabral.

WILTON — Estão vendo? Todas as forças estão voltadas contra mim (Reanimando-se) Mas terei de agir de qualquer maneira! Haja o que ouiver!

DR. ANTONIO — Tenha calma, rapaz!

WILTON — Onde mais calma, doutor?

DR. ANTONIO — Se assim é, prometo-lhe ajuda, Wilton.

WILTON — Como, doutor?

DR. ANTONIO — (Virando-se em direção a Esteves) — Como o noto tão só, e como os humildes devem ser afinal exaltados, aproveito a oportunidade, já que também não há outro compromisso mais sério, e solicito ao meu amigo Esteves que conceda a mão de Haidê em casamento. Estou fazendo minhas as palavras e o desejo de Wilton. Esse é o motivo pelo qual veio passar uns dias em nossa casa. É o desejo expresso dele, conforme já me confessara, desde que aqui chegou.

WILTON — (Mudando o semblante, que agora irradia satisfação) — Assim, o senhor está evitando uma grande e embaraçosa tarefa para mim! (Abraça Haidê e o Dr. Antônio, limpando o suor da testa com o lenço) — Mas, como aquela publicação?



DR. ANTÔNIO — Responda-me agora sinceramente, Wilton: Que vale mais? O despeito vazado em letras de fôrma, ou a sensação de felicidade que se aproxima veloz em sua direção? Além do mais, não foi você mesmo que afirmou, em certa ocasião, que um minuto perdido pode significar derrota certa?

WILTON — Claro, doutor, principalmente quando a felicidade se aproxima veloz, como diz...

DR. ANTONIO — Então, meu filho... (Pausa) É mistér que não vacile!...

MARIETA — (Catucando fortemente a Esteves) — Anda, homem!!!...

ESTEVEES — Anda o quê?

MARIETA — Não está entendendo, por acaso, o pedido do Dr. Antônio? Dê a resposta logo!!! Estão todos esperando! Não vê, do jeito que as coisas estão indo, que a nossa filha pode perder a felicidade num minuto?

ESTEVEES — Que consinto o casamento?

MARIETA — (Meio irritada pela demora) — Claro...

ESTEVEES — (Meio fleugmático) — É, então consinto! Não é o que querem todos? (Todos se abraçam e cumprimentam, alguns meio comovidos, sobretudo Marieta e Marilze, que não dispensam os lençinhos para as lágrimas de alegria).

JARBAS — (Interrompendo o silêncio que passa a reinar) — Agora, Wilton, não vai você se esquecer da promessa feita, sobre o meu anel de formatura! Está garantido mesmo?

WILTON — O que prometo, cumprio. Não tem sido assim, Haidê? (Diz envolvendo-a pelo ombro).

JARBAS — Agora, então, que os laços estão mais legais e consolidados, afirmo que você vai montar na grana de verdade! Não foi mentira do Dr. Coisinha, nem do jornal. Ouviu bem, Wilton?

WILTON — Ouvi, Jarbas. Neste caso, já que tudo deu tão certinho, quero agradecer aquela publicação do "Correio da Lavoura", que, afinal, veio adiantar a realização do meu maior sonho, em toda a minha vida. Não é de hoje que amo Haidê. Só o Dr. Antônio o sabia. E dona Marilze!

JARBAS — Alto lá! Eu também, meus leitores e os Azeredos. Por isso, com tempo e vagar, agradeça a eles, diretores e criadores dessa fôlha dominical que não só alegra e diverte, mas também promove a mocidade. Aproveitando a oportunidade, lembro que deverão recordar o que escrevi para você e Haidê, domingo próximo: "Vivam a plenitude do presente e terão vivido a plenitude de suas vidas". É um conselho, para que a minha presença seja permanente entre vocês!

WILTON — Pode estar certo de que, no futuro, com tempo e oportunidade, saberei recordar e guardar tudo isso, nos encaninhos de meu coração...

HAIDÊ — E no meu, também, Jarbas...

JARBAS — (Retirando-se de cena) — Então, com a devida licença dos presentes, retirar-me-ei. Que fiquem com Deus, pois mais tarde voltarei à cena, no correr da vida! Depois que eu desaparecer, meus defeitos também desaparecerão. Então, minhas qualidades fulgirão como diamantes. Meus livros e outros escritos, os deixarei. (Jarbas sai de cena. Wilton e Haidê permanecem abraçados, pelo ombro. Os demais, em silêncio, presenciavam, meio tristes, a retirada de Jarbas).

DR. ANTONIO — (Aos presentes, interrompendo o silêncio e quebrando a tristeza do instante) — Que grande sujeito o Jarbas, hem? Não lhe falei, Marilze, que conhecia as tendências de cada um? Realmente, a vida vale é pela sua profundidade, e não pela extensão. Para o homem de valor, cada instante é uma vida. Vive-se e aprende-se a cada minuto que passa... E só se é verdadeiramente grande, quando se tem a coragem de viver as suas idéias e morrer por seus ideais!

MARILZE — (Dirigindo-se ao marido) — Para felicidade nossa e dos amigos, você acertou em cheio! Não acha, Marieta? (a seguir).

MARIETA — Hoje, foi tudo encantador! E resolvido a contento! Não foi Haidê?

HAIDÊ — Maravilhoso! Jamais me esquecerei deste instante!



ESTEVES — (Chamando Marieta para junto de si e abraçando-a) — E. O Antônio, hoje, para ficar completo, só faltava ser Juiz de Paz!

DR. ANTONIO — (Meio espantado) — Para quê, meu Deus!

ESTEVES — Para me casar de novo com a Marieta (que se encabula) Somos felizes há muitos anos. Por isso, acho que já posso me consorciar novamente!

DR. ANTONIO — (Compreendendo a brincadeira) — Por hoje, chega, Esteves! Assim também é demais. Festejemos o evento, na outra sala, mais larga e espaçosa, onde a nossa filha nos aguarda, na poltrona. (Chama Marilze para junto de si, e a envolve com carinho). Retiram-se todos para o interior da mansão, a fim de festejar, em outra sala).

MARIA LUIZA — (Aparecendo à porta, para surpresa geral). Que ótimo tudo terminar assim, não é? Meus parabéns Haidê, as paredes também ouvem! O Papai é batuta, mesmo! Trabalha bem!

MARILZE — Tudo ótimo, minha filha! Aguardemos, agora, a sua vez! (Maria Luiza também abraça o pai, retirando-se vagarosamente com os demais, de braço dado. Sorrisos de alegria) (O mesmo fundo sonoro do início, tocado por Maria Luiza).

Vai cerrando o pano.

F I N A L

## DOCUMENTOS PARA A ETERNIDADE

Assembléia Legislativa, Niterói, 22 de novembro de 1960.

Ofício A/56.

Senhor Deoclécio Dias Machado Filho:

Tenho o prazer de levar ao conhecimento de Vossa Senhoria que esta Assembléia, em sessão em 16 do corrente, inteirou-se da seguinte MOÇÃO:

“Ao ensejo da apresentação na Arcádia Iguaçuana de Letras, da peça teatral “O IGUAÇUANO”, no dia 12 do corrente, manifestamos os nossos encômios e aplausos ao seu brilhante autor, Dr. DEOCLÉCIO DIAS MACHADO FILHO, bem como ao seu Diretor Teatral, de Música e ao seu elenco, pela magnífica apresentação de tão notável peça, cujo nome “O IGUAÇUANO” — traduz o seu enredo. SALA DAS SESSÕES, 16 de novembro de 1960. aa) ARY SCHIAVO, Luiz Guimarães, Gouvêa de Abreu, Walter Orlandini, João Silveira, Rubens Ferraz, Miguel Couto Neto, José Haddad e Geraldo Di Biase.”

Valho-me do ensejo para apresentar a Vossa Senhoria protestos de elevada estima e consideração. — OSCAR FONSECA, 1.º Secretário.

Câmara Municipal de Nova Iguaçu, 17 de novembro de 1960. Ofício n.º 227/60-P.

Ilustríssimo Senhor:

E-me grato comunicar-lhe ter sido aprovado neste Legislativo Municipal um requerimento de autoria do Vereador Jorge



Ayres de Lima e outros, solicitando a inserção em ata de um voto de congratulações a V.S. pela autoria da peça teatral "O IGUAÇUANO", recentemente representada na Arcádia Iguaçuana de Letras, e que retrata a vida de um dos mais ilustres homens de nossa Terra — Rangel Pestana.

Juntando aos demais os meus mais sinceros aplausos, aproveito para apresentar-lhe meus protestos de estima e consideração.

DR. WALTER FARIA PACHECO, Presidente.

## UM POUCO DE HISTÓRIA

Com a divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias, as terras que hoje constituem o município de Nova Iguaçu couberam a Martim Afonso de Sousa, donatário da Capitania de São Vicente. Todavia, esta vasta e rica região permaneceu relegada ao mais completo abandono, até que o Rio de Janeiro se tornou notável foco irradiador de progresso, em virtude de sua elevação à categoria de cidade em 1565, após as lutas entre portugueses e franceses, que disputavam a posse das terras da Guanabara.

Transcorridos alguns anos após essa data, já se assinalava, nas terras de Iguaçu, a existência de várias sesmarias, concedidas em diferentes épocas, a partir de 1566, segundo monsenhor Pizarro em suas "Memórias Históricas". Uma delas coube a Braz Cubas, fundador da cidade de Santos.

A proporção que os anos se sucediam, depois das concessões das sesmarias citadas, a colonização das terras foi-se processando gradativa e rapidamente, pelos vales dos pequenos rios que sulcavam o território dessa zona da Baixada Fluminense, como sejam, o Meriti, o Sarapuí, o Pilar e, principalmente, o Iguaçu. Com a penetração do elemento civilizado, o indígena foi cedendo terreno, sendo impedido para o interior ou exterminado, acabando por desaparecer dessas paragens.

Segundo José Matoso Maia Forte, em seu livro "Iguaçu", tão cedo os agrupamentos populacionais o permitiram, foram surgindo várias freguesias nessas terras. A mais antiga, segundo monsenhor Pizarro, na obra citada, foi a de Nossa Senhora do Pilar, seguiram-se-lhe a de São João de Meriti, a de Santo Antônio de



Jacutinga, a de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu e finalmente a última delas, a de Nossa Senhora da Conceição de Marapicu, a qual recebeu, nessa data, o predicamento de perpetuidade. A freguesia de Nossa Senhora da Piedade de Iguaçu era, também, conhecida pelo nome de Nossa Senhora da Piedade do Caminho Velho, em virtude de estar localizado em suas terras um trecho da estrada que, subindo as encostas da Serra da Estrêla e acompanhando os vales dos rios Paraíba e Paraibuna, atingia as "Minas Gerais". Foi por esse caminho que passou, mais tarde, Tiradentes, quando se dirigia à Corte, para ser julgado e posteriormente enforcado.

A prosperidade agrícola da região circunvizinha ao Rio Iguaçu perdurou por dois séculos. Os cursos fluviais não só tornavam fertilíssimas as suas terras, como também serviam de ótima via de comunicação com o Rio de Janeiro, para onde se escoava a sua produção. Cultivavam-se, então, com grande sucesso, o arroz, o feijão, a mandioca e, principalmente, a cana-de-açúcar. O café, cuja cultura se tentou introduzir na região, não deu os resultados esperados, o que redundou no abandono do seu plantio. Aos negros escravos, muito deveram os fazendeiros e senhores de engenho, proprietários na localidade, as rápidas e fabulosas fortunas que acumularam em épocas passadas.

Em 1 de janeiro de 1833, reconhecendo notável progresso na região, o governo resolveu conceder-lhe a autonomia, desde anos antes solicitada por seus habitantes mais influentes e verificada em 7 de julho do mesmo ano.

Mas, devido às injunções políticas, perdeu a autonomia em 13 de abril de 1835. Entretanto, depois das reclamações dos habitantes da localidade, foi restaurada a vila com a denominação de "Iguaçu", a 10 de dezembro de 1836.

Depois de uma época de notável prosperidade, a sede da vila situada à margem do rio Iguaçu sofreu um período de decadência que se verificou a partir da segunda metade do século XIX.

Tão cedo se iniciou o tráfego da E. F. D. Pedro II, atual E. F. C. B., verificou-se o abandono da via fluvial.

A proporção que as antigas lavouras e núcleos de povoação eram entregues à sua sorte, regredindo dia a dia, cresciam à margem da via férrea pequenas localidades, entre elas uma denominada Maxambomba, que, com o correr dos tempos, progrediu em influência e importância.

Posteriormente, em 9 de novembro de 1916, foi mudado o topônimo da cidade, que passou a ser denominada de "Nova Iguaçu".



## "O IGUAÇUANO"

(PEÇA BIOGRAFICA)

Em dois atos

### AO MICROFONE, NO INÍCIO:

*Todos irão conhecer Francisco Rangel Pestana, que se tornou ídolo nacional, nascido neste Município, no dia 26 de novembro de 1839, 4 anos depois de a sede haver passado à categoria de Vila. Faleceu em São Paulo a 17 de março de 1903, após desenvolver vibrante campanha abolicionista, como advogado e jornalista, filiado ao Partido Republicano de que foi líder e a que pertenceram homens ilustres, grandes brasileiros como José do Patrocínio, Miguel Lemos, Eurico Coelho, Benjamin Constant, Lopes Trovão, Silva Jardim, Paula Nei, Francisco Portela, Nilo Peçanha e muitos outros. Chegou Rangel Pestana a ser senador no ano de 1891 e presidente do Estado do Rio no ano de 1900.*

*Também serão apresentados alguns de seus parentes mais chegados, em cenas ocorridas aqui e em São Paulo, para onde se dirigiu e acabou por fundar vários jornais, inclusive a "Província de São Paulo", hoje "Estado de São Paulo", um dos mais famosos e completos órgãos da capital bandeirante.*

*Quando Iguaçu passou à categoria de Vila, exatamente na rua do Comércio, a principal, calçada com pedra de cantaria, é que*



tudo começou. Já havia, em tal época, a "Sociedade Dramática Iguaçuense", presidida por Bernardino Melo, tendo por vice o Ten. Coronel Pinto Duarte.

A época em que corre a cena é mais ou menos a mesma, respeitados os costumes e tradições. A população era bem grande, visto como só em escravos havia 6.035. E os eleitores, em número de 11.

### PRIMEIRO ATO

*Primeira cena. Representa o cenário a antiga cidade de Iguaçu, com casas altas e sobradadas, alguns armazens alpendrados, à frente dos quais se vê uma barraca de flores naturais, à margem da dita rua. No interior da mesma, um português (O Florista) aparece limpando o balcão e falando à aproximação de duas freguesas: D. Luiza, a mãe de Rangel, e a mulata Maricota, que ela cria.*

#### Personagens:

- 1 — Rangel Pestana
- 2 — D. Luiza ..... (Mãe de Rangel Pestana)
- 3 — Maricota ..... (A criada de D. Luiza)
- 4 — "Seu" Manoel ..... (O Florista)
- 5 — Cel. Joaquim Quirino ..... (Sôgro de Rangel Pestana)
- 6 — A espôsa do Coronel Joaquim Quirino.
- 7 — Dominiana ..... (A espôsa de Rangel Pestana)
- 8 — O doceiro.

"De compleição forte, embora magro e surdo como um D. Quixote, um cavanhaque e bigode à Napoleão III, voz pausada, óculos de Ouro. E nos dias invernosos, não dispensava o seu xale manta" — eis como se apresentava Rangel Pestana.

(Extraído de sua biografia, publicada no "Jornal do Comércio", de 7 de janeiro de 1940).

Abre o pano:

O FLORISTA — (Tem que ser imitado o falar luso). — Olha o Florista de Iguaçu! Pode haver igual, melhor não há!

D. LUIZA — (Entrando em cena juntamente com a filha de ex-escravo, a Maricota, uma mulata bonita e elegante. Caminham em direção à barraca).

O FLORISTA — (Falar luso até o fim da peça) — Quer uma bonita rosa? Hoje eu a tenho.

D. LUIZA — Quero rosas e cravos. Desejo igualmente mudas para o meu jardim.

O FLORISTA — Quantas queira, D. Luiza. A escolher. Estão custando agora uma pataca, meia dúzia.

D. LUIZA — Que rosas caras, "seu" Manoel. Estão-me parecendo até rosas de "crepon" que vêm de longe, por preço muito alto!

O FLORISTA — Mas que lindas! Pode olhá-las à vontade, não paga nada.

D. LUIZA — (Examinando algumas delas, em vasos) — Realmente, são lindas; não, Maricota?

MARICOTA — "Seu" Manoel tem muito gosto... (E se revira toda).

D. LUIZA — E qual a procedência? Aonde vai buscar flores tão perfumadas?

O FLORISTA — Na terra dos laranjais!

D. LUIZA — E onde fica tal lugar?

O FLORISTA — Pois a senhora ainda não foi até lá? Nesse lugar onde as laranjeiras crescem, subindo até às encostas!

D. LUIZA — Ainda não tive tal prazer.

O FLORISTA — Converse com seu marido, "seu" João Jacinto, que a levará até lá. A senhora vai ver um lugar progressista, pra onde estão indo muitos de nossos agricultores. O solo, lá, também é fertilíssimo. Além disso, já comentam o progresso das linhas férreas que se estendem até São Paulo e Minas.



D. LUIZA — Não me diga, "seu" Manoel...

O FLORISTA — Digo-lhe, sim, D. Luiza! A senhora vai ver que um dia inda me mudarei para lá, onde as casas são novinhas em folha. É uma cidade que cresce!

MARICOTA — Não acredito que vá nós deixar assim, por outra...

O FLORISTA — São negócios, minha filha. (Dirigindo-se a Maricota) — Estas viagens que faço, têm-me castigado os rins, dizem-me os doutores daqui.

D. LUIZA — As suas áreas, aqui na Vila, não lhe têm servido?

O FLORISTA — Daqui obtenho as que posso. Sou solteiro e sozinho. (Maricota morde o dedo). Outras mais, que reclamam, mando-as vir de Maxambomba, ou vou lá buscá-las na diligência. Há uma que sai daqui às seis da manhã. E o percurso até o K. 11 é um pedaço longo... são 11 quilômetros!

D. LUIZA — (Não se cansando de examinar as flores) — Sempre desconfiei que tais flores viessem de Maxambomba!

O FLORISTA — Então a senhora já desconfiava...

D. LUIZA — Soube que até as noivas lá, usam flores naturais, nos seus véus e buquês. Deve ser lindo existir uma fartura assim!

O FLORISTA — Então, a senhora agora já pode ver como são baratíssimas as minhas rosas. Só de transporte pago dois e quinhentos para ir e dois e quinhentos para vir. (Imitando o falar luso) E inda sou obrigado a pernoitar no Hotel do Capitão Oliveira.

D. LUIZA — Em Maxambomba também existe Hotel?

O FLORISTA — Se a vila não abrir o olho, Maxambomba se adiantara, a ponto de todos irem para lá. Todos aqui comentam que transporte é coisa capital para a riqueza de um lugar. O nosso canal, bem como as embarcações da Vila, já não dão conta... Além disso, até a Maricota vai gostar de dormir fora em casa de luxo. (Entrega a D. Luiza, para que leia este anúncio. Tira-o da carteira).

D. LUIZA — Será verdade, mesmo? E prossegue lendo: "Este hotel, novamente estabelecido, acha-se montado com todo o azeite, tendo à testa o seu proprietário que, dispondo de longa prática, considera-se competentemente habilitado para bem servir a todos que o quiserem honrar, garantindo-lhes esmerado azeite, prontidão e preços moderados.

O prédio onde se acha estabelecido este Hotel é o melhor da localidade, possuindo boas salas e magníficas alcovas, perfeitamente mobiliadas. A cozinha, primeiro elemento de tais estabelecimentos, acha-se debaixo da direção de pessoa habilitada. O proprietário encarrega-se de aprontar toda e qualquer encomenda de doces, não só para jantar, mas ainda para bailes e casamentos, bom presunto de fiambre com toda a perfeição.

D. LUIZA — E. O senhor tem razão. Precisamos de progresso! E para frente que se anda!

MARICOTA — (Sempre com falar brejeiro, mas sem instrução. Imitar essa fala, até o fim) — O progresso é natural.

D. LUIZA — (A Maricota) — Então, Maricota! Queres conhecer Maxambomba?

MARICOTA — "Seu" Manoel vai?

D. LUIZA — Disfarce ao menos, menina! Seja recatada! (Fala-lhe ao ouvido: mas de maneira que todos ouçam).

O FLORISTA — D. Luiza, o ponto a que as coisas chegaram não permitirá mais disfarces, não é Maricota?

MARICOTA — Foi o que o senhor prometeu...

D. LUIZA — (Fingindo não entender os dois) — E as flores, quando mas mandará?

O FLORISTA — Quando quiser (ou quiseire).

D. LUIZA — Bem: Meia dúzia de rosas, meia de cravos, uma dúzia de crisântemos. Ainda para hoje, se puder, pois reunirei meus filhos queridos.

O FLORISTA — O Dr. Rangel Pestana, também?

D. LUIZA — Vem falar-nos sobre a futura esposa. Ao João Jacinto e aos seus irmãos Joaquim e Ludovico.



O FLORISTA — As suas ordens, senhora. (E olhando para a Maricota, oferecendo-lhe umas flores menores, em ramalhetes) — Aceita umas violetas? São aveludadas e macias como a tua pele! — (Maricota as recebe com um sorriso). — (Antes já vinha chegando um vendedor ambulante, que se instala com tabuleiro próximo ao florista).

O DOCEIRO — (Doces, balas, pé-de-moleque, doce-de-côco, manjares, etc.) — A senhora não quer comprar nada hoje? (Virando-se para D. Luiza) Trouxe as balas de versos, êstes feitos pelos poetas do lugar.

D. LUIZA — Não me vai dizer que meus filhos andam nisso!

O DOCEIRO — Ah! É bem capaz de tal acontecer!

D. LUIZA — (Afastando-se um pouco do Florista, enquanto Maricota enrosca os dedos da mão na mão do português. Há rápido idílio) — Deixe ver, então! (E logo após receber o envólucro, abre-o, principiando a ler:).

"Quem nasce pra ser feliz,  
Pouco precisa fazer:  
É só aguardar o Destino,  
Dos filhos que viu crescer!"

— Ótimo! Que estímulo para mim! Isso não está com enderêço certo? Vocês, iguaçuanos, têm muita imaginação!

O DOCEIRO — A senhora precisa é ler as últimas rimas que fizeram para mim, magníficas trovas sobre as ruas de Iguaçu.

D. LUIZA — Mas até isso, Doceiro, já produziram?

O DOCEIRO — Veja só; e me diga se já ouviu coisa igual, por aqui — (Passa a ler, o Doceiro).

No largo do Lava-pés,  
Meu bem me fez trovador.  
Pois gritando: "Olhe o Doceiro!"  
Que conquistei meu amor.

No caminho Chupa-Balas,  
Até o anel eu perdi,  
De tanto esfregar as mãos,  
Daquela por quem caí.

Fui à rua dos Trapiches,  
Tentar uma solução:  
As monjas me receberam,  
Mas, respondendo: — que não!

Corri pra perto do cais,  
Daqui da rua das Flores,  
Pra não lamentar o dinheiro,  
Gasto com tantos amôres.

E aquilo tudo eu fazia,  
Sentindo amor e saudade.  
O que ganhei dispersara-se,  
Pelos cantos da cidade!

O DOCEIRO — (Continuando alcança, logo, sucesso) — Conforme a senhora está vendo, perdi o que tinha, mas logrei experiência, amando sob as estrêlas, na poesia das noites iguaçuanas...

D. LUIZA — Será que somente experiência?

O DOCEIRO — A senhora acha pouco? Observe só o que me ensinou cada um daqueles a quem vim procurar, depois. E continua):

O FARMACEUTICO — Por exemplo, chamado Joaquim Coutinho da Silva Imbú. "O Doceiro, estas gostando do amor? Olhe que êle é uma espécie de pílula que adoça por fora, numa ilusão do paladar: Nem sempre cura as dores de cabeça futuras". (Continuando ainda o Doceiro) — Verdade, D. Luiza?

D. LUIZA — Ótimo! Que mais lhe ensinaram?

O DOCEIRO — Guardo igualmente a opinião do famoso político e advogado Dr. Antônio José de Castilho: "Cuidado, doceiro, que o amor em alguns passos se compara ao maior pleito



de uma vida. E a má escolha, pode ser o diabo! (Essa eu guardo, só pra ver se dá certo)!

D. LUIZA — Que interessante, Doceiro! Terá havido outras mais deste tipo?

O DOCEIRO — Sim, do outro advogado Miguel Lopes Trant: "Não vá assim, Doceiro, que o amor é uma figura de retórica por meio da qual dizemos umas vezes o que não sentimos; e sentimos outras vezes o que não dizemos".

D. LUIZA — Como tem imaginação essa gente!

O DOCEIRO — Gostou? Pois até os dois médicos: Dr. Manoel Alves de Moura e Francisco Leopoldino Bueno me surpreenderam com as suas colaborações. Quer ver? Responderam quase ao mesmo tempo: "Doceiro, que se acatele, pois o amor em que anda envolvido é uma espécie de enfermidade que requer, para cada caso, tratamento especial". Parece que é de deixar qualquer um maluco! Pois não?

D. LUIZA — Que gente versada! São sábios conselhos, é o que sei, tanto mais que os seus gastos excessivos são muito sintomáticos. Você, afinal, chegou a procurar muitos conselheiros...

O DOCEIRO — Ah! D. Luiza: falar aqui na Vila é o melhor dos hábitos, principalmente da gente velha...

D. LUIZA — Mas pode-lhe prejudicar...

O DOCEIRO — Não tanto, porque logo surgem opiniões confortadoras, como a do vigário Antônio Teixeira, que me afirmou, com veras dalma, "que o amor é um nada envolto numa ilusão".

D. LUIZA — É, realmente. E tem ele razão. Porque o que resta de grande, de realmente grande no amor, uma chama que o tempo não apaga, é a lembrança de cada filho que a gente tem...

O DOCEIRO — Então, para confirmar, a senhora, que gosta tanto desse tema, precisa ouvir a opinião do sapateiro da Vila, José Isaías de Moura: "O amor é uma bota que só quem calça é que sabe onde lhe aperta" (Ótimo, diz D. Luiza). Do Açougueiro, Francisco Demetriano: "O amor é uma variedade de dente, que só pode ser extraído com dor". Do Funileiro, Sr. José Pereira de Sá:

"O amor é uma espécie de gargalo onde os dois quando se amam, passam apertadinhos sem reclamação". Até o Sr. Bernardino Melo, presidente daqui da nossa Companhia Teatral, se arriscou a me prevenir, dizendo que "o amor que me abrasa, neste momento, e que me faz gastar tudo, é obra muito difícil de interpretar porque tão depressa é lirismo, como passa a comédia e até drama, algumas vezes!"

D. LUIZA — Doceiro, que estás virando poeta, após tantos versos e conceitos reunidos, que me dizes disso tudo?

O DOCEIRO — Que continuarei incorrigível, vendendo rimas, amando sob as estrelas, na poesia das noites locais e à margem deste Rio que ainda contará muita História... E a senhora, que opinião dará, depois de tanto ouvir?

D. LUIZA — Que acho tudo magnífico. Como tenho vivido muito por aqui, me enamorei por demais da quadrinha referente a meus filhos:

"Quem nasce pra ser feliz

Pouco precisa fazer:

E só aguardar o destino,

Dos filhos que viu nascer". — Tem tons proféticos!

Esperança!

D. LUIZA — (Continuando, após ler a quadrinha, novamente). Não a julga um motivo de esperança para mim e os meus?

O DOCEIRO — Assim reza a sorte. E a môça, lá, não vai querer, pra ver o que a espera? (Fala, interrompendo o idílio).

O FLORISTA — Esta também já sabe o que lhe acontecerá. Estou acabando de lhe dizer. A sorte dela quem fará sou eu. (Maricota baixa a cabeça e sorri).

O DOCEIRO — "Seu" Manoel, não me tire a freguesia!... Elas sempre me distinguiram! E olhe: minha sorte tem feito acontecer muita coisa à beira deste Rio, por onde corre muita surpresa...

MARICOTA — Não desejo ver a sorte. Prefiro, antes, um cafézinho! Tem?



D. LUIZA — Qual café, qual nada! Você está ficando é muito confiada. Nem parece saber o quanto ainda temos de comprar na Vila! Toucinho, couve, carne-sêca, açúcar, chegados ontem pelo Cais...

O DOCEIRO — Mas o café está fresquinho e gostoso!

D. LUIZA — Ela vai deixar para quando chegarmos em casa. Vamos, vamos Maricota, (diz, — puxando a empregada pelo braço). Tomará o café na próxima vez!

MARICOTA — Sempre que desejo uma coisa, a senhora faz assim!

D. LUIZA — Você, Maricota, faz-me perder muito tempo em compras, neste local. (E puxa a empregada pelo braço, tirando-a de cena, aos poucos).

O FLORISTA — (Abandonando o balcão) — Se me permite, vou oferecer à Maricota mais esta (Oferece mais uma flor). (Maricota passa a mão na flor, sempre puxada por D. Luiza).

D. LUIZA — (Já quase fora de cena) — Deixe de conversa fiada, menina!!!

MARICOTA — Obrigada, "meu" Manoel! (Já fora de cena).

O FLORISTA — De nada, meu amoire!

O DOCEIRO — Bem, já que se foram as freguesas, vou também!

O FLORISTA — E eu, idem. Já é quase noite.

O DOCEIRO — Quem tem pele escura, como eu, não pode ficar até tarde na rua. Vou vender próximo à Câmara Municipal. Pelo menos já conto com a proteção do presidente, Cel. Francisco José Soares e do promotor, Dr. Frutuoso Rangel, também meus freguêses. Lá respeitam o ponto, êsses policiais do Delegado Pinto Duarte...

O FLORISTA — Se possuis pele escura, sou português. Tenho até medo de falar com essa gente, quando vou-me queixar dos fiados... Além disso, amanhã, cedinho, parte a diligência para Maxambomba.

O VENDEDOR — É bom então, ó portuga, te recolheres!

O FLORISTA — (Entre indignado e surpreso) — Portuga é tua avó! Respeita ao menos os meus bigodes, "seu" creoulo duma figa!

O VENDEDOR — (Debochando) — Mas bigode é coisa que se respeite?

O FLORISTA — (Passando a mão num ramalhete de cravos) — Eu te dou ainda uma cravalhada, vais veire!

O VENDEDOR — (Continuando a zombar) — Aquela de quem gostas, já foi. Sei que amanhã, cedinho, ela estará contigo novamente, antes da partida para Maxambomba, enquanto a patroa dorme! Ainda tens coragem de falar da côr- mulateiro de Portugal! (E sai de cena).

O FLORISTA — (Voltando ao seu lugar no balcão) — De fato, não faço êsses ataques de coração! (Falando à platéia) Mas nós, lusos, não gostamos dessas verdades. Embora, depois venhamos a pedir desculpas. (E sai da cena, gritando). — Ó doceiro, vem cá! De fato, me enganei. — Ó doceiro, onde já estás? — Escuta, a Maricota não pode saber disso que te falei! Ouviste? Ó doceiro! Vem cá!

Termina o 1.º quadro do 1.º ato.

### 1.º ATO — 2º QUADRO

*Sala com móveis em estilo do século XIX. (Móveis da Arcádia. Mesa, cadeiras, consolo com jarro cheio de flôres (os mesmos do florista do 1.º Quadro)).*

*A namorada do Rangel: Dominiana, môça de 18 anos, mais ou menos. Seu pai, em pé. Sua mãe, futura sogra de Rangel, sentada numa cadeira. Ouvem com atenção e interesse o que se diz:*

O PAI — (Cel. Joaquim Quirino dos Santos à Dominiana) — Escuta, minha filha. Sinceramente, não desejo prejudicar-te. (Procurando segurar-lhe o braço).

DOMINIANA — (Puxando o braço, negativamente) — Não deseja, mas está. E muito!



CEL. JOAQUIM — Almejo apenas a tua felicidade, minha filha!

DOMINIANA — Não compreendo o senhor, que está agindo por meios absurdos. Onde já se viu insinuar para que termine tudo com o Rangel?

CEL. JOAQUIM — Então, me esclareça pontos: Esse rapaz já te namora há cinco anos! Ademais, ele é franzino. Veio doente para estudar aqui em São Paulo, cujo clima lhe fôra recomendado pelo médico. Queres contaminar-te? O processo é pulmonar.

DOMINIANA — Se esperei cinco, esperarei mais dez. Suas dúvidas são sem motivo. Ele já se encontra restabelecido.

CEL. JOAQUIM — Mas será a única criatura que te serve? Mesmo não podendo largar aquele xale, de tão enfraquecido?

DOMINIANA — O único que me serve e a quem desejo o maior bem deste mundo.

CEL. JOAQUIM — Devias olhar melhor tua situação. Afinal, és filha de fazendeiro. Quantos rapazes instruídos como ele desejariam ser genros do Cel. Joaquim Quirino dos Santos? E moça rica já nasce casada, diz o velho ditado. Não te faltarão candidatos...

DOMINIANA — Pois o senhor pode estar certo de que, apesar de tudo, somente Rangel me interessa!

CEL. JOAQUIM — Não estás querendo revelar-te apenas voluntariosa? Creio que, a partir de hoje, me arrependerei de todas as vontades que te fiz!

DOMINIANA — Garanto ao senhor, papai, que não estou querendo ser assim. O que existe é incompreensão de sua parte. Rangel é apenas idealista.

CEL. JOAQUIM — E só de ideal se pode viver? Compreende, querida, que só temos a ti. E tens sido tão nossa...

DOMINIANA — Isso o senhor diz hoje, porque está rico. E, quando moço, já não lhe feriram tanto, desejando-lhe impedir o casamento com mamãe? Os pais sempre acham que o rapaz nunca lhes merece a filha...

O CEL. JOAQUIM — Continuo a dizer que receio tudo seja obstinação de tua parte. Ou simples teimosia. (Meio zangado).

DOMINIANA — Ora, papai, não sou tão tola assim. Meus contatos permanentes com o Rangel convenceram-me de que ele está muito acima do comum dos rapazes. Foi com ele, esteja certo disso, que aprendi a olhar para os grandes ideais. Vejo-o agora a concluir o curso de Direito Público, prestigiado sempre pelos seus colegas Prudente de Moraes, Campos Sales e Quintino Bocaiuva.

CEL. JOAQUIM — Mas tempo houve em que não gostavas dele!

DOMINIANA — É impossível. Deve haver engano. Mamãe, sabê o quanto sempre o quis. Desde que nosso irmão, Francisco Quirino, a ele me apresentou na Faculdade, como colega, nunca mais deixei de pensar nele um só dia. E naquele tempo era redator de "O Lírio", apenas poeta e sonhador...

CEL. JOAQUIM — Então, porque aquelas críticas em que dizias ser ele negreiro, só se preocupando com os creoulos e com a República de pretos?

DOMINIANA — Papai, o senhor já devia saber como age o coração feminino, quando se sente preterido... Demais disso, vivia eu sob o regime de idéias monarquistas. Hoje, sou republicana. Avalie o senhor quanto mudei, inclusive pelo coração!

CEL. JOAQUIM — Realmente, isso é prova de amor.

A MAE — (Sentada) — E ainda há os casos que já te expliquei. O moço é batalhador e intransigente nas idéias. Até as "Escolas do Povo" almeja criar. Apesar de querer chegar à Promotoria Pública, possui vocação irresistível para a imprensa. E a filha, há muito que o vem acompanhando nesse esforço.

CEL. JOAQUIM — Mas ainda não me convenceram do quanto ele será capaz!

DOMINIANA — Então procure o senhor mesmo saber. Começo a sentir-me cansada!

CEL. JOAQUIM — A verdade é essa: o rapaz é revolucionário. Quando aqui veio trazido pelo Francisco, devia permanecer



apenas em assuntos de Direito. Não devia cuidar da biologia do coração, em que parece mais entendido...

A MAE — Mas que mal há em que haja saído um pouco das lições? A filha, também inteligente, deve ter visto nêle alguma coisa...

CEL. JOAQUIM — Qual o quê. A filha enamorou-se à toa. É muito jovem e você sabe como nasce o amor nesta idade...

DOMINIANA — A toa, não, papai. Nós, mulheres, sabemos encontrar virtudes nas pessoas sãs — Rangel, além de inteligente e esforçado, é um grande coração. Direi mais: É um brasileiro de que, um dia, o senhor irá se orgulhar. Desde que ficou órfão de pai, aos 18 anos, não tem feito outra coisa senão sonhar e lutar continuamente.

A MAE — (Levantando-se) — Ausenta-te um pouco, minha filha. Deixa-me com teu pai. (E vai saindo da cena, para o quarto).

CEL. JOAQUIM — Não poderia eu avaliar estivessem as coisas tão adiantadas. Pobre do pai e do marido, sempre os últimos a saberem das coisas!

A MAE — Joaquim, nem sempre podemos saber por que o amor às vezes nos domina. Façamos justiça ao rapaz e à nossa filha que o ama. Ele provém de uma terra, a Vila de Iguaçu, de homens cultos e valorosos, sendo ele mesmo um desses; vais ver, não demora muito. Deixa que ela mesma escolha seu marido, como eu soube te escolher.

CEL. JOAQUIM — Só quero saber se ficarás satisfeita, vendo nossa filha casar-se com um môço digno — vá lá que seja — mas republicano e revolucionário, sempre contra nosso govêrno! Não demora muito, estará ou na cadeia ou na pobreza.

A MAE — Não digas isso, que poderás ainda te arrepender. Estás recuado, querido. Tenho lido os jornais e sei a época que estamos a atravessar...

CEL. JOAQUIM — Vejo então que também já estás caída pelo genro...

A MAE — O que sei de Rangel não o rebaixa absolutamente! Antes, eleva nossos sentimentos de sêres civilizados!

CEL JOAQUIM — Estou vendo que irei ficar sózinho...

DOMINIANA — Não posso mais ficar lá do quarto, escutando a conversa. Papai, julga o senhor que ignoro o conteúdo das idéias dêle? Engana-se. Tudo se fará paulatinamente no Brasil inteiro. Tais idéias, aliás, correm mundo. A Humanidade liberta-se à proporção que se cristianiza. E Rangel é mais cristão do que o senhor possa imaginar. Não um revolucionário como está a julgar. Saiba o senhor, a idéia de República provém desde a Inconfidência Mineira!

CEL. JOAQUIM — Sei, filha. Contudo não creio que queiras deixar-nos por êste môço. A liberdade pela qual êle luta, poderá ser tua prisão... E receio.

A MAE — Afinal, querido, quem tem o direito de escolher o marido? Já imaginaste se meus pais, outrora, tivessem pensado assim a teu respeito, quando durante muitos meses ias me ver somente com um terno, aquêle azul?

DOMINIANA — Isto mesmo, mamãe. Não se pode exigir muito desta vida, cheia de surpresas. O amor deve permanecer realmente acima de tudo.

CEL. JOAQUIM — Tens razão, filha. Queria apenas dar-te uns conselhos, juntamente com a experiência de meus longos anos... Mas já vi que és bem igual à tua mãe...

DOMINIANA — Agradeço. Contudo, o senhor pode estar certo de que Rangel me inspira a mais absoluta confiança.

A MAE — Além disso, é trabalhador. Môço ainda, é jornalista de fama. Suas relações com as melhores pessoas de Iguaçu o credenciam. Inda ontem mesmo soube que jovem, embora, já fundara com João Antônio de Barros Júnior, — "O Libertador" — o 1.º Jornal de sua terra, pela qual já procurava trabalhar.

A FILHA — (A mãe) — Para um homem que começa, somente isso da idéia de valor. Para êle, porém, existem outros ideais... Deseja tornar-se grande advogado!



CEL. JOAQUIM — Por acaso, filha, o teu amor não está te transformando, fazendo-te olhar por outras lentes?

DOMINIANA — O Senhor verá!

CEL. JOAQUIM — Então, veremos!

A MAE — Também julgo que a filha tem razão.

CEL. JOAQUIM — Meu Deus! Será que também já te entusiasma?

A MAE — Já sim. E pela liberdade pela qual ele luta. Ontem, também li um trechinho d'ele que dizia: "Feliz será o dia em que possamos dizer que descendemos de um país onde impera a liberdade". Observe se não é a palavra de quem fala para o Brasil.

DOMINIANA — Mãe é um amor! (Abraça-a). E o senhor, que atitude irá tomar, ficando assim em minoria, papai? (Virando-se para o Cel. Joaquim).

O CEL. JOAQUIM — De observação, visto como está em jogo a tua felicidade.

MARICOTA — (Voz da empregada saindo dos bastidores) — Sinhá, só Rangel tá chegando!

DOMINIANA — (Nervosa) — Meu Deus, já chegou?

CEL. JOAQUIM — Isso é uma traição. Nem me arrumei ainda!

A MAE — Não é preciso. Sê apenas honesto no que sentires para não impressionares mal o rapaz. Olha que a sorte da filha está em jogo!

CEL. JOAQUIM — Não te preocupes. Saberei lavar as mãos, entendido que já estou de política: "Feliz será o dia em que possamos dizer que descendemos de um país onde impera a liberdade". Não é assim?

A MAE — Pelo que vejo, aprendes rápido!

CEL. JOAQUIM (Abraçando a esposa) — Acha, querida, que algum dia poderia contrariar nossa amada Dominiana? Inda mais num passo desse, de seu destino?

A MAE — Teu temperamento às vezes me surpreende!

CEL. JOAQUIM — (Preocupado) — Escuta: Mas será que ele já vem marcar a data?

A MAE — (Sacode a cabeça afirmativamente). E tenha sempre em mente a certeza de que a filha o ama.

DOMINIANA — (Entra, trazendo Rangel pela mão) — Papai, aqui está ele (Trajo da época, com óculos de aros finos, de ouro, o xale).

CEL. JOAQUIM — Muita satisfação. Joaquim Quirino dos Santos.

RANGEL — Francisco Rangel Pestana, igualmente, satisfação.

A MAE — (A seguir, com desembaraço, a Rangel) — Como vai, meu filho?

RANGEL — Bem, felizmente, desde a última vez que nos vimos.

RANGEL — (Virando-se agora para o sogro) — Não me atreveria a ficar tão à vontade em sua casa, se não fôsse trazido pela mão de sua filha.

CEL. JOAQUIM — A casa é sua. Esteja a gosto. Pode sentar-se.

DOMINIANA — (Sentando-se ao lado de Rangel) — Papai já sabe o quanto nos amamos.

RANGEL — (Limpando o suor) — Espero que sim...

DOMINIANA — Estou-te achando um pouco embaraçado...

CEL. JOAQUIM — Agrada-me saber que ele é recatado. Não aprecio desenvoltura em questões de amor.

DOMINIANA — (Demonstrando um pouco de nervosismo) — Mas o senhor sabe a que ele vem aqui, não?

CEL. JOAQUIM — Está mais desembaraçada do que julgava. Tu e tua mãe se parecem muito. Até me fazem recordar uma cena de vinte e tantos anos atrás!

DOMINIANA — Papai, quem puxa aos seus não degenera...

RANGEL — (Virando-se para Dominiana) — Preferiria ficar só com o teu pai, querida...

DOMINIANA — Acho que não te deixarei. Quero ouvir-te até o fim...

RANGEL — (Meio nervoso) — Não faças isso, querida. É melhor: vá!...



DOMINIANA — Será que aqui não te inspirarei mais?

CEL. JOAQUIM — Perdoa-me, Dr. Rangel. Mas acho que eduquei minha filha com excessivo desembaraço.

RANGEL — (Nada diz, limpando os óculos e o suor do rosto).

A MAE — Estavas certo. As mulheres precisam de independência para colaborar com os maridos e não ficarem eternamente agarradas às saias maternas.

RANGEL — Engraçado, nunca me senti tão enroupado!

A MAE — Ora, meu filho. Isso é natural (Virando para Dominiana) — Vamos, filha. Deixemo-los a sós...

DOMINIANA — (Deixando-se levar) — Rangel, não te deixes intimidar. Para o papai está em jogo a minha felicidade. (Saem as duas a conversar, enquanto Rangel continua a usar o lenço, limpando o rosto).

CEL. JOAQUIM — Então, quer mesmo o casamento, não é?

RANGEL — Se o senhor permitir...

CEL. JOAQUIM — Ora, como não. Aqui nesta casa quem manda é nossa filha. E ela já me falou de seus propósitos.

RANGEL — Realmente, nunca deixamos de nos amar. Por que não decidir neste 16 de julho de 1850, de seu aniversário? Viverei dos proventos do ensino, da imprensa e da advocacia.

CEL. JOAQUIM — Todos já sabemos disso. Há pouco, conversando com Lopes Trovão e Quintino Bocaiuva ouvi que o senhor progride rapidamente. Acreditam até venha a fundar o maior jornal de São Paulo.

RANGEL — Tenho agido nesse sentido. Penso em organizar "A Província", com grande tiragem.

CEL. JOAQUIM — E os obstáculos?

RANGEL — Farei todo o possível para que não surjam...

CEL. JOAQUIM — E se nada conseguir por questões pessoais, e até mesmo de saúde?

RANGEL — Não sei onde deseja chegar (No mesmo tom).

CEL. JOAQUIM — Não é intenção minha, magoá-lo. Compreenda...

RANGEL — Então pode continuar a explicar-se.

CEL. JOAQUIM — E se eu concordar com o casamento? Continuará revolucionário?

RANGEL — Creio que nada mudará meu curso das idéias, tanto com respeito à Dominiana, quanto com respeito aos ideais. "Na Monarquia, considerar-me-ei honrado com a minha origem de plebeu. Na República, quando vier, sentir-me-ei feliz se me achar obscuro no meio do povo, que jamais cortejarei levianamente para lhe merecer as graças" Por tais princípios, bater-me-ei até o fim... É o meu programa. Nada mais desejo que isso... Que o Brasil tenha o direito de se apresentar às nações do mundo como um país civilizado e respeitável."

CEL. JOAQUIM — Pelo que vejo o senhor é bastante ardoroso...

RANGEL — É meu feitio. E amo realmente a sua filha...

CEL. JOAQUIM — E a data, já escolheu?

RANGEL — Casar-me-ei tão cedo possa. A partir de hoje, começarei a tomar as providências. Sua filha lhe trará a data.

CEL. JOAQUIM — Espero que compreenda meus escrúpulos de pai!

RANGEL — Compreendo perfeitamente. Mas à Dominiana nada escondi até hoje. Nem quanto a mim, nem quanto aos ideais que alimento.

CEL. JOAQUIM — Sei que não estou lidando com nenhum inexperiente. Tenho ouvido falar muito de seus planos políticos.

RANGEL — É verdade, coronel. Acabo de chegar de Iguaçu, onde fui visitar o meu padrinho, o fundador daquele Município, a quem julguei de meu dever participar o pedido de noivado...

CEL. JOAQUIM — Fez muito bem.

RANGEL — Além de meu amigo, também muito me protege. Agora mesmo não só acaba de presentear-me com uns alqueires, próximos à Fazenda São Benardino, naquele Município, mas até apoio político se eu não lograr êxito aqui em São Paulo.

CEL. JOAQUIM — Aqui, o êxito será certo, pelo que já ouvi...

RANGEL — Pena é que ele seja Monarquista, quando o meu ideal é a República. Confesso ao senhor que nos encontramos unidos apenas pelo coração. Mas é um homem muito honesto



o bom... Censurou-me por lhe haver narrado a pior, dizendo: Assim não é possível fazer carreira, abandonando os votos de seus amigos

CEL. QUIRINO — Não é ele um monarquista?

RANGEL — Ainda, infelizmente, para o senhor ver. E não há ninguém que o demova disso.

CEL. QUIRINO — Nem o jornalista, advogado e afilhado Rangel Pestana?

RANGEL — Nem isso. Julga-se certo de seu ponto de vista.

CEL. QUIRINO — Por acaso, lá na Vila, onde vive, ainda não pôde sentir o progresso do século.

RANGEL PESTANA — O senhor está enganado. A Vila é adiantadíssima, pois recebe os jornais do Rio. E gosto, mesmo, dele! Ainda há dias se mostrou entusiasmadíssimo com os adiantamentos deste século: As vezes, entende-se pelo telefone; o invento da lâmpada elétrica, pondo fim ao gás e ao azeite; a invenção dos Raio X, que tornam o corpo humano transparente; a descoberta do Morse, as vacinas de Pasteur contra a raiva, o motor a explosão, a gramofone...

CEL. QUIRINO — Então, por que ainda monarquista, se as idéias novas chegam justamente com os inventos deste grande século dezenove?

RANGEL — As pessoas idosas, geralmente, são conservadoras, umas por medo, outras por comodismo.

CEL. QUIRINO — Não será indireta sua?

DOMINIANA E SUA MAE — (Voltam à cena com a empregada).

A MAE — Então, tudo resolvido? (Sorridente).

CEL. JOAQUIM — Minha filha, que sejas muito feliz com o teu noivo... (Abraçam-se e beija-a na testa).

A MAE — Daqui a tempos, teremos mais um filho para cuidar, não é, Quirino?

CEL. QUIRINO — E verdade.

DOMINIANA — (Suspirando) — Como é belo a gente realizar nossos sonhos!

(Fim do 2.º quadro do 1.º ato)

## 2.º ATO (1.º CENA)

*Cenário da 1.ª cena — A barraca do Florista meio vazia. O Florista chega trazendo no braço uma cesta de flores. Entra. Começa a arrumá-las.*

O DOCEIRO — (No lugar, já atendendo aos freguêses).

D. LUIZA — (Aparecendo em cena, com Maricota) — Não te disse, Maricota, que "seu" Manoel não mudaria de ponto?

(Virando-se para o Florista) — Trouxeste as mudas de Tingá, para meu Jardim?

O FLORISTA — Trouxe uns cravos, rosas e muitas outras coisas. — Se calhar, ainda as plantarei esta semana.

D. LUIZA — Então, vou aguardar.

O FLORISTA — (Para Maricota) — Não te garanti que eu permaneceria aqui?

MARICOTA — Então foi medo que me meteram.

D. LUIZA — Só mesmo "seu" Manoel te deixaria com o coração tão aflito...

O FLORISTA — (Rindo) — Medo de perder as flores!

D. LUIZA — Desconfio que é medo de perder outra coisa. Nunca vi, de certo tempo para cá, tanto cuidado com as rosas lá de casa. Meu marido já disse que não aguenta o cheiro forte de algumas espécies. Até no fogão há enfeites floridos. A couve, agora, só couve-flor... Que milagre é esse, "seu" Manoel?

O FLORISTA — Não sei, D. Luiza. Talvez seja da natureza dela...

D. LUIZA — Ou da sua...

O FLORISTA — Como a senhora vê, sou bem sensível...

D. LUIZA — Que achas, Maricota, desse feitiço dele?

MARICOTA — Assim como os "amôres-perfeitos" que ele vende. Para mim, serve! Já não penso em outra coisa!



D. LUIZA — Pelo que vejo, vocês estão bem adiantados. Caminhando para o compromisso, não é? (Pois, pois, murmura o Florista).

MARICOTA — Quem não sonha ser jarra um dia, D. Luiza?

D. LUIZA — Bem, com essa me vou. Que essa criada me toma todo o tempo...

O FLORISTA — Afinal, a senhora já se despediu uma vez, mas ainda não fez a encomenda hoje.

D. LUIZA — Sou capaz mesmo de me haver esquecido. Imagine que meu filho Rangel já está com o casamento marcado em São Paulo, e ainda tenho que expedir todos estes convites aqui na Vila. E veja, quantos! (Exibe-os).

O FLORISTA — Realmente são muitos, D. Luiza!

D. LUIZA — Nem sei se terei tempo para distribuí-los todos com essa Maricota que, quando chega até aqui, não quer mais sair. E olhe só, Maricota: (lendo os endereços dos convites) Câmara Municipal, Juiz de Direito, Juiz Municipal de Órfãos, Tabeliães, Contador e Distribuidor, Delegado de Polícia, Inspetor de Quarteirão, Juiz de Paz, Oficiais de Justiça, Coletor, Engenheiro de Distrito, Professores Públicos, Agente de Correio, Agente Consular de Portugal, Cobrador de Barreira, Vigário, Médicos e Advogados.

O FLORISTA — Puxa, D. Luiza, quantos! Vai ser um grande casamento!

MARICOTA — E o senhor, "seu" Manoel, não quer ir?

O FLORISTA — Infelizmente os negócios não me permitem. Mas podem estar certos de que um dia, pessoalmente, irei abraçar o Dr. Rangel Pestana e esposa.

D. LUIZA — Então, Maricota, achas que ainda podemos permanecer mais tempo por aqui?

MARICOTA — Olhe o que a senhora me prometeu, nessa despedida com o "seu" Manoel, antes de irmos para São Paulo.

D. LUIZA — Permanecerei mais algum tempo, conforme prometi. Mas ainda temos para hoje o açougue, a padaria, sapateiro, o armazem dos Melos, o ingresso para o teatro logo mais, na Sociedade Dramática Iguaçuense.

O FLORISTA — Bem, esse espetáculo não vai haver mais. É bom que lhe avise. Os Melos, não os velhos, mas os môços, que são uns marotos, foram até lá e tanto namoraram como carregaram as coristas que vieram da Capital. Cada qual fugiu com a melhor: É o que dizem. De modo que não haverá nada hoje.

D. LUIZA — Não me diga "seu" Manoel... (Cobrando os lábios, pela surpresa).

O FLORISTA — Digo-lhe sim, D. Luiza. É o boato que corre.

D. LUIZA — Esses Melos... (Baixinho, prolongando) — Bem, ficarei mais algum tempo, pela consideração que já tenho por vocês, que me prendem aqui. Até o Doceiro se tornou conhecido.

D. LUIZA — (Ainda para o Florista) — Hoje, vim comprar outras coisas.

O DOCEIRO — (Que arrumava o tabuleiro) — Quem sabe se não quer doce, patroa?

D. LUIZA — Não, hoje também vim reclamar as mudas de Tinguá...

O FLORISTA — Se calhar, plantarei ainda esta semana, como já disse...

O DOCEIRO — (Oferecendo) — Quer balas com versinhos? Manjar-de-côco? Cafêzinho fresco? Ao menos o café.

D. LUIZA — Talvez interesse à Maricota que, da outra vez, não lhe deixei tomar nada. Quer, Maricota, um café? Aproveite, enquanto há tempo.

MARICOTA — Não patroa, hoje eu quero ver a minha sorte. Já que a sua foi muito acertada...

O DOCEIRO — (Entrega a bala à Maricota, que a abre e leva à boca. Em seguida, abre o versinho, e lê, após pagá-la).

MARICOTA — (Lendo):

Não existe futuro negro  
Em quem procura sonhar,  
Fazendo café com leite,  
Junto à raça de além-mar!"



O FLORISTA — (Surpreendido, começa a segurar o queixo)

O DOCEIRO — Estão vendo? Nós aqui não falhamos. É nossa especialidade. Aqui, amigo, há versos... diversos...

MARICOTA — Quem escreve isso pro senhor, doceiro?

O DOCEIRO — É segredo profissional.

D. LUIZA — (Sempre interessada nas flôres da barraca) — Realmente, há muita argúcia nesses versos. Não fôsse a Vila lugar de poetas tão conhecidos... Cada habitante deve ter a sua bala, reservada, não é assim?

D. LUIZA — (Continuando) — Já disse mais de uma vez ate que este lugar é uma Vila Feliz, por viver sempre bem, eternamente feliz com seus poetas. E com os escritores também. Porque nunca vi homens tão apegados à sua terra, tão amorosos e bairristas como esses iguaçuanos. É uma paixão de todos os dias, de todos os instantes, constante e intensa, que, não cabendo mais nos livros, se espalham até pelas ruas, através de doces e balas. E olhe (virando-se ainda para o Doceiro) é dessas paixões que não admitem uma palavra de advertência e muito menos de restrição. É quase impossível, senão mesmo difícil, compreender o alto sentimento dessa gente que só tem olhos para ver e enxergar as belezas e as virtudes da cidade. Mas, vamos, Maricota! Já deves estar satisfeita com os fados.

O FLORISTA — E, mas, quando a senhora sair, vou querer saber, com esse doceiro, que história, é essa de café com leite...

D. LUIZA — Bem; isso é com vocês. Vamos, Maricota. Se não te apressas, perderemos a carruagem.

MARICOTA — Nunca perdi condução. Com aqueles bois sempre cansados, nós é que vamos ter de esperar.

D. LUIZA — (Despedindo-se e falando ao Florista) — Está ficando cheia de história por causa do "seu" Manoel. Vamos, vamos! Hoje à noite vocês não se encontrarão?

MARICOTA — (Despedindo-se rápido do Florista) — Bem, a sorte hoje me ajudou. Até logo, Manoel. (Os dedos também dão adeus) (E saem as duas da cena).

O FLORISTA — (Ao doceiro) — Agora que a patroa saiu, escuta aqui uma coisa! Quem foi que redigiu aquele troço? Sim, quem rabiscou aqueles versos que a Maricota leu?

O DOCEIRO — Ora, portuga, não seja tão curioso!

O FLORISTA — Será que estas querendo divertir-te comigo? Olha que, quando mexem com a pessoa de meus sonhos, fico, cheio de espinhos!

O DOCEIRO — Vais me dizer que não foi boa idéia...

O FLORISTA — Que idéia, "seu" maroto?

O DOCEIRO — De dizer a Maricota uma coisa que jamais poderias...

O FLORISTA — (Começando a sair ameaçadoramente da barraca) — Café com leite é "chicralhada" na cabeça, ouviu?

O DOCEIRO — (Vai saindo de fininho, deixando o tabuleiro).

O FLORISTA — Venha cá pra tu veire. — Não se deve fazer pouco na família dos outros (E saindo da barraca, usando gestos largos). — Esse doceiro vai ter de me contar quem inventou esta história. Não gosto de café! Gosto é de chocolate. E chocolate com leite é que dá boa mistura... São uns patifes! E enquanto não me "explicaire" tudo, não leva o tabuleiro!...

(Fecha a cortina)

## 2.º ATO — 2.º QUADRO

*Novamente móveis da Arcádia por trás do cenário sobre a antiga Vila.*

*Vozes em festa.*

*Fazem-se ouvir inúmeras vozes por trás da rotunda, na confusão dos festejos.*

(Pelo microfone, por trás do cenário).

— A saúde de Rangel e de Dominiana! Vivam os noivos!

— Viva! (Outra voz).

— Silêncio! Assim não posso ouvir os discursos — (Outra voz).



— Sirva-me este licor. Está uma delícia — (Outra voz).

— Silêncio! Assim não posso ouvir os discursos.

(Outra voz).

— Quem gostar de discursos que vá fazê-los em casa —

— Viva Rangel!

Enquanto tais vozes se misturam, entram em Cena D. Luiza e a empregada Maricota, já noiva do "seu" Manoel.

D. LUIZA, mãe de Rangel. — Maricota, tive de vir para descansar um pouco. Desde cedo que grande é o movimento de convidados deste casamento. Presentes em quantidade!

MARICOTA — Não disse à senhora? O Dr. Rangel é frumidave.

D. LUIZA — Nunca pensei em sair de Iguaçu para ver aqui em São Paulo uma festa assim.

MARICOTA — O rapaz pode ser revolucionário, patroa, mas se souber arrumar as coisa como arrumou D. Dominiana, sairá vitorioso em tudo. Eta paulistinha bonita! Deve vir muitos fio por aí. Mereceu. Pronto.

D. LUIZA — Graças a Deus que parece ter tido a compensação de todos os esforços. Vim aqui, como você sabe, não para descansar, mas também para esconder um pouco as lágrimas pelas manifestações a meu filho! Trabalhou tanto!

MARICOTA — Quem luta, D. Luiza, tem de vencer.

D. LUIZA — É verdade, Maricota, mas não foram poucas as vigílias desse rapaz sempre a pelejar por um ideal e que teve contra ele, inclusive, a saúde. Cedo, perdeu o pai, quando a vida começava a florir. As dificuldades e o contacto com a vida é que o levaram a aceitar as funções como que por dever. E dói-me lembrar como o Jacinto gostava dele! A ponto de, as menores coisas anotar no diário. Seu batizado foi um acontecimento em Iguaçu. Principalmente para o coração de meu marido, que fez questão de escolher para padrinho seu melhor amigo: O Comendador Francisco José Soares e a comadre Maria Joana de Sá. Lembro-me como se fôsse hoje o 26 de novembro de 1839. Dêsse filho só tive motivos de orgulho. Deves estranhar, Maricota, eu chorar de alegria...

MARICOTA — D. Luiza, por favor, não faz assim comigo! (Beija, comovida a cabeça da patroa).

D. LUIZA — (Com voz comovida) — Maricota, ainda eras muito nova, mas já devias ter ouvido falar no menino exemplar que ele fôra durante o curso primário. Continuando, depois, no colégio do Curiaceo Pestana, foi a mesma coisa, no Rio. Esse colégio era do primo de seu pai. Quando se matriculou no Pedro II, o mesmo, ainda. Tendo perdido o pai, quando no Colégio Mamede, matricula-se na Faculdade de Direito de São Paulo, aos 20 anos, escrevendo à noite para estudar de dia. Comove-me ver meu filho, depois de tanta luta, conservar a mesma dignidade e altivez de sempre, principalmente diante do altar de Deus, para consorciar-se...

MARICOTA — (Mal escondendo as lágrimas) — Venceu, não é patroa?

D. LUIZA — Ainda me lembra de sua doce voz, falando-me das conseiras e decepções aqui em São Paulo, quando chegou, até hoje, 25 de fevereiro de 1870. Já lá se vão 13 anos!

MARICOTA — É; o tempo passa rápido...

D. LUIZA — E quando ele se ajoelhava diante do altar, tudo isso me vinha à mente. Tinha ele medo que sozinho não vencesse, inclusive vivendo da imprensa e do magistério, num lugar onde estas duas coisas ainda se desenvolvem. Começou com o "Lírio", jornal tão puro quanto ele. Depois, veio o "Timbira". "A Época", "Correio Nacional", "Opinião Liberal". Tudo isso eu lia, porque embora distante, exigia que eu o acompanhasse, passo a passo. E sempre assim, sempre sonhador, sempre correto... Tinha razão a Dominiana quando se batia por ele, junto ao pai.

MARICOTA — Bem notei que ela não é nada bôba...

D. LUIZA — (Descança a cabeça sobre o espaldar da cadeira).

MARICOTA — D. Luiza, se os convidados virem a senhora assim, que podem pensar? (Surge movimento de pessoas). — E. Parece que vem gente, mesmo.

D. LUIZA — (Procura mudar de atitude, arrumando os cabelos e o vestido).



MAE DE DOMINIANA — (Sogra de Rangel) — Luiza, bem que estava sentindo sua falta, lá dentro...

D. LUIZA — Vim aqui para descansar um pouco. Precisava de uns minutos para isso. Essa viagem de Iguaçu me cansou muito. Não estou acostumada.

MARICOTA — (Interrompendo) — A patroa desde que perdeu "sô" João Jacinto que anda triste.

MAE DE DOMINIANA — Então há até motivos para se demorar um pouco mais aqui na Capital.

MARICOTA — Ah! patroa, assim vou-me prejudicar! Estou doida de saudades do meu Manoel. A patroa lhe falará.

MAE DE DOMINIANA — Tens então um Manoel?

MARICOTA — E está para breve, sinhá...

D. LUIZA — Ainda tenho mais este casamento para ir. E mais esta, para perder...

MAE DE DOMINIANA — Certamente serão felizes. Compensa.

D. LUIZA — São torrados um pelo outro (e sopra qualquer coisa ao ouvido da sogra do filho, como que a denunciar a mistura consanguínea) Português! (fala mais alto).

MARICOTA — (Finge encabular-se).

D. LUIZA — Por isso não poderei permanecer muito tempo aqui. Amanhã mesmo ela terá que adquirir muita coisa para o enxoval. Quer ele aproveitar a chegada de uns parentes do Minho para realizar o casório com Maricota. De maneira que, amanhã mesmo, cedo, viajarei. Em outra oportunidade, regressaremos todos, isto é, talvez com mais alguns...

MAE DE DOMINIANA — Então, D. Luiza, não vai reparar eu sair agora, a fim de atender a outros convidados. (Até já). (E vai saindo).

D. LUIZA — Não tem importância. Quando voltar, ainda haverá tempo para conversarmos um pouco. Até lá. (E virando-se para Maricota) — Maricota, vamos aproveitar o tempo para arrumar as malas?

MARICOTA — Que tal se aproveitássemos o tempo para rodarmos um pouco, na Capital?

D. LUIZA — Por acaso, não viste desculpar-me com a dona da casa revelando-lhe até meu cansaço, provocado pela viagem?

MARICOTA — Mas a senhora precisa sair, para distrair-se. Anda muito triste ultimamente. Lembra-se como se alegrava, passeando em Iguaçu? Que tal?

D. LUIZA — Como sair com a casa ainda cheia de convidados?

MARICOTA — Qual o quê! Já se foram quase todos, pois o casório começou cedo. Se a senhora quiser, converso com a "sinhá".

D. LUIZA — Não notas, menina, que isso é tarefa para mim?

MARICOTA — Mas, se a senhora está cansada e o comércio fecha às sete...

D. LUIZA — Só se fôr para adiantarmos algumas compras para o enxoval.

MARICOTA — Também serve, patroa.

D. LUIZA — Eta menina terrível quando quer as coisas!

MARICOTA — Quando se trata de "meu" Manoel, tenho de estar sempre disposta!

D. LUIZA — Só quero ver se continuarás a mesma, depois de casada.

MARICOTA — Devo melhorar, patroa... Eu e ele nos amamos tanto!

D. LUIZA — Olha que os portugueses apreciam as mulheres trabalhadeiras e econômicas...! E tu ultimamente só vives a sonhar, a sonhar... e a gastar...

MARICOTA — Mais econômica e trabalhadeira do que eu? Sou um produto nacional completo, D. Luiza. A senhora vai ver como irei segurar aqueles bigodes do seu "Manoel" para sempre!

D. LUIZA — Deixa de prosa, menina! Arruma as malas rápido, se queres realmente adquirir alguma coisa, ainda hoje!



MARICOTA — (Esfregando as mãos de contente) — Que lindo vai ser. Dizem que aqui em São Paulo as mercadorias são tão boas e bonitas quanto as do Rio!

D. LUIZA — Então aproveitemos o tempo, que amanhã cedo teremos de apanhar o expresso que pára em Maxambomba!

MARICOTA — Será que teremos de comprar o véu?

D. LUIZA — Como não? Por acaso, não sabe d que êle significa?

MARICOTA — Não entendo dessas coisas. O que sei é que "meu" Manoel detesta o tal de "Preconceito sociá". Não será o véu?

D. LUIZA — Isso é outra coisa que posso te explicar para não perder mais tempo. Deixa tudo por minha conta, que ainda temos de trocar as roupas antes de sairmos.

MARICOTA — Vamos sim, que "seu" Manoel amanhã estará nos esperando com a carruagem na praça, em frente à estação.

D. LUIZA — E ainda temos de nos despedir dos donos da casa, prevenindo-os de que regressaremos breve, após as compras. Iremos aproveitar a estada.

MARICOTA — Como é gostoso, patroa, a gente se lembrar. (E começa a cantarolar baixinho) Que vai voltar para Maxambomba!

D. LUIZA — Mas ainda vais cantar?

MARICOTA — É que estou alegre demais. Vamos, vamos logo (apressando) patroa.

D. LUIZA — Também tenha calma, menina! (Saem as duas) Vamos devagar!

MARICOTA — É mesmo, D. Luiza. O Manoel está esperando ansioso, não é? (E retiram-se as duas).

D. LUIZA — (Saínda de cena) — Também tenha calma, menina!

Fecha a cortina (Pano de boca)

## 2.º ATO — 3.ª CENA

*Abre o pano. O mesmo ambiente da Casa dos sogros de Rangel em São Paulo. Móveis da Arcádia (Mesmo ambiente da 2.ª cena).*

A MAE DE DOMINIANA — (Sogra de Rangel sentada numa cadeira, esfrega os pés) — Ai, que reumatismo horrível!

CEL. JOAQUIM QUIRINO — (Sentado ao lado esfregando os pés) — Por que ainda insistes em andar tanto?

A ESPOSA DO CEL. JOAQUIM — Quando sai estava boa...

O CEL. JOAQUIM — Também não fazes dieta...

A ESPOSA — Que dieta? Pensas por acaso que é fácil acompanhar o Rangel ao longo de suas campanhas? Eu, nessa idade a andar o dia todo, providenciar isto, verificar aquilo... E tu só de palanque, a ouvir discursos... A bater palmas!...

O CEL. JOAQUIM — Mas se fazes é porque gostas.

A ESPOSA — Realmente gosto. Que não se faz pelo genro que há anos batalha tenazmente?

CEL. JOAQUIM — E verdade, já estamos em 1879!

A ESPOSA — Vamos ver se esse Colégio Pestana, fundado a 7 de agosto último, vai produzir os frutos esperados. D. Edite Saboia, sua auxiliar, é mulher honesta e de fibra. Com a educação da mocidade, espera atingir os fins mais depressa... Os filhos dela foram os primeiros alunos de Rangel.

CEL. JOAQUIM — Realmente, é obra de idealista. Nada mudará o Rangel... Felizmente, está a encontrar em D. Edite, grande colaboradora. E além dela, ainda conta com a participação e apoio do Dr. Francisco de Abreu, Miguel Vieira Ferreira e Telés de Menezes.

A ESPOSA — (Sogra de Rangel) — "Feliz será o dia em que possamos dizer que descendemos de um país onde impera a liberdade". Lembra-te.

CEL. JOAQUIM — Como não? Naquele tempo ainda não compreendia o alto sentido destas palavras...



A ESPOSA — Ai, mas como meus pés doem!

CEL. JOAQUIM — Se queres, preparo-te os remédios.

A ESPOSA — Sinto-me toda doída... A idade é coisa triste... Parece que comigo não há remédio que dê jeito...

O SOGRO — (Cel. Joaquim) — Talvez o repouso te faça bem...

A ESPOSA — Mas olha só o relógio.

CEL. JOAQUIM — (Puxando o relógio) — Não brinques, são horas de recolher-nos. E levantando-se, procura ajudar a esposa: — Vamos, mulher. (E a esposa) — Espera aí, devagar, marido. Não sou de ferro!!

DOMINIANA — (Entrando inesperadamente) — Mamãe, sei que é tarde. (E descalçando as luvas e deixando as malas, como quem chega de viagem. A seguir, surge Rangel, também com malas) — Mamãe, sente-se outra vez. Papai, também. (A mãe cai pesada na cadeira).

CEL. QUIRINO — Afinal, que os traz tão afobados?

RANGEL — Cumprimenta a ambos os sogros.

DOMINIANA — (Intercedendo, atrapalhada com as luvas) — Tivemos de voltar quando já estávamos próximos a Santos.

SOGRO E SOGRA — (Quase juntos) — Que aconteceu, afinal? Não estariam viajando?

DOMINIANA — É que não desejo ver o Rangel perder esta oportunidade. Soubemos, em meio ao caminho, que existe grande oficina tipográfica à venda.

O SOGRO — (Cel. Joaquim Quirino) — E daí?

DOMINIANA — É a grande oportunidade para ele fundar a "Província" de São Paulo.. E os negócios não poderão ser adiados!

RANGEL — Precisamos realmente adquiri-la para prosseguirmos na campanha abolicionista e republicana.

CEL. JOAQUIM — Mas te falta alguma coisa?

RANGEL — Quase tudo. Meu Colégio, embora dando algum lucro, ainda não permite inversão de capitais em outros negócios...

CEL. JOAQUIM — Como desejas o negócio?

RANGEL — Fundaremos os dois a "Província". Preciso apenas de um aval.

A SOGRA — Assim me convencerei de que, como a Abolição, a implantação do movimento republicano vai ser total.

RANGEL — Resta apenas, convencer os adversários...

DOMINIANA — E o Jornal constituirá a melhor arma para isso, não é, Rangel?

RANGEL — Tal é meu objetivo.

CEL. JOAQUIM — Bem; se assim é, está feito o negócio.

DOMINIANA — Papai, o senhor é um anjo! (Abraça-o eternamente).

RANGEL — E sinto-me feliz com isso. Por sinal que, em virtude de tal oportunidade, teremos de permanecer mais alguns dias em sua casa...

A SOGRA — Não façam cerimônia. É como se fôsse a de vocês...

DOMINIANA — E os quartos estão sem visitas? Desocupados?

A SOGRA — (Mãe de Dominiana) — Dá-se um jeito. Dormirás ali. Meu marido está roncando um pouco menos, de modo que não acordará vocês.

DOMINIANA — Ótimo, mamãe. E os manos, onde estão?

A SOGRA — (E mãe de Dominiana) — Hoje ainda não apareceram por aqui. Virão talvez amanhã ou depois.

DOMINIANA — Então vamos, Rangel. Não estás cansado?

RANGEL — Certamente, querida. Estou doído para cair num banho... (E se retiram ambos, beijando pais e sogros). (Permanecem os dois velhos, Cel. Joaquim e esposa, na sala).

A SOGRA — (Tomando a palavra) — Parece que deu certo, não é, querido?

CEL. JOAQUIM — Tinha que dar, porque Rangel é muito bom e honrado.

A SOGRA — Mas... como lutaste para atrapalhar os dois...

CEL. JOAQUIM — Adivinhar é proibido. Tinha aquele medo. Felizmente, hoje é ele um homem restabelecido. Só não perdeu a mania do xale...



A SOGRA — Medo de esfriar-se...

CEL. JOAQUIM — Pura mania, que perderá ainda. Pois não tem medo de coisas muito mais sérias... Um movimento como esse, em que está envolvido, não é brincadeira. Por acaso viste o que Campos Sales escreveu sobre ele? Lê só o recorte!

A ESPOSA — (Com o recorte na mão) — "Não passarei em frente deste companheiro sem tributar-lhe reverente homenagem. Convivi com Rangel Pestana, acompanhei-o de perto em sua ação operosa e ininterrupta, testemunhei a sua nobre abnegação, inspirei-me muitas vezes como tantos outros nos conselhos de seu lúcido critério e considero um dever cívico chamar para a sua obra política tão estimada dos contemporâneos o reconhecimento dos pósteros, proclamando que ele foi dos homens que mais serviram à causa da República".

A ESPOSA — Sujeito tremendo! O físico não diz!

CEL. JOAQUIM — Pena é não escreverem como anda no Brasil a campanha escravagista, que também sempre interessou a Rangel. Lembra-te, logo após o noivado, como ele pediu à nossa filha que tentasse libertar todos os escravos de nossa Fazenda? Que, se não pudessemos fazer de uma vez, que os alforássemos aos poucos, substituindo-os por máquinas? Agora, leio que Castilho pelo Rio Grande do Sul lhe hipoteca solidariedade. João Pinheiro, por Minas Gerais. Martim Júnior, por Pernambuco. Todos a se manifestarem a um só tempo...

A ESPOSA — Não tem importância. Vais ver que, ao cabo de tudo, a prova material aparecerá. A Cesar será dado o que é de Cesar...

CEL. QUIRINO — Isso não me preocupa muito. O que me preocupa... (Quando estão assim falando, aparece a filha).

DOMINIANA — Será que sou eu quem o preocupa?

A MAE — Ora essa, Dominiana. Julguei que já estavas dormindo...

CEL. JOAQUIM — Eu também. Ela, hoje, está para surpresas!

DOMINIANA — Estive na tarefa de arrumar as roupas da mala, até o Rangel dormir. Tenho algo importante para lhe contar, mamãe.

A MAE — Não quer que teu pai ouça? — Deseja que ele saia?

DOMINIANA — Por uns instantes, só.

CEL. JOAQUIM — Então, aproveito para comprar uns chafutões ali, na esquina.

DOMINIANA — Está bem, papai.

CEL. JOAQUIM — Até já, para ambas.

MAE E FILHA — Até já.

MAE — E não vai ficar de muita conversa na rua, ouviu? (Cel. Joaquim finge não ouvir. Vai saindo).

DOMINIANA — Mamãe, prepare-se para a mais terrível das surpresas!

A MAE — Quê! (Com uns olhos esbugalhados) A respeito de quem?

DOMINIANA — Do Rangel. Soube hoje que ele possui uma amante. (A sogra, mãe de Dominiana desmaia na cadeira).

DOMINIANA — Mamãe, mamãe! Mas é a senhora quem desmaia?

A MAE — Segure-me (Reanimando-se) — Deixe ajeitar-me. Como é mesmo a história?

DOMINIANA — É o que lhe digo — O Rangel anda por maus caminhos.

A MAE — (Desmaia outra vez) —

DOMINIANA — (Reanimando-a) — Venho apenas desabafar-me, e a senhora é que passa mal? Veja para que deu o Rangel!

A MAE DE DOMINIANA — (Reanimando-se) — Conte-me filha! Que decepção!

DOMINIANA — Mas não perderá o fôlego outra vez, se eu contar tudo?

A MAE — Isso passa. Ai, ai, será que não existe ao menos um calmante numa casa tão grande? O Quirino! (Grita) E mesmo, está na rua. Mas está passando. Por amor de Deus, conte-me tudo. É incrível! Coitadinha de minha filha (E ameaça chorar).

DOMINIANA — Aliás, eu já desconfiava desta mulher há muito tempo. Quando regressávamos de Campinas, Rangel pôs-



me no carro de trás, para viajar com ela. Percebi os golpes nas curvas que o trem fazia, quando os dois, de idílio quase, apareciam distintamente. Meu coração quase parou.

A MAE — E, falaram-me, já, dessa viagem. E de sua solidão...

DOMINIANA — Pois é, mamãe. Agora, quando iamos para Santos, a mesma coisa. Nôvo encontro com ela. Ele sempre me passando para o carro de trás, por ser mais isso, ou mais aquilo... A senhora sabe do pavor que tenho de escândalo. Até que encontrei um recurso: Inventar junto ao Rangel essa história da compra de tipografia, com papai, até que tudo fique esclarecido sobre tal sapeca.

A MAE — Que é isso, querida?

DOMINIANA — Sapeca, sim, é o que ela é. (Tapa a boca receosa do Rangel ouvir).

A MAE — Afinal já és uma senhora. Não deve usar tal linguagem!

DOMINIANA — Quando querem roubar o meu marido, ponho a conduta de lado! Pronto! É o que ela é. Sapeca, sapeca, sapeca.

A MAE — A insistir assim, é preferível entrares logo no assunto.

DOMINIANA — Pois então escute. Quando desconfiei que ela — esta, gata enfeitada — estava a aproveitar as viagens, para os colóquios amorosos, com meu marido, que fiz? Chamei o condutor e mandei-lhe o recado que me encontrava enferma.

A MAE — E ele veio?

DOMINIANA — Por incrível que pareça, mandou-me dizer que tivesse eu um pouco mais de paciência, pois teria de resolver um assunto importante, na cidade adiante. Nesta altura nem eu sabia mais para onde iamos.

A MAE — E daí, conta logo, não me martirize. Não vê que estou nervosa?

DOMINIANA — Não tive dúvidas: Sem que ele o percebesse, saltei na primeira estação.

A MAE — Mas que filha formidável! É assim mesmo que se age! Quando seu pai também quis-me passar para trás, em outro

vagão, fiz a mesma coisa. Por estas é que ele diz que me puxaste... (Indignada).

A MAE — (Depois de pausa refletida) — E como chegaram até aqui juntos?

DOMINIANA — Naturalmente que depois lhe contaram. E ele teve de arranjar condução mais rápida, até me encontrar...

A MAE — E depois disso?

DOMINIANA — Depois! Com o ódio que estava dele, só para vingar-me dela, inventei que passava mal, juntamente com esta história de tipografia, que vai estourar amanhã, quando eu localizar esta gata ruça sem vergonha, que eu já sei que mora aqui por perto...

A MAE — Minha filha, controle-se! Olhe lá que vai fazer!

DOMINIANA — Que vou fazer? A senhora vai ver!

A MAE — Mas, e ele? O que quero saber é ele! Nunca pensei. Como agiu o Rangel?

DOMINIANA — E ele? Alegou que desconfiava de algo anormal: Talvez de desconfiança absurda de minha parte...

A MAE — E você?

DOMINIANA — E eu? Fingi que estava acreditando, até acertar tudo. A senhora sabe como devem agir as senhoras casadas que zelam pelos seus maridos.

A MAE — (Desconfiada) — Será então que seu pai, com essa história de política, anda arranjando gatas ruças por aí? Ai, meu Deus, eu morro! Não agüento! Já ando cheia de reumatismo!

A FILHA — Qual o quê, papai não é dessas coisas...

A MAE — De agora em diante, enquanto ele não me explicar certas saídas, não terei tranqüilidade.

— Também não sairá mais! Pronto! Foi o que arranjaram! Deixa que ele volte, que irá ouvir, também! São uns assanhados!

— Mas, afinal, qual o desfecho desta encrenca? (A mãe reerguendo-se com ânimo).

DOMINIANA — É claro que, durante a viagem de volta, andei a perdoá-lo em alguns pedaços. A senhora sabe: a gente sempre termina assim. Além disso, nunca havia sabido nada do Rangel. Para mim era um santo...



A MAE — É isso mesmo, filha!! Acolha seu marido em seus braços, sempre que puder! Mas sem dar muito a perceber!

DOMINIANA — E como Rangel já tem nome é que tenho tido mais cuidado. A princípio, não precisava agir assim. Mas é que muitas delas pensarão apenas em explorá-lo. Também se realmente alguma delas tiver coragem de o seduzir...

A MAE — Cuidado, Dominiana, com esse gênio! Olhe a linha, a conduta:...

DOMINIANA — Qual o quê, mamãe! Quando papai ia-se opondo ao meu casamento, seu maior receio era a pobreza e a perseguição!

DOMINIANA — (Continuando) — E agora, qual é a paga que estou tendo? Essa rival? Que esforços para nos livrarmos de tantos compromissos sociais! Todos principiam a rodêar Rangel que já demonstra até vestígios de cansaço.

A MAE — Que ótimo, filha, seu marido encontrar-se em situação tão boa! Advogado hábil, Jornalista, Líder Partidário. Não deve deixar que ele fuja à glória que o chama. Será também sua um pouco!

RANGEL — (Entra em cena, meio arrumado com o xale) — Que rumores são esses que não me permitem dormir? Por que minha mulher me deixou na cama este bilhete, cheio de desconfiança, dizendo que vai-me abandonar?

DOMINIANA — Irei sim, se ficar provado que aquela outra. Já sabes!

RANGEL — Dominiana, minha querida, te juro que só tenho a ti. Sou homem de responsabilidade e não desejo outros torresminhós...

DOMINIANA — Se acreditar em ti, acaba mesmo virando torresmo enrolada...

RANGEL — (A sogra) — Minha sogra, queira perdoar-me e à sua filha, que brigamos tanto porque nos amamos; é que ainda, em meu coração, só cabem ideais republicanos.

A SOGRA — Meu marido também já disse isso. Pelo amor de Deus, não me façam desconfiar de ambos!!!

O SOGRO — (Chegando e entrando em cena) — Afinal, que comício é este a estas horas? (Fumando charuto).

RANGEL — As líderes estão-se desentendendo!

O SOGRO — Pois olhe, se esse não é verdadeiro, vou convidar-te para a maior das reuniões, a que não podes faltar, amanhã, 15 de novembro, quando Campos Sales mandará chamá-lo para compor a junta governativa de São Paulo, juntamente com Prudente de Moraes e o Coronel Muniz.

RANGEL — Não, não vou!

CEL. JOAQUIM — Afinal por que, depois de tanto esforço?

A SOGRA — (Mãe de Dominiana) — Eu acho que ninguém leve ir! O Rangel desentendeu-se com Dominiana. Desconfio desta República, motivo para farras! Ouviram! (Apontando com dedo em riste).

CEL. JOAQUIM — Mulher, comigo a coisa é séria! Será que estes anos todos não te têm bastado para te convenceres do que sou?

A ESPOSA — Mas o Rangel, também. Há quanto tempo já está casado até à conquista amorosa que está a aborrecer nossa filha? Naquele teu mesmo estilo! De trem barato!

CEL. JOAQUIM — O Rangel?

A ESPOSA — Sim, o Rangel, teu companheiro de viagens pelos subúrbios...

CEL. JOAQUIM — Então deve uma explicação. (Enquanto isso Rangel procura baixinho, a um canto, convencer a esposa). Ambos gesticulam, falando cada qual ao ouvido de outro).

CEL. JOAQUIM — (Continuando) — Se estão enciumadas por causa daquelas fotografias em que ele aparece no trem — e em comícios — ao lado de certa senhora, tudo deve ser esclarecido.

DOMINIANA — Que fotografias, papai?

CEL. JOAQUIM — Estas aqui (Exibe-as) Fui buscá-las, agora, no fotógrafo. (Dominiana examina-as).

RANGEL — (De braços abertos) — Viu, querida, como eu tinha razão?



DOMINIANA — (Aproximando-se e deitando a cabeça ao ombro do marido) — Realmente, assim posso-me orgulhar de ti. Já estava me sentindo tão tristonha, ultimamente!

CEL. JOAQUIM — (A Rangel) — É bom mesmo que você lhe explique tudo, e até à minha senhora.

RANGEL — (De mãos dadas com Dominiana, falando à sogra) — Realmente, aquele dia, quando cheguei a Tietê, a 7 de julho, fui recebido na estação por grande massa popular. As 19 horas fui ao Teatro local, onde pronunciei minha conferência sobre o regime republicano. E D. Edite Saboia, como escritora, fôra convidada para relatar o feito. E foi em meio à Marselhesa e outros hinos executados pela banda local que vim a saber que Dominiana havia saltado, já não era mais companheira de caravana... Como pode avaliar, não tive mais gosto para nada...

DOMINIANA — Será mesmo, querido? (Acarinha-o).

RANGEL — Sinceramente. Mal tive palavras para agradecer aos que lá foram comigo afirmar que "somos filhos de um país onde impera realmente a liberdade!"

(De repente, àquela hora da noite, os presentes são despertados por umas pancadas na porta).

— Com licença? (Uma voz por trás do cenário).

A MAE DE DOMINIANA — Ué, quem será? A estas horas?

(Súbito, entra em cena D. Luiza, mãe de Rangel, acompanhada de Maricota, tôda bonita, bem vestida, de braço com o "seu" Manoel, o Florista (com 2 ou mais filhos). Vão entrando e cumprimentando a todos. Um por um, de cada vez, com muita intimidade.

D. LUIZA — (Explicando aos presentes) — Não poderia deixar de atender ao último pedido destes dois, para virmos aqui a São Paulo agradecer a meu filho Rangel o que fizera por eles.

RANGEL — Será sempre um prazer revê-los. Mas não creio haja eu feito algo de especial...

O FLORISTA — Então, senhor doutor Rangel Pestana (Linguagem bem clara, lusa e inteligente) é preciso eu **dizeire** alguma coisa, e agradeceire de coração os benefícios que me proporcionou

com as suas campanhas... Hoje, sou homem feliz e realizado (os outros em expectativa).

RANGEL — Como assim, "seu" Manoel?

O FLORISTA — Cá está a minha Maricotinha, a minha mulata, que sem o movimento abolicionista e libertador, talvez ainda permanecesse na noite dos tempos... (Todos riem, inclusive Rangel).

RANGEL — Ora, "seu" Manoel, é muita bondade sua, vindo até aqui só para me agradecer! Vamos festejar isso! É melhor!

"SEU" MANOEL, O FLORISTA — É que vim falar também em nome de milhares de cidadãos lusos como eu, atraídos por esta terra fecunda. (Todos se riem) Olhe só o produto dela! (Exibe o filho). (E Maricota, que se encabula).

RANGEL — Afinal, se o senhor é feliz, aproveite, que este Brasil é imenso, e nêle haverá lugar para todos. (E virando-se para Dominiana) — Querida, pelo que vejo, valeu a pena o nosso sacrifício, pois não?

DOMINIANA — Por certo que valeu, como não? (Abraçam-se para o final).

O FLORISTA — Então, viva o iguaçuano! Viva Iguaçu! (Apon-tando para Rangel) — Viva o Brasil!

Desce o pano.

F I M



Composto e impresso nas  
oficinas da CIA. BRASI-  
LEIRA DE ARTES GRA-  
FICAS — Rua Riachuelo,  
128 — Rio de Janeiro (GB)

Mais outras:

"O Prof. Juvenal, de Matemática, sempre me tratava com bastante atenção. De uma feita, ao me chamar ao quadro, juntando as extremidades dos dedos de ambas as mãos, naquela atitude de expectativa, usou o diminutivo:

— Marcelinho, venha ao quadro!

Como julgasse o tratamento impróprio a um rapaz crescido como eu, de 18 anos, com muita seriedade e ênfase exclamei:

— Professor, se o senhor me chamar como homem, irei...

Juvenal achou graça e, sem modificar a atitude, prosseguiu:

— Está bem: Marcelão, venha ao quadro!

Como não podia deixar de acontecer, a turma toda riu. Até eu, pelo inesperado. E o obedeí, pela graça e presença de espírito, também reveladas".

"De outra ocasião, o dr. Ernani tornou-se substituto eventual do Brito, numa aula de Química. Mandou aparelhar a mesma com tubos-de-ensaio e reagentes sobre a mesa.

Misturava umas coisas com outras e, muito alerta, mal as cores começavam a aparecer, ele rapidamente se manifestava.

Quando eu tomei o iodeto de potássio e o juntei ao nitrato de prata, acentuou:

— Agora, essas duas substâncias reagindo, darão um precipitado... E, enquanto derramava o conteúdo de um tubo-de-ensaio no outro, rápido, gritei, numa fração de segundo:

— AMARELO!

O dr. Ernani então, muito sem-graça determinou:

— Amarelo, sim, seu saliente, mas vai ficar de castigo, pela ingerência indébita..."

Marcelo Borges



## REMINISCÊNCIAS...

...representam: memória, recordação, aquilo que se conserva e relutiva.

De fato, o presente volume traduz um esforço do autor, no sentido de ser fiel a tudo quanto viu e ouviu como ginásiano — período em que aflorou uma plêiade de jovens cujos exemplos são dignos de emulação e louvor.

Antes, em sua terra natal — Nova Iguaçu — já mostrara, em inúmeros volumes, sem nenhum apôio moral ou financeiro da Municipalidade, e, mesmo, de seus confrades, — alguns, indiferentes e omissos; outros, contundentes — até onde pode chegar seu baicrismo idealista, bem como seu amor à terra em que nasceu.

Agora, em "REMINISCÊNCIAS..." atingiu o ápice, revelando onde se plasmou a sua genuína formação.

Quem quiser certificar-se, que o folheie...